



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

MARILDA CABREIRA LEÃO LUIZ

**RETRATOS DA ESCOLA: A ORGANIZAÇÃO DO ACERVO
FOTOGRAFICO E A UTILIZAÇÃO DE IMAGENS
COMO FONTES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO**

DOURADOS-MS

2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS

MARILDA CABREIRA LEÃO LUIZ

**RETRATOS DA ESCOLA: A ORGANIZAÇÃO DO ACERVO
FOTOGRAFICO E A UTILIZAÇÃO DE IMAGENS
COMO FONTES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, na Área de Concentração: História, Políticas e Gestão da Educação.

Orientador: Prof. Dr. Reinaldo dos Santos.

DOURADOS-MS

2012

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD

370.98171 Luiz, Marilda Cabreira Leão.
L953r

Retratos da Escola : a organização do acervo fotográfico e a utilização de imagens como fontes em história da educação / Marilda Cabreira Leão Luiz. – Dourados, MS : UFGD, 2012.
135 f.

Orientador: Prof. Dr. Reinaldo dos Santos
Dissertação (Mestrado em Educação) –
Universidade Federal da Grande Dourados.

1. Educação - Dourados. 2. Educação - História. 3.
Fotografia; 4 Fontes de informação. I.Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

LUIZ, Marilda Cabreira Leão. Retratos da escola: a organização do acervo fotográfico e a utilização de imagens como fontes em história da educação. Dissertação. (Mestrado em Educação). Universidade Federal da Grande Dourados. 2012. 135 f.

BANCA EXAMINADORA:

1º Examinador (Presidente)

Prof. Dr. Reinaldo dos Santos - Orientador

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) Assinatura: _____

2º Examinador

Profª. Dra. Alessandra Cristina Furtado

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) Assinatura: _____

3º Examinador

Prof. Dr. Alexandre Busko Valim

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Assinatura: _____

Suplente

Profª Dra. Magda Carmelita Sarat Oliveira

Universidade federal da Grande Dourados (UFGD) Assinatura: _____

Dourados, MS, 02 de Abril de 2012

*Dedico este trabalho à minha filha Valesca, meus pais
Valeriano e Irene, meu esposo Jair, e em especial
ao Reinaldo dos Santos.*

Representações importantes na minha vida!

AGRADECIMENTOS

Na oportunidade desta pesquisa se fez necessário, muitas vezes, percorrer caminhos diferentes e solicitar ajuda a algumas pessoas, que, somados todas, num conjunto do mesmo propósito, à força maior Deus, muito contribuíram para a realização deste trabalho.

Em especial, meus agradecimentos vão para:

O professor Reinaldo dos Santos, exemplo de vida, de profissionalismo e de dedicação, pela atenção disponibilizada a mim e ao meu trabalho. Ganhei muito e continuo ganhando muito, pessoalmente, profissionalmente e em termos de conhecimentos, por ter um orientador muito especial.

À professora Alessandra Furtado, que sempre se colocou à disposição durante a realização do curso, pelas considerações e sugestões, tanto nas aulas como no exame de qualificação, que muito contribuíram para a elaboração deste trabalho.

O professor Alexandre Valim, que não mediu a distância, para se fazer presente com suas tão preciosas considerações e sugestões no exame de qualificação, seus argumentos foram chaves para a concretização deste trabalho.

À professora Magda Sarat, pelas sugestões e contribuições, desde o início no curso, durante as aulas, até a concretização deste trabalho.

Aos professores do PPGEDU: Alessandra, Dirce Nei, Elisângela, Gebara, Magda, Maria do Carmo, Marilda Bruno e Reinaldo, que muito contribuíram com seus conhecimentos, proporcionando-nos uma formação de qualidade.

À Escola Estadual Rotary Dr. Nelson de Araújo, representada na pessoa da diretora Sandra, por ter aberto as portas e acolhido minha pesquisa, e aos professores e funcionários que me acolheram durante a pesquisa na escola.

À Prefeitura Municipal de Dourados, por meio da Secretaria Municipal de Educação, por conceder meu afastamento para conclusão do mestrado.

À Escola Municipal Pref. Álvaro Brandão, representada na pessoa da diretora Ana Amélia e dos membros do Conselho Escolar, que não mediram esforços para minha liberação.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisas de Educação Inclusiva – GEPEI – e ao Grupo de Estudos e Pesquisa da Educação e Tecnologia da Informação e Comunicação – GEPETIC – pelos momentos de reflexão e socialização do conhecimento.

À professora Maria de Lourdes, pelos momentos de atenção e colaboração.

À Secretaria do Programa de Pós Graduação em Educação, que não mediu esforços no pronto atendimento às solicitações e encaminhamentos.

Em especial a minha filha Valesca, grande amiga que sempre me acompanhou e esteve presente em todos os momentos da caminhada, durante o curso até a concretização deste trabalho.

À minha família, esposo, pais, irmão, sobrinhos, cunhados, cunhadas, pela presença e apoio em todos os momentos da minha vida.

À Stella Zanchet, pela dedicação na organização da redação do trabalho.

À Zélia, muito querida, nos momentos de receptividade, na casa do orientador.

Aos colegas da turma do mestrado, pelos momentos de discussões, companheirismo e colaboração.

Aos colegas de trabalho da Escola Alvaro Brandão, que em momento algum deixaram de se preocupar com minha pessoa e me apoiaram.

À SICAPEL Papelaria, pelo patrocínio de materiais para a organização do arquivo da minha pesquisa.

A todos que de forma direta ou indiretamente colaboraram para a realização desse trabalho.

Recebam meu carinho e minha gratidão!

Muito obrigada!

“A sociedade empenha-se em tornar a Fotografia séria, em temperar a loucura que ameaça constantemente explodir no rosto de quem a contempla. Para tal, tem dois meios à sua disposição.

O primeiro consiste em fazer da Fotografia uma arte, porque nenhuma arte é louca. Daí a insistência do fotógrafo em rivalizar com o artista, submetendo-se à retórica do quadro e ao seu modo sublimado de exposição. A Fotografia pode ser efetivamente uma arte, quando nela já não há loucura, quando o seu poema é esquecido e, portanto, a sua essência já não age sobre mim. Julgam que, diante das Promeneuses do comandante Povo, fico perturbado e exclamo: “Isto foi”? O cinema participa nesta domesticação da Fotografia – pelo menos o cinema de ficção, precisamente aquele que é considerado a sétima arte. Um filme pode apresentar os signos culturais da loucura, mas nunca o é por natureza (por estatuto icônico). Ele é sempre o contrário de uma alucinação; é apenas uma ilusão. A sua visão é sonhadora e não ecmnésica.

O outro meio de tornar séria a Fotografia é generalizá-la, gregarizá-la, banalizá-la, ao ponto de já não haver diante dela qualquer outra imagem em relação à qual possa demarcar-se, afirmar a sua especialidade, o seu escândalo, a sua loucura. É o que se passa na nossa sociedade, em que a Fotografia esmaga com a sua tirania as outras imagens: já não há gravuras, não há pintura figurativa, a não ser por submissão fascinada (e fascinante) ao modelo fotográfico. Perante os clientes de um café, alguém me disse precisamente: “Veja como são insípidos; hoje em dia, as imagens são mais vivas do que as pessoas.” Uma das características do nosso mundo é talvez essa reviravolta: vivemos segundo um imaginário generalizado. Reparem nos Estados Unidos: aí tudo se transforma em imagens. Só existem, só se produzem e só se consomem imagens. Dir-se-ia que o indivíduo anônimo (de forma nenhuma um autor), que aí é acorrentado e flagelado, só concebe o seu prazer se ele for acompanhado da imagem estereotipada (deformada) do sado-masoquista; o prazer passa pela imagem: é esta a grande mutação. Uma tal inversão levanta forçosamente a questão ética, não porque a imagem seja imoral, irreligiosa ou diabólica (como alguns declararam no advento da fotografia), mas porque, generalizada, ela desrealiza por completo o mundo humano dos conflitos e dos desejos, sob o pretexto de os ilustrar. O que caracteriza as sociedades ditas avançadas é o fato de essas sociedades consumirem hoje imagens e já não crenças, como as de outrora. Elas são, pois, mais liberais, menos fanáticas, mas também mais “falsas” (menos “autênticas”) – coisa que nós traduzimos, na consciência corrente, pela profissão de uma sensação de aborrecimento nauseabundo, como se a imagem, ao universalizar-se, produzisse um mundo sem diferenças (indiferente), do qual só pode surgir, aqui e ali, o grito de anarquismos, marginalismos e individualismos: eliminemos as imagens, salvemos o Desejo imediato (sem mediação).

Louca ou séria? A fotografia pode ser ambas as coisas: séria, se o seu realismo permanecer relativo, temperado por hábitos estéticos ou empíricos (folhear uma revista no cabeleireiro, no dentista); louca, se esse realismo for absoluto e, se assim se pode dizer, original, fazendo regressar à consciência amorosa e assustada a própria marca do Tempo: movimento propriamente revulsivo, que altera o curso da coisa, e que chamarei para concluir o êxtase fotográfico. São estes os dois caminhos da Fotografia. Cabe-me a mim escolher, submeter o seu espetáculo ao código civilizado das ilusões perfeitas ou enfrentar nela o despertar da inacessível realidade.”

15 de Abril – 3 de Junho de 1979

BARTHES, Roland. A Câmara Clara.

Trad. Manuela Torres. Edições 70, Lisboa – Portugal. 1981.

Disponível em:

<http://obomleao.wordpress.com/2009/12/04/roland-barthes-a-camara-clara/>

LUIZ, Marilda Cabreira Leão. Retratos da escola: a organização do acervo fotográfico e a utilização de imagens como fontes em história da educação. Dissertação. (Mestrado em Educação). Universidade Federal da Grande Dourados. 2012. 135 f.

RESUMO

O ponto de partida desta pesquisa foi a organização das imagens fotográficas da Escola Estadual Rotary Dr. Nelson de Araújo, localizada na cidade de Dourados – Mato Grosso do Sul, Brasil. A partir disso, buscamos suporte em referenciais teóricos que abordam a fotografia como documento, como fonte para os pesquisadores e pesquisadoras em História da Educação. Para tanto, buscamos referências bibliográficas das Ciências Sociais, da Teoria da Comunicação e da História, para melhor compreender a importância da fotografia como registro da História e da Memória da instituição escolar. Nossa pesquisa também se estendeu com leituras na área da arquivística, o que nos auxiliou a realizar o trabalho de organização e catalogação dos registros fotográficos da referida escola. Ao mesmo tempo em que realizamos este trabalho no campo teórico, também incentivamos uma cultura de organização dos arquivos de imagens fotográficas, através de um plano de intervenção na escola. Desenvolvemos um projeto com alunos e professores para incentivar e estimular a comunidade escolar, dentro de seus limites e possibilidades, arquivar, organizar e disponibilizar sua memória imagética. Utilizando-se dos recursos tecnológicos disponíveis na escola, como computador, scanner, câmera digital, impressora, promovemos a catalogação e digitalização do acervo fotográfico da escola. Organizamos três tipos de acervos com as imagens: um acervo físico com as imagens originais, um acervo de reprodução das imagens, e um acervo digital para disponibilização e acesso. Embora não fazendo parte dos objetivos a análise das imagens, mesmo assim, foi feito um diálogo a partir delas, na tentativa de mostrar que, além de disponibilizar sua memória imagética, é possível refletir sobre as imagens fotográficas, como forma de registrar o contexto histórico da escola.

Palavras-chave: Educação; História da Educação; Fotografia

LUIZ, Marilda Cabreira Leão. Retratos da escola: a organização do acervo fotográfico e a utilização de imagens como fontes em história da educação. Dissertação. (Mestrado em Educação). Universidade Federal da Grande Dourados. 2012. 135 f.

ABSTRACT

This research started with the organization of pictures about the State's School Rotary Dr. Nelson de Araújo, in the city of Dourados, state of Mato Grosso do Sul, Brazil, in the period from 1980 to 2010. About this, we search for theoretical references that conceive pictures as document, as an source in Educacional History. We look for theories in Social Sciences, Communication and History, to understand the importance of pictures as a record of history and memory of scholar institution. Our research also extended with readings in the field of archives, what helped us to work in the organization of the pictures of the school. In the same time, we encourage a culture of organization, through a plan of intervention in the school. We had developed a project with students and teachers to encourage the scholar community to archive, organize and deliver your imagery memory. Using technological resources available at school, such as computer, scanner, digital camera and printer, we promote the cataloging and digitization of the school photographic collection. We organize three types of image archives: a physical collection with the original images, and a digital archive for provision and access. Although it wasn't part of the objective, we made an analysis of some images, to show how its possible to make a dialogue with the images, as a way to study the historical context the school.

Key words: Education, History of Education; Photography

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACOES

CEE	Conselho Estadual de Educação
CIA	Conselho Internacional de Arquivos
CONARQ	Conselho Nacional de Arquivos
CTG	Centro de Tradies Gachas
DVDS	Digital Versatile Disc. Disco Digital Verstil
EJA	Educação de Jovens e Adultos
MS	Mato Grosso do Sul
MT	Mato Grosso
RAMP	Records and Archives Management Program
SED	Secretaria Estadual de Educação
STE	Sala de Tecnologias Educacionais
TVS	Televisores
UDN	União Democrática Nacional
UFGD	Universidade Federal da Grande Dourados
UNIGRAN	Centro Universitário da Grande Dourados
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

LISTA DE FICHAS E QUADROS

Ficha 1	Ficha para identificação das imagens fotográficas	43
Quadro 1	Dados coletados das imagens nas décadas de 1930 a 1960 médico Nelson de Araújo	45
Quadro 2	Dados coletados das imagens - década 1980	45
Quadro 3	Dados coletados das imagens – década 1990	46
Quadro 4	Dados coletados das imagens - década 2000	46
Quadro 5	Total das imagens fotográficas coletadas por temas no período de 1980 a 2010.	47
Quadro 6	Dados das imagens organizadas pela turma do 3º A período matutino	74
Quadro 7	Dados das imagens organizadas pela turma do 3º B período vespertino	74

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	Visita dos Alunos na UNIGRAN	50
Imagem 2	Alunos na sala de tecnologia	52
Imagem 3	Brincadeiras com bambolês na escola	54
Imagem 4	Homenagem a Bandeira Nacional	57
Imagem 5	Solenidade de formatura da EJA	59
Imagem 6	Alunos do pré escolar na escola em 1998	61
Imagem 7	Sala de aula da Educação Infantil	63
Imagem 8	A direção na sala de aula	76
Imagem 9	Projeto Memória Imagética na STE	77
Imagem 10	Festa junina- década de 1980	91
Imagem 11	Festa junina – década de 1990	93
Imagem 12	Festa junina – década de 2000	96
Imagem 13	Alunos e professora	99
Imagem 14	Alunos da 2ª fase do Ciclo II	102
Imagem 15	Alunos e professores no pátio da escola	105
Imagem 16	Fachada da lateral da escola em 1980	107
Imagem 17	Fachada da frente da escola em 1990	109
Imagem 18	Fachada da frente da escola no início do ano 2000	111
Imagem 19	Fachada da escola em 2010	116
Imagem 20	Fachada atual da escola em 2011	117

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I	19
A IMPORTANCIA DA FOTOGRAFIA COMO FONTE NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO	19
1.1 Entre a História e a Educação: pensando as fontes	20
1.2 A fotografia como fonte de pesquisa em História da Educação	25
1.3 As imagens fotográficas nos manuais da arquivística	26
1.4 As imagens no contexto digital	31
1.5 Acervos escolares: desafios e perspectivas	36
CAPITULO II	42
O ACERVO FOTOGRÁFICO DA ESCOLA ESTADUAL ROTARY DR NELSON DE ARAUJO	42
2.1 O fazer da pesquisa	42
2.2 A organização das imagens	47
2.3 O projeto de intervenção	64
2.4 O acervo organizado	78
CAPITULO III	81
A IMAGEM FOTOGRÁFICA COMO FONTE NA HISTÓRIA DA ESCOLA	81
3.1 O contexto da pesquisa	81
3.2 As fontes organizadas na historia da escola	85
3.3 As imagens: mudanças e permanências	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
BIBLIOGRAFIA E REFERÊNCIAS	128

INTRODUÇÃO

O estudo em História da Educação, no sentido de conhecer e explorar as estruturas sociais, políticas e culturais atuais de instituições escolares, vem estabelecendo conexões entre o presente e o passado, por meio de historiadores e ou pesquisadores, interessados na ampliação das fontes documentais.

As imagens fotográficas no século XX ganharam destaques como documentos históricos, principalmente nas Ciências Sociais, e passaram a se constituir como fontes em pesquisas nas outras áreas como a História e a História da Educação.

As imagens fotográficas como fontes de pesquisas históricas, visam o reconhecimento da contribuição da História da Educação para com o campo da História. Neste sentido, o grande anseio nesta pesquisa foram as imagens fotográficas no acervo da escola pública.

Martins (2009), alerta para as novidades das imagens nas ciências humanas, e propõe uma leitura sociológica possível da fotografia, apontando que, sem uma referência teórica apropriada que permite interpretar a fotografia, tanto na Sociologia quanto na Antropologia e na História, a imagem não passará de mera e vazia ilustração de textos.

Esta pesquisa passa exatamente pelas considerações de Martins (2009), ao propor trabalhar com as imagens fotográficas enquanto fontes em História da Educação, com auxílio de outros autores que discutem a mesma temática como Mauad (1996), Le Goff (1992), dentre outros.

A imagem fotográfica é uma fonte nova que vem sendo discutida atualmente em pesquisas históricas, nas quais os pesquisadores, muitas vezes, deparam com o desafio de primeiro organizar os acervos imagéticos, para depois submetê-los às análises.

Para pesquisar o passado através de documentos imagéticos, o pesquisador precisa se reportar a alguns questionamentos como base para sua pesquisa, como pontuou Sato e Costa:

Como testemunhos históricos, as imagens podem revelar as maneiras de sentir e pensar de um grupo social, a maneira como a memória coletiva vai sendo construída, criando laços e unindo membros de uma mesma coletividade. Através delas, é possível perceber como homens e mulheres de

diferentes épocas se apropriam de seu passado, conjugam-no com seu presente e apontam saídas para o futuro. Portanto, ao analisar uma fotografia, o pesquisador deve fazer as perguntas que caracterizam o início de todos os trabalhos e reflexões: Quando? Onde? Quem? Para quem? Para quê? Como? (SATO E COSTA, 2007, P. 3).

Em razão disso, a imagem fotográfica não pode ser entendida simplesmente como mera ilustração, para deixar o texto mais chamativo ou agradável para o leitor, ela pode desvendar informações de certo período da vida das pessoas, de um grupo ou de uma instituição.

Esta pesquisa se consolida na organização do acervo imagético de uma escola pública, o que inclusive incentiva as pessoas que fazem parte do grupo escolar a participar de uma cultura de organização dos acervos de imagens fotográficas. Além da comunidade escolar, nesta tarefa tivemos como aliado os recursos tecnológicos disponíveis na escola.

O projeto inicial para inscrição e seleção do Mestrado em Educação na UFGD tinha como expectativas a realização deste trabalho de arquivo fotográfico na Escola Municipal Prof. Álvaro Brandão de Dourados – MS. Porém, a banca de seleção sugeriu a troca do lugar da pesquisa por outra escola, já que faço parte do quadro funcional efetivo como coordenadora pedagógica Escola Municipal Prof. Álvaro Brandão há mais de dez anos. Esse envolvimento com esta escola e com a sua história poderia prejudicar o olhar de pesquisadora durante a investigação.

Acatada a sugestão da banca em mudar a instituição a ser pesquisada, em comum acordo com o orientador da pesquisa, mediante a reformulação do projeto, optamos pela Escola Estadual Rotary Dr. Nelson de Araújo, por ser também uma instituição pública situada na área central da cidade de Dourados – MS, a qual não se difere da realidade da maioria das escolas públicas do Município de Dourados. A mesma desenvolve suas atividades de acordo com a proposta pedagógica, atendendo aos anseios da Secretaria Estadual de Educação do Estado de Mato Grosso do Sul.

Optamos pela escola Estadual Rotary Dr. Nelson de Araújo, por ser pública, e como toda escola pública, não dispõe de recursos suficientes para manutenção, principalmente, em relação a acervos documentais, organizando só o necessário para atender aos anseios dos órgãos centrais responsáveis, e pela semelhança com a Escola Álvaro Brandão nesses aspectos, principalmente por não desenvolver uma prática de organização do seu acervo imagético.

A escola na maioria das vezes deixa de se preocupar com a organização das fotografias, talvez pela falta de uma cultura de conhecimento no sentido de buscar o apoio dos recursos tecnológicos disponíveis na escola, como suporte na organização da documentação imagética. Toda escola pública, atualmente, dispõe dos recursos tecnológicos como scanner, computador, câmera digital, impressora, o que pode facilitar a organização do seu arquivo de documentos escritos e imagéticos, sem investimento de altos custos.

Com o projeto de pesquisa reformulado, após leituras dos textos e livros das disciplinas cursadas, e outras leituras de abordagens teóricas metodológicas sobre a temática ora proposta, a primeira etapa foram as visitas na escola lócus da pesquisa. E por se tratar de uma pesquisa na temática envolvendo imagens e tecnologias, de uma instituição escolar, em especial àquelas com pouca ou nenhuma tradição em arquivamento dos documentos para preservação da memória, utilizamos do diálogo com a gestão da escola, explicando a importância de organizar o acervo fotográfico da escola, obtendo dessa forma autorização para a pesquisa.

Propôs-se como objetivo geral nesta pesquisa, a sistematização das imagens fotográficas da Escola Rotary Dr. Nelson de Araujo em arquivo escolar digital e físico e o desenvolvimento um projeto que estimulasse a autonomia para a própria escola organizar, arquivar e disponibilizar sua memória imagética.

Os objetivos específicos se constituíram em: a) Abordar aspectos teóricos metodológicos sobre imagens fotográficas e arquivos na literatura; b) Organizar o arquivo das imagens fotográficas da Escola Estadual Rotary Dr. Nelson de Araújo no período de 1980 a 2010, digitalizando e atribuindo funções e ementa de fotografia; c) Fomentar um arquivo de imagens através um plano de intervenção na escola, incentivando a mesma organizar o seu acervo fotográfico.

O próximo passo foi a investigação da situação das fontes imagéticas no acervo escolar, para a seleção e digitalização das imagens. Com a intenção, posteriormente, de estimular a escola a fazer o mesmo trabalho, por meio de um plano de intervenção envolvendo alunos e professores.

O nosso objetivo não comportou escrever a história da escola por meio das imagens, porém, após a organização das mesmas, observamos que era possível explorar algumas imagens como forma de mostrar o contexto histórico da escola, numa comparação de mudanças e permanências no período de 1980 a 2010.

Estabelecemos o período 1980 a 2010, pelo fato da nossa pesquisa ser por meio das imagens da Escola Estadual Rotary Dr Nelson de Araújo, sem a utilização de outras fontes. Embora a escola iniciasse suas atividades em 1975, não encontramos imagens referentes a este período, o que nos levou ter como marco inicial a década de 1980, período em que as fotografias começaram a se destacar na escola. Atualmente, as mesmas vem se constituindo em grande número pela popularização e disponibilização da câmera fotográfica digital.

O texto foi organizado em três capítulos, seguido das considerações finais, e as referências. O primeiro capítulo destaca as abordagens teóricas que fundamentaram esta pesquisa, principalmente na História da Educação, fazendo uma proximidade com as Ciências Sociais. Discute a problemática em relação à organização das imagens fotográficas nas escolas, aponta os desafios enfrentados e as perspectivas em relação aos acervos escolares, e aborda a importância dos recursos tecnológicos como aliados na organização das fotografias.

O segundo capítulo identifica o fazer da pesquisa, a organização das fontes imagéticas, os dados obtidos das imagens, bem como a organização das mesmas. Destaca o projeto de intervenção na íntegra, seguido do desenvolvimento do mesmo na escola e os resultados obtidos. E apresenta o arquivo das imagens organizadas sob forma de acervo físico, acervo de reprodução e acervo digital.

O terceiro capítulo identifica o universo da pesquisa, ressalta a importância de analisar as imagens fotográficas enquanto fontes, para a preservação da memória da escola. Apresenta análise de algumas imagens fotográficas, somadas ao ponto de vista sociológico e histórico, sob forma de uma descrição histórica, com o intuito de conhecer as mudanças ou permanências no âmbito escolar nas três últimas décadas.

Porém, como já citado anteriormente, a análise das imagens não fez parte dos nossos objetivos, mas diante da sugestão da banca de qualificação, na qual os professores fizeram contribuições determinantes para a concretização deste trabalho, avançamos no sentido de analisar algumas imagens. De posse das fontes organizadas, selecionamos onze imagens fotográficas para descrever sobre as mesmas, atendendo aos limites do tempo destinado a esta pesquisa.

A relevância maior deste trabalho em relação a outros desenvolvidos em instituições escolares se destaca na intervenção na escola, envolvendo alunos e professores, estimulando a escola dar continuidade no trabalho de organização do seu acervo fotográfico. Atualmente pesquisadores vão até as instituições escolares, organizam os acervos documentais e não

proporcionam oportunidade para a escola participar desta tarefa. A nossa pesquisa mostrou que é possível e necessário fazer esse trabalho na escola.

Outro diferencial foi quanto à análise das imagens. A pesquisa avançou para além do proposto nos objetivos, destacando a importância não só de organizar o acervo de imagens e disponibilizar, mas também mostrar que há possibilidades de fazer um registro histórico por meio das fotografias enquanto fontes organizadas.

Para Valim (2006), imagens são produções complexas que incorporam discursos sociais e políticos e demanda métodos de leitura e críticas. Apoiando nas palavras desse autor, a análise das imagens atingiu ao que se propôs.

As considerações finais relembram o percurso do trabalho, apresentam algumas respostas frente ao problema da pesquisa e as conclusões obtidas.

CAPÍTULO I

A IMPORTÂNCIA DA FOTOGRAFIA COMO FONTE NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Persiste, no senso comum, a ideia de que a História é a busca da verdade dos fatos, sendo o trabalho do historiador descobrir e conhecer documentos que ajudem a relatar e reconstruir os fatos históricos. Porém, a História, enquanto campo do saber tem passado por uma revisão epistemológica e metodológica nas últimas décadas.

Por volta da década de 1930 (tomando aqui a Revista dos Annales como um ponto de referência cronológica), surge um movimento historiográfico, a partir do qual, virtualmente, toda atividade humana pode ser passível de um estudo do historiador.

Marc Bloch, um dos precursores desse movimento conhecido como Escola dos Annales, se atentou para a ampliação das fontes historiográficas “[...] a diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, que toca, pode e deve informar sobre ele” (BLOCH, 2001, p.80).

A História, após a Escola dos Annales, é o investigar, não só o passado a partir de seus documentos, mas passa a ser também a interpretação do passado a partir de elementos do presente.

Na perspectiva tradicional, a História é considerada uma ciência que (re)produz os feitos e eventos dos Estados e dos estadistas, sendo apenas esses “grandes atos” políticos merecedores de registro e análise. Já na corrente da Nova História, que surge no esteio do relativismo cultural, se destrói “a tradicional distinção entre o que é central e o que é periférico na história” (BURKE, 1992, p.12), dando assim, espaço para o surgimento de novos sujeitos e objetos de pesquisa, abrangendo diferentes possibilidades de estudos históricos.

A História encontrou e continua encontrando um grande número de historiadores e ou pesquisadores interessados pela curiosidade em pesquisas científicas. No século XIX, as investigações foram alvo de estudos que envolveram significativa sequência de fatos, fases e procedimentos que forçaram as pesquisas imigrarem para a História da Educação. É nesse contexto de novas fontes e novas metodologias para o fazer historiográfico, que situamos a

História da Educação, uma área de pesquisa que também vem passando por transformações e que vem sendo construída na intersecção de vários campos de saber.

A História Cultural é aquela que se volta para o cotidiano, mergulhado no mundo da cultura. Roger Chartier (1990) debate as aproximações entre Arqueologia e História, destacando a importância do conhecimento histórico. Também Funari (2006), na questão teórico metodológica, pontua que a arqueologia brasileira se relaciona com a História, onde a cultura material, principalmente no Brasil se dá num contexto histórico.

A História da Educação como disciplina, surge no final do século XIX. “[...] como disciplina nas escolas normais e nos cursos de formação de professores” (STEPHANOU E BASTOS, 2005, p. 424).

As pesquisas nos arquivos escolares começam a ganhar espaço na história da educação por volta dos 1990, conforme ressalta Furtado:

As pesquisas acerca da história das instituições escolares, de seus arquivos e fontes ganharam espaço na historiografia educacional brasileira, a partir dos anos 1990, influenciadas pelas novas correntes historiográficas, oriundas da Escola Francesa, especialmente pela Nova História Cultural (FURTADO, 2011, p. 148)

A História da Educação tem se encarregado de investigar e interpretar realidades culturais de instituições públicas. E sob esta perspectiva, buscamos, neste capítulo, correlacionar o caminhar das ciências humanas com a construção dos saberes na História da Educação. Com isso, temos como um dos nossos objetivos, delinear as bases teóricas que fundamentam nossa proposta de pesquisa.

1.1 Entre a história e a educação: pensando as fontes

Cabe ao historiador e ou pesquisador ir em busca das informações do passado através dos documentos, e fazer a seleção do que necessita e é viável para sua pesquisa, para depois proceder a organização dos mesmos e até mesmo a análise. Daí a necessidade de organização das fontes.

Para o significado de fontes, buscamos Funari:

Fonte é uma metáfora, pois o sentido primeiro da palavra designa uma bica d’água, significado esse que é o mesmo nas línguas que originaram esse conceito, no francês, source, e no alemão, Quell. Todos se inspiraram no uso figurado do termo fons (fonte) em latim, da expressão “fonte de alguma coisa”, no sentido de origem, mas com um significado novo. Assim como das fontes d’água, das documentais jorrariam informações a serem usadas pelo historiador. Tudo que antes era coletado como objeto de colecionador, de estátuas a pequenos objetos de uso cotidiano, passou a ser considerado

não mais algo para o simples deleite, mas uma fonte de informação, capaz de trazer novos dados, indisponíveis nos documentos escritos (FUNARI, 2006, p.85).

As fontes são necessárias para a garantia de um bom trabalho. “Não fazemos bons trabalhos na área sem respeitar a empiria contra a qual lutamos; e todos já deparamos com a dificuldade de recolher fontes impressas e arquivísticas, geralmente lacunares, parcelares e residuais” (NUNES e CARVALHO, 1993, p.23).

Se é na busca de dados históricos que o educador se transforma em historiador, torna-se importante discutir quais são as fontes possíveis para quem pesquisa a História da Educação, e como se deve trabalhar para um olhar crítico sobre estas informações. Neste campo, destacam-se vários tipos de fontes que o historiador e ou pesquisador pode recorrer, mesmo sabendo que, em relação aos arquivos de documentos imagéticos, vai encontrá-los muitas vezes desorganizados, necessitando dessa forma, uma busca e seleção do material que vai utilizar como fonte de pesquisa no seu trabalho.

Para Mauad (1990), a fotografia se constitui numa fonte histórica de uma determinada época. Pode se constituir em documento de várias interpretações. Inclusive identificando um certo período, como forma de expressão e conteúdo. A fotografia é um documento comum nas escolas na década de 1990, podendo ser apreciada como fontes de investigação histórica, bem como a reconstrução da memória.

Para Ulpiano de Meneses (2003), muitos historiadores tem destacado a importância da utilização das fontes visuais desde a década de 1960. Revelando dessa forma que as fotografias já vem a décadas sendo alvo de exploração. E um dos espaços dessa exploração são os acervos das escolas.

No século XVII surgem as primeiras pesquisas históricas tendo fotografias como fonte, mas o marco da aceitação da fotografia como documento histórico se dá em meados do século XIX. Le Goff (1992) destacou que, nesse período, a História vê e passa a dar visibilidade às massas dormentes, e é nesse momento que se inaugura a era da documentação de massa.

A transição do século XIX para o século XX despertou a tendência de consideração da fotografia como registro dos fatos. Por detrás de uma câmera houve pessoas, com interesse em divulgar suas ações sociais ou que, no mínimo, ao captar uma imagem estavam reproduzindo o recorte de uma realidade que compreende o mundo que as cercam.

Os documentos se constituem em várias características, daí a observação que deve ter o pesquisador em relação aos mesmos, conforme Le Goff:

O documento não é inocente, não decorre apenas da escolha do historiador, ele próprio é parcialmente determinado por sua época e seu meio; o documento é produzido consciente ou inconscientemente pelas sociedades do passado, tanto para impor uma imagem desse passado, quanto para dizer “a verdade” (LE GOFF, 2004, p. 54).

O desafio de analisar o documento como uma versão sobre os fatos, nos parece mais evidente quando nos propomos a analisar imagens, especialmente a fotografia, que, no senso comum, é considerada um espelho (e não um recorte) da realidade. Como documento, a fotografia representa um fato concreto e, ao mesmo tempo, uma interpretação. Assim, ao analisar uma imagem fotográfica estamos explorando a realidade que revela em si, e também estudando a memória e a história.

Para Mauad (1995), a imagem fotográfica compreendida como documento revela aspectos da vida material de um determinado tempo, que a mais detalhada descrição verbal não daria conta. Mas, a autora faz ressalvas a alguns problemas de natureza técnica da imagem fotográfica, sendo importante destacar que os atos de fotografar, de apreciar e de consumir uma fotografia permeiam construções ideológicas.

Para Sato e Costa (2007), as imagens como testemunhos históricos, podem nos revelar as maneiras de sentir e pensar de um grupo social, o modo como a memória coletiva se constrói, criando laços e unindo membros de uma coletividade, sendo possível perceber como os homens e mulheres de diferentes épocas se apropriam de seu passado, conjugam-no com seu presente e apontam saídas para o futuro. Para isso, ao analisar uma fotografia, o pesquisador deve sempre questionar: Quando? Onde? Quem? Para quem? Para quê? Como? A fotografia informa sobre os cenários, personagens e acontecimentos de uma determinada época.

Para as autoras, baseadas em Burke (2004), as fotografias mostram aspectos do passado que outras fontes não conseguem revelar, principalmente nos casos em que os documentos são raros e poucos. As imagens se constituem em registros por meio dos quais os historiadores podem estabelecer diálogos, indagar e realizar estudos.

Por exemplo, a fotografia jornalística, deve ser analisada no contexto da sua publicação. Consideradas suas condições editoriais, esta fotografia é também um testemunho histórico, e por isso não pode ser entendida como mera ilustração para deixar o texto mais

chamativo ou agradável para o leitor. Para Mauad (1996), a imagem fotográfica passa pela ideia de mensagem:

A ideia central é apresentar a fotografia como uma mensagem que se elabora através do tempo, tanto como imagem/documento quanto como imagem/documento tanto como testemunho direto quanto como testemunho indireto do passado (MAUAD, 1996, p.73).

A fotografia se constitui como uma mensagem marcada pelo tempo, que pode se tornar um testemunho direto ou indireto sobre o passado, expressando costumes, características e modo de se apresentar naquele momento.

Walter Benjamin (1994) em “Pequena História da Fotografia” afirmou que a fotografia surgiu na década de 1830, como resultado da conjugação do engenho, da técnica e da oportunidade. Ainda no século XIX a distinção entre técnica e magia não era tão clara quanto hoje, e por isso, a fotografia era motivo de encanto e mística. Considerava-se, então, que a fotografia transmitia aspectos individuais da pessoa fotografada.

No ensaio “A Obra De Arte na Época de sua Reprodutibilidade Técnica” (1936), o filósofo Walter Benjamin frente às novas possibilidades de reprodução técnica desenvolvidas entre os séculos XIX e XX, a obra de arte perdeu a sua “autenticidade” e “autoridade”, características que lhes eram conferidas através de sua originalidade, unicidade e duração no tempo. Aliás, autenticidade e duração são qualidades que perdem o sentido quando falamos de cinema e fotografia, duas técnicas de produção e reprodução de bens culturais que romperam os paradigmas do que era arte até então.

Para Benjamin (1994), as novas técnicas de reprodução da arte (fotografia e cinema) promoveram a democratização no campo das novas experiências estéticas do século XX, um diagnóstico para o indivíduo e a sociedade de seu tempo. A teoria de Benjamin descreve uma transformação na percepção do homem contemporâneo, e corresponde ao surgimento de uma nova concepção de arte no século XX.

Quem abordou mais sobre as técnicas de produção de mensagens através de imagens foi Peter Burke (2004), colocando que a aparência das imagens mudou, pois nos estágios iniciais tanto da gravura em madeira quanto da fotografia em preto e branco, foram substituídas por pinturas a cores. Os anos 1990, marca a chegada das imagens digitais, o poder de manipulação e montagem de fotografias com mais força ainda. Sobre esse assunto o próprio Burke ressaltou:

Se nós consideramos imagens individuais com menos seriedade do que fizeram nossos antepassados, um aspecto que ainda deve ser provado, isto pode ser um resultado não da própria reprodução, mas sim da saturação de nosso mundo de experiência por uma quantidade crescente de imagens, (BURKE, 2004, p. 22).

Para Le Goff, a imagem fotográfica representa uma realidade que incorpora uma reconstrução:

O documento não é inócuo. É antes de tudo, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziu, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio (LE GOFF, 1992, p. 547).

Segundo Bonato (2003) ao longo do tempo a fotografia foi virando mercadoria, o desenvolvimento técnico fotográfico simplificou o processo tendo como consequência o barateamento, vindo a viabilizar a fotografia para a popularização de acordo com o mercado capitalista. É na perspectiva da Nova História, que a fotografia pode ser entendida como documento/monumento, como preservação de memória do ponto de vista de quem a produziu.

Para Schapochnik (1998), os álbuns de família são exemplos de registros sobre o decurso do tempo, sob forma de diversas séries. Entre os episódios registrados parece incidir uma dupla temporalidade, uma lembrança. Para o autor, o fato é que na maioria das vezes a fotografia existe e subsiste por sua função familiar que é a de solenizar e eternizar os grandes momentos da vida familiar e reforçar a integração do grupo, reafirmando o sentimento que ele tem de si mesmo, em que o papel desempenhado pelo guardião se assemelha ao de um arquivista, que reúne e atribui uma ordem de pertinência ao acervo, de curador, que decide quais imagens que deverão passar a condições de objetos.

Conforme Schapochnik (1998), devemos decidir quais imagens vamos usar na condição de objeto. Para isso, é fundamental apoiarmos nos questionamentos, principalmente para evitar o que Bloch considera uma investigação fraca: “Os textos ou os documentos arqueológicos, mesmo os aparentes mais claros e mais complacentes, não falam senão quando sabemos interrogá-los” (BLOCH, 2001, p. 79).

Aqui, o autor nos chama atenção, deixando claro que o fundamental é a investigação minuciosa que devemos ter para com o documento, sabendo questioná-lo. E isso, não é diferente com as pesquisas, onde os pesquisadores utilizam como fontes as imagens, em especial a fotografia.

1.2 A fotografia como fonte de pesquisa em História da Educação

Pesquisas no âmbito da História da Educação vêm oferecendo uma diversidade de fontes para pesquisas, tais como: discursos, documentos escolares, relatos orais, boletins, fontes iconográficas (fotografias, ilustrações e filmes) dentre outros. O que para Cardoso e Mauad (1997), faz uma aproximação das outras disciplinas das Ciências Humanas com a História, no desenvolvimento de uma metodologia adequada aos novos tipos de textos.

No caso das imagens fotográficas são bem recentes em pesquisas na História da Educação. Estão mais concentradas em outras áreas, como a Ciências Sociais e a Comunicação. Porém, é possível no diálogo História-Educação-Fotografia, investigar utilizando-se da fotografia enquanto fonte, para investigar sobre o passado. Dessa forma, a fotografia pode ser inserida como um novo documento, que pode contribuir com pesquisas imagéticas na História da Educação.

Para Martins (2009), a fotografia, nos usos pessoais e sociais na vida cotidiana e comum, é tomada como documento de sociabilidade, como expressão da diversidade de mentalidade e de perspectivas que apresentam uma composição fotográfica de experiências de classes sociais. O autor menciona que a fotografia para o sociólogo é utilizada numa perspectiva bem próxima do pesquisador e do historiador que utiliza documentos escritos depositados em arquivos. Para o autor, a fotografia não deixa de ser um recurso precioso para estímulo da memória.

A maior parte das imagens cotidianas que retemos na memória é imprecisa, fruto da visão fugaz. São manchas e borrões que desenham formas informe e cores do nosso viver diário. Não é raro que a fotografia seja o socorro das memórias frágeis, na tentativa de reconstruir e narrar coisas do passado, depois de decorrido muito tempo (MARTINS, 2009, p. 165).

Ainda Martins:

Mesmo o sociólogo, o antropólogo que documenta fotograficamente e faz da fotografia o seu instrumento e registro, quando define com objetividade a documentação, cria imagens de ficção, o senso comum e a ficção que podem ficar subjacentes a diferentes momentos e procedimentos das ciências (MARTINS, p.169).

Os diferentes momentos e procedimentos das ciências colocados por Martins (2009), servem de referências aos pesquisadores que buscam a fotografia como documento de pesquisa, frente aos desafios teóricos que a fotografia propõe ao seu uso social, principalmente na questão de recordar no presente as memórias através de imagens nos espaços educacionais. Por meio dela podemos situar um espaço físico, social e cultural, até

pelo esquecimento de como se caracterizava estes espaços, buscando recordações e lembranças por meio das fotografias.

Diante disso, Mauad (1990), aconselhou e deu sugestões para a definição de um corpus fotográfico a ser objeto de estudo:

Nesse sentido o corpus fotográfico pode ser organizado em função de um tema, tais como: a morte, a criança, o casamento, etc., ou em função das diferentes agências de produção da imagem que competem nos processos de produção de sentido social, dentre estas a família, o estado, a imprensa, a publicidade, entre outros. Em ambos os casos a análise histórica da mensagem fotográfica tem na noção de espaço a sua chave de leitura, posto que, a própria fotografia é um recorte espacial que contém outros espaços que a determinam e estruturam, tais como: o espaço geográfico, o espaço dos objetos (interiores, exteriores e pessoais), o espaço da figuração e o espaço das vivências, comportamentos e representações sociais (MAUAD, 1990, p. 7).

Contudo, a dificuldade de se formar um corpus fotográfico passa pela precariedade dos arquivos de imagens, especialmente no ambiente escolar, onde não há uma cultura de organização e preservação de imagens. Conforme Lacerda (2008), as fotografias podem ser utilizadas para chegar ao entendimento das relações complexas do corpo com seu ambiente ao longo da História.

As Ciências Sociais que já utilizavam fotografias em pesquisas, se preocupou na organização do registro, não ficando apenas na observação. Quanto ao surgimento de outras técnicas de registro, nos afirma Tagg:

O desenvolvimento de novos aparatos regulatórios e disciplinares está ligado, no século XIX, à formação das novas ciências sociais e antropológicas – criminologia, anatomia comparada, teoria dos germes, sanitarianismo, etc. – e os novos tipos de profissionais associados a elas (1993, p. 5).¹

O mesmo se pode dizer dos arquivos fotográficos das escolas, nos quais a fotografia escolar é tratada como mera ilustração. À fotografia escolar não é dado mérito como documento histórico, que pode mostrar o contexto histórico vivido pela escola. Isso explica a dificuldade em encontrar arquivos fotográficos organizados nas escolas, apesar de se saber que as fotografias escolares existem e em abundância.

1.3 As imagens fotográficas nos manuais da arquivística

Como já frisamos em parágrafos anteriores, a partir da década de 1960, a fotografia é tomada como fonte de informação histórica. É uma das dificuldades para a difusão da análise

¹Todas as citações diretas de obras em Língua Estrangeira, como inglês, francês e espanhol presentes neste texto foram nossas traduções.

fotográfica é justamente a falta de arquivos fotográficos que possibilitem o acesso do pesquisador, a uma quantidade considerável de imagens que formem um corpus fotográfico.

Quanto ao conceito de arquivo, recorremos ao Manual de Arranjos e Descrição de Arquivos, preparado pela Associação dos Arquivistas Holandeses, que diz:

Arquivo é o conjunto de documentos escritos, desenhos, material impresso, recebidos ou produzidos oficialmente por determinado órgão administrativo ou por um de seus funcionários, na medida em que tais documentos se destinavam a permanecer na custódia desse órgão ou funcionário (1973, p. 13).

Desde 1860, as imagens fotográficas começaram a se destacar nos manuais de arquivística. A fotografia se expandiu na prática dos estúdios, como resultado de movimentos de viajantes turistas e por organismos públicos. O arquivo fotográfico vem se expandindo desde o século XIX, quando as fotografias passaram a ser usadas no registro de viagens e lugares.

Porém, a circulação e o consumo do dispositivo fotográfico, mesmo atingindo níveis de grande abrangência como caráter documental, é bastante escasso porque os acervos em instituições carecem de investimentos e estudos mais aprofundados.

Em relação aos documentos escritos, as fotografias são pouco prestigiadas nos arquivos documentais de instituições como bibliotecas e museus. Compreender os motivos dessa diferenciação valoriza o trabalho de documentação fotográfica. Afinal, por serem raros, os arquivos fotográficos tendem a ser uma fonte ainda inexplorada para pesquisadores de várias áreas.

Em Fonseca (2005), encontramos um debate sobre as correntes teóricas que influenciam a documentação fotográfica. A arquivística como ciência vem sendo desenvolvida desde o século XVIII com início na França. “Os manuais significaram uma opção interessante destacando a tradição manualística que deu característica a esta área” (FONSECA, 2005, p. 49 - 51).

Os primeiros manuais de arquivísticas já citavam as imagens como documentação a ser registrada, catalogada e preservada. Atualmente, as normas e diretrizes para formação de arquivos estão definidas pelo estudo RAMP (Records and Archives Management Program), produzidos por especialistas na área de arquivo, sobre variedades de temas com diretrizes

que foi desenvolvido pelo Conselho Internacional de Arquivos (CIA), em conjunto com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).²

Lacerda (2008) realizou um importante estudo sobre o que é considerado documento nos manuais e textos de arquivística. O corpus de análise da autora foram os mais diversos manuais de vários países, de acordo com suas tradições e pensamentos arquivísticos de épocas diferentes. A partir de Lacerda e de outros autores, citamos algumas correntes de arquivística que têm relevância para compreensão da história dos arquivos fotográficos.

Para essa autora, países como Alemanha, Estados Unidos, Canadá se destacam em produções de manuais e textos normativos, ou teórico-metodológicos na área de arquivologia. Na França, na metade do século XIX, algumas instituições constituíram importantes coleções de fotografias.

Segundo Lacerda (2003), no Brasil, a primeira coleção fotográfica considerada como uma das primeiras inclusive a ser formada no mundo, é a coleção reunida pelo imperador D. Pedro II, cujas peças integrantes, dispostas avulsas ou em álbuns, se referem a registros coletados pelo Brasil e por todo o mundo.

No final do século XIX, países que já dispunham de um pensamento arquivístico, como França e Alemanha, se colocam num esforço de construir uma obra com princípios que fundamentariam uma prática da disciplina arquivística, o que é atribuído aos holandeses com a publicação do Manual de Arranjo e Descrição de Arquivos de 1898.

Para Cook (1997), a contribuição maior dos holandeses estaria relacionada à articulação de princípios e normas relativas à natureza e ao tratamento dos arquivos, além de desenvolverem as noções básicas para a teoria e metodologia de organização de arquivos, respeitando os conceitos e a ordem original dos documentos. Seguindo ainda a análise de Cook, o manual é um tipo específico de arquivo composto por documentos governamentais, de caráter público, ou de corporações, com transferência ordenada a depósitos de arquivos.

O Manual de Arranjo e Descrição de Arquivos rejeita a inclusão dos arquivos privados, pessoais e familiares, só comporta arquivos do Estado:

Os arquivos de órgãos administrativos {conselhos ou pessoas} cujos direitos, após 1798, passaram para o Estado, serão colocados no Arquivo de Estado

² Records Archives Management Program (RAMP) é um programa de gestão de documentos e arquivos, criado na década de 70, composto por publicações da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em parceria com o Conselho Internacional de Arquivos (CIA). Os estudos RAMP têm como objetivo auxiliar os países filiados na organização de bibliotecas, centros de documentação e arquivos. (Cornelsen & Nelli, 2006,p.72) Arquivística.net. Rio de Janeiro, v.2, n. 2, p 70-84, ago./dez. 2006

situado na capital da província, em cuja circunscrição atual funcionou cada um daqueles órgãos (1973, p.23).

Jenkinson (1966), um dos principais autores dos manuais holandeses sobre arquivística, apontou as qualidades dos arquivos e suas características de distinção de valor, como a imparcialidade e autenticidade, bem como as regras por onde as qualidades podem e devem ser preservadas. O autor não aprofunda nos tipos de registro que integram os arquivos modernos, embora dê um direcionamento inegável de “novos materiais” e “novos métodos” para se fazer negócios ou transações.

Na visão de Jenkinson, cartas, retratos, mapas, gráficos, infográficos e plantas baixas são registros que comumente estão anexados ou incorporados junto a documentos escritos. Essa perspectiva em relação à documentação não escrita aponta a existência dos chamados típicos documentos de arquivos, mesmo considerando a dificuldade de definir o que seria ou não documento. Como item admissível à classe dos arquivos, estão os manuscritos em qualquer material, e também todo documento original produzido por máquina de escrever e/ou produzido mecanicamente por outras formas de produção.

Jenkinson (1966) deu um passo à frente, admitindo que outros tipos de registros podem auxiliar a trazer novas luzes sobre a documentação oficial, tratando-os como documentos de forma diferenciada. Valida também a forma de abordagem dos chamados “novos materiais”, como uma espécie de marca da arquivística em relação ao que trata os registros de arquivo, bem como qualquer outro produzido ou acumulado pela administração pública, privada, pessoal ou familiar.

Lacerda (2008) abordou sobre o Manual elaborado pela Associação de Arquivistas Franceses, que se refere aos documentos cartográficos, fotográficos e audiovisuais. Neste manual se destaca qual a destinação correta para os documentos iconográficos e audiovisuais, quais devem ir para bibliotecas, quais devem estar em museus e quais ficam em arquivos. A França é um país marcado pela criação de espaços destinados a preservar e difundir essas fontes, como as fonotecas, tototecas e cinematecas.

De acordo com a mesma autora, o manual da Associação de Arquivistas Franceses, quanto à repartição de documentos, se dá por conteúdos e gêneros divididos em três categorias de documentos: obras dramáticas (bibliotecas), obras artísticas (museus) e documentos históricos (arquivos). O manual esclarece que as fotografias em razão de seu valor de fonte para a história, estão em primeiro lugar entre os documentos iconográficos do ponto de vista dos arquivos.

Schellenberg (2002) iniciou sua carreira como historiador, porém voltou sua atuação para a administração arquivística por volta da década de 1950, considerado o pai da arquivologia estadunidense. Voltou-se à organização de arquivos de documentos fotográficos, principalmente em dois trabalhos “Arquivos modernos: princípios e técnicas” e “The management of archives”, escritos nos anos de 1950 a 1960. Estes textos levam à compreensão do papel dos documentos fotográficos, cartográficos e audiovisuais no domínio dos arquivos, a partir de um tratamento técnico desses materiais. Suas ideias, que na época foram muito influentes no pensamento e na prática da arquivística, ainda hoje influenciam a abordagem utilizada pelas instituições de arquivo.

Para Schellenberg (2002) há documentos que se situam naturalmente em regiões fronteiriças, podendo pertencer tanto a bibliotecas quanto a arquivos. Esse pensamento reflete inclusive sobre as diferenças entre métodos e técnicas, que bibliotecários e arquivistas utilizam para preservar materiais especiais. Na opinião de Schellenberg, esses profissionais poderiam contribuir na elaboração de um método destinado ao tratamento desse material.

As inovações tecnológicas nos levam a refletir as dificuldades em relação às metodologias de arquivamento de documentos. “As novas legislações e mentalidades a partir da II Guerra Mundial, geraram modificações e certas dificuldades em etapas metodológicas do arquivamento de documentos, como a descrição, a conservação, e classificação” (DUCHEIN, 2003, p. 11-12).

As dificuldades em relação aos princípios de arquivística permanecem os mesmos, baseados numa série de pré-concepções sobre o que é documento. Pré-concepções essas que foram “herdadas” de outras áreas, como a biblioteconomia, ou mesmo da História, ou das ciências sociais em geral. Segundo Duchein (2003), ainda falta um pensamento teórico-metodológico arquivístico com interesse voltado a aos documentos gerados a partir de novas tecnologias.

No Brasil, sobre a relação entre novas tecnologias de criação e de armazenamento de documentos, temos o CONARQ (Conselho Nacional de Arquivística) que define:

De acordo com a natureza do documento arquivístico original, diversos dispositivos tecnológicos (hardware) e programas de computadores (software) serão utilizados para converter em dados binários o documento original para diferentes formatos digitais. No entanto, o produto dessa conversão não será igual AP original e não substitui o original que deve ser preservado (CONARQ, 2010, p. 6).

A digitalização do documento fotográfico se dirige ao acesso, difusão e preservação do acervo de fotografias como fonte de divulgação e acesso.

1.3 As imagens no contexto digital

A presença da tecnologia na escola hoje em dia, pouco vem alterando a concepção do ensino-aprendizagem dos professores e dos alunos, Os registros escolares de diferentes áreas do conhecimento poderiam incorporar o uso de novas tecnologias, até pelo fato de que, na era atual, a maioria das escolas públicas já dispõe de uma sala educacional de tecnologias e dos recursos tecnológicos básicos.

As imagens fotográficas como uma nova fonte para estudos e pesquisas na educação, vêm utilizando-se de recursos tecnológicos como o computador, o scanner, a câmera fotográfica, os meios eletrônicos para armazenamento e até mesmo o papel para reprodução das imagens. É um caminho longo que o pesquisador deve percorrer para alcançar o estágio da relação entre educação e tecnologias.

Atualmente, o mundo vem enfrentando a transição de uma economia industrial para uma economia de informação, a qual transforma a natureza da riqueza. O capital intelectual está se tornando mais importante que o físico. O sucesso é determinado pelo saber. Estes novos indícios trazem várias implicações nos sistemas econômicos, políticos, educacionais, tecnológicos e sociais, os quais contribuem para a ampliação do acesso à educação e a relação professor-aluno, baseada no diálogo, como uma busca da transformação da informação em conhecimento.

Perrenoud (2000) alertou sobre o domínio de novas tecnologias como uma das competências que o professor contemporâneo deve possuir. A utilização desses recursos tecnológicos, dos mais simples até os mais complexos, é ferramenta para o desenvolvimento das aprendizagens. É importante que a escola esteja na vanguarda no que se refere ao uso de ferramentas tecnológicas.

O mundo do ensino, ao invés de estar sempre atrasado em relação a uma revolução tecnológica, poderia tomar a frente de uma demanda social orientada para a formação. Equipar e diversificar as escolas são bons, mas isso não dispensa uma política mais ambiciosa quanto às finalidades e às didáticas (PERRENOUD, 2000, p. 138).

As novas tecnologias aplicadas ao ensino, por meio dos recursos tecnológicos, quando utilizados para trabalhar com fotografias, possibilitam maior flexibilidade, criatividade, dinamicidade, interação e comunicação no processo ensino-aprendizagem.

Para Conway (2001), o universo digital vem desafiar os recursos com conceitos de preservação tradicional, sem se preocupar em garantir a integridade física dos objetos de pesquisa, já que a integridade intelectual é a sua característica principal.

A preocupação quanto à preservação das fontes documentais originais, principalmente aquelas que merecem maior cuidado quanto ao manejo, à captura, pelo estado que o documento se encontra, e até mesmo a visualização perfeita do documento enquanto reprodução, podem ser superadas por meio dos recursos tecnológicos oferecidos no universo digital, e que atualmente já estão incorporados nas escolas públicas por meio das salas de tecnologias educacionais implantadas nas mesmas.

Para Bencostta (2011), as pesquisas em tecnologias da formação de imagens digitais têm afirmado que este novo formato, não deve ser entendido apenas como uma geração de uma imagem precisa sobre um novo suporte que é o digital, considerando que este avanço da ciência da informática, proporcionou uma maior capacidade de organizar séries e coleções de fotografias, incrementando a qualidade da imagem e facilitando sua leitura, mas, também contribuiu para novos conceitos a cerca da preservação da memória.

Sem dúvida que o meio digital avançou na capacidade de organizar coleções de fotografias, e isso passa apenas por mais uma revolução tecnológica atual que permite processar, arquivar e transmitir dados, o que significa acesso dos materiais a um maior número de pessoas com mais qualidade, em menor tempo, e com menor custo.

Para Benjamin (1936), a fotografia foi a primeira técnica de reprodução que passou por uma revolução científica, como afirma também o paradigma de Thomas Kuhn (1975), onde as diversas técnicas de reprodução mediante um fenômeno analógico à produção das origens desloca o quantitativo, transformando no qualitativo, que afeta a própria natureza. Benjamin, afirma que a partir da fotografia e do cinema este fato se tornou claro.

O documento iconográfico sempre esteve presente na cultura humana antecedendo a escrita e a fala, pois mesmo antes de desenvolvermos a escrita alfabética, utilizávamos a iconografia. A primeira forma de comunicação humana não foi a escrita, foi a de imagens, que foi ampliando com as gerações e passou a fazer parte inclusive das escolas públicas, com a finalidade de registrar algo real que acontece no cotidiano da escola.

Todo ser humano, quando criança, antes de compreender a lógica de funcionamento das letras e palavras escritas, utiliza-se de desenhos e rabiscos (garatuja) para expressar suas ideias e representar palavras. Nas escolas, o desenho é estimulado desde a educação infantil

até os primeiros anos de ensino fundamental, como forma de o educando registrar seus pensamentos, seu cotidiano e suas memórias sobre a escola.

Até o século XIX, as três linguagens representadas na imagem, na escrita e na fala, a predominante é a fala. Já na segunda metade do século XX tem a fala, o texto, e a preponderância do áudio-visual, onde o mais utilizado é a capacidade visual. E a fotografia não é diferente, por ser aliada novos tipos de câmeras que dependente de novas práticas sociais, integram novos signos e contextos sociais de interação do mundo moderno, conforme associou Kenski:

A fotografia que atenderia praticamente as necessidades instrumentais de registro histórico e identificação passou a ganhar novos sentidos no registro de eventos domésticos e familiares e em certas classes sociais, aparecendo, ainda, como sinal de modernidade e prestígio aos seus usuários no contexto da metrópole (KENSKI, 2007, p. 62).

Na escola, as imagens não são muito diferentes em relação ao contexto tecnológico da informação e comunicação voltadas para finalidades específicas como o registro do cotidiano escolar, que muitas vezes se caracterizam como imagens para mera ilustração.

Bourdieu (2006), ressaltou que as imagens fotográficas entraram cedo na sociedade, principalmente na sociedade camponesa. No campo científico de Bourdieu, a ênfase é dada ao valor social representativo da imagem. “Um ‘aparelho’ de emblemas e de signos, e o que seria uma capacidade técnica em aplicar nas imagens uma representação social” (BOURDIEU, 1983, p. 123).

Girardi (2007), em sua tese baseada na teoria de Bourdieu, aponta que as transformações sociais colocaram em jogo uma redefinição dos espaços público e privado na sociedade moderna. E a fotografia faz parte do mercado de trocas simbólicas, conforme relata Girardi:

A fotografia, que atenderia praticamente às necessidades instrumentais de registro histórico e identificação, passou a ganhar novos sentidos no registro de eventos domésticos e familiares em certas classes sociais, aparecendo, ainda, como sinal de modernidade e prestígio os seus usuários no contexto da metrópole. As mudanças constantes da cidade criavam a necessidade da fixação das imagens daquilo que, com extrema velocidade, parecia perder na memória. (GIRARDI 2007, p. 62).

É possível um trabalho político e simbólico ao mesmo tempo, que transforma os desenvolvimentos da tecnologia – nesse caso, a fotografia - em instrumentos sociais, possíveis de representações.

A escola se constitui como um espaço de práticas sociológicas, pois é um lugar de produção cultural e de conhecimento. E essa dinâmica de produção cultural tem sido muito facilitada e ampliada com a implantação de novas tecnologias nas escolas.

Para Gebara (2004) são inúmeras as possibilidades de procedimentos educacionais a partir das inovações tecnológicas, o que implica em novos procedimentos para construção de documentos:

Inúmeras possibilidades de utilização de fontes e procedimentos no trato com indícios tem sido objeto de discussão e análise teórica, dentre os aspectos discutidos no processo de construção da documentação histórica, as inovações tecnológicas tem em situações diferentes, crescentemente, imposto uma enorme velocidade na incorporação de elementos novos nesta discussão, por exemplo: o computador e a internet desencadeiam questões e problemas surpreendentes para nossa atividade didática e de pesquisa, da mesma maneira a imprensa periódica desencadeou, em seu momento inovador, problemas equivalentes (GEBARA, 2004, p. 2).

Diante dessa afirmação, mencionamos a fotografia em meio a uma das possibilidades citadas por Gebara, como uma nova fonte de invenção tecnológica que vem representando um desafio permanente, principalmente, frente aos recursos do computador,

O computador na escola é visto como um novo auxiliar, “um recurso”, para ajudar em pesquisas e realizar trabalhos diferentes. Porém, o professor deve ter consciência de que as tecnologias não vão substituir sua competência profissional. Pelo contrário, se o educador souber aliar os recursos tecnológicos à prática pedagógica, com certeza vai abrir novas chances e oportunidades educacionais no âmbito da escola.

E uma dessas oportunidades é, justamente a utilização da fotografia. Utilizando fotos da própria escola, o professor pode estimular a curiosidade dos estudantes sobre fatos históricos da escola, ou ainda suscitar questionamentos sobre a identidade dos alunos e da escola. Ao convidar os alunos a fotografar, o educador pode trabalhar o olhar do estudante sobre sua escola, seu cotidiano e realidade. E essas fotos serão também consideradas registros históricos e ou reconstrução de memória da escola.

Para Bencostta (2001) a imagem fotográfica como fonte de informação, recordação e emoção, a imagem fotográfica associa-se à memória e introduz uma nova dimensão no conhecimento histórico, obtido tradicionalmente, através da linguagem escrita.

As imagens fotográficas servem como fonte de informação para lembrar o passado, os sentimentos, fazendo uma reconstrução da memória de certos momentos vividos no passado, podendo registrar esses momentos considerados históricos numa linguagem escrita.

Para Bencostta (2004) na memória das escolas públicas, as fotografias inscrevem-se na imanência do tempo presente, nos acontecimentos significativos para professores, alunos e funcionários, participantes no processo do que acontece no agora, se constituindo num instrumento de memória institucional e de recordação, o que potencializa o significado das fotografias escolares como elementos para compreensão das culturas manifestadas no universo escolar.

Segundo Pelegrini (2006), a memória socialmente construída não raro aparece associada às lembranças vinculadas a monumentos e lugares específicos da cidade e que pode ser reavivada por meio de distintas sensações, sonoridades, odores, sabores, diferenciados formas de representação visual e cenográfica do urbano.

A fotografia ultimamente é vista como um documento revelador de espaços públicos como ruas, cidades, escolas, etc., é uma fonte para memória que pode estimular o pesquisador associá-la aos recursos tecnológicos para preservação, divulgação e disponibilização.

Para Conway (2001), muitos dos princípios centrais da preservação, desenvolvidos no universo analógico, podem ser transportados para o universo digital, de forma a dar prosseguimento ao essencial desempenho da administração e dos serviços.

Porém, não devemos esquecer que os arquivos digitais merecem devidos cuidados de preservação em meios eletrônicos, tendo como ponto de referencia o tempo em anos, décadas e séculos , sendo preciso periodicamente uma revisão no dispositivo imagético.

Para Leite (1993), a fotografia se constitui como fonte histórica do tempo e do espaço:

Chegou-se a conclusão que a noção de espaço é a que domina as imagens fotográficas explícitas. Não apenas as duas dimensões em que a imagem representa as três dimensões do que comunica. Mas toda captação da mensagem manifesta se dá através de arranjos espaciais. A fotografia é uma redução, um arranjo cultural e ideológico do espaço geográfico, num determinado instante (LEITE, 1993, p. 19).

Conclui-se que a cada novo tipo de fotografia que o pesquisador visa transformar essa imagem fotográfica num objeto de estudo, se vê na obrigatoriedade de atualizar os métodos de análise e atribuir os significados e buscar suporte tecnológico adequado para preservação das imagens, enquanto fontes de informação diversificada.

Segundo Santos (2005), o cidadão tem o direito de buscar fontes de informação diversificadas e independentes de outros cidadãos, especialistas, jornais, revistas, livros, telecomunicações e afins.

O pesquisador hoje depara com vários gêneros de fontes de pesquisa e suas especificidades. E a fotografia, por ser um instrumento novo como fonte de investigação, informação e preservação de fragmentos de memória, associadas aos recursos tecnológicos, vem sendo amplamente utilizada em trabalhos acadêmicos como teses, dissertações ou monografias de fim de curso, como uma fonte diversificada.

O uso de documentos virtuais na História da Educação, tem se destacado como iniciativa de alguns historiadores, que preferem se associar aos documentos digitalizados, principalmente na questão de preservação do patrimônio documental das escolas, pelo fato de ser mais prático o acesso aos mesmos, e favorecer ao mesmo tempo a disponibilização desses documentos como fontes para consultas e ou pesquisas.

Na digitalização, as fontes não devem sofrer alterações, e uma das primeiras exigências do historiador e ou pesquisador é que as fontes sejam identificadas e armazenadas em banco de dados ou meios eletrônicos como CD Room, ou DVD, para disponibilização e acesso. Assim, tais fontes também podem ser manejadas e ficar suscetíveis de análises e interpretações. No momento este ainda é o melhor meio de conservação e preservação do patrimônio imagético da escola, em especial as fotografias.

Para organização do acervo imagético das escolas, há possibilidades de fazer esse trabalho utilizando os recursos tecnológicos disponíveis na maioria das escolas. A maioria das escolas hoje em dia, inclusive as públicas, dispõe de um aparato de recursos tecnológicos como impressoras, câmeras digitais, computadores, scanner, enfim que somados à vontade do historiador ou pesquisador servem de auxílio na organização, conservação e preservação dos documentos escolares, em especial os imagéticos.

1.4 Acervos escolares: desafios e perspectivas

As dificuldades em se utilizar arquivos, principalmente de instituições escolares, no nosso país ainda são enormes. Pelo fato de não haver uma cultura de preservação do patrimônio documental, e muitas vezes estes materiais históricos são destruídos pelo tempo, clima, insetos, etc. Falta, do ponto de vista das autoridades responsáveis, mais comprometimento para com o patrimônio histórico, principalmente das escolas. “Os arquivos e os locais onde se guardam os documentos ainda apresentam muitos problemas de acesso e conservação” (FURTADO, 2011, p. 151).

Para Vidal (2005), as pesquisas em relação aos arquivos escolares, têm emergido nos últimos dez anos, com temáticas variadas, por meio dos relatos de experiências de

organização de acervos de escola, publicação de inventários, guias de arquivos, elaboração de manuais e reprodução de documentos digitalizados, que vem ganhando grande mobilidade entre os investigadores da área.

Os historiadores da educação, recentemente, tem se preocupado com a preservação de arquivos escolares, com a questão do arquivamento e das técnicas de preservação dos documentos, em especial para com as imagens fotográficas.

Conforme Souza (2000), o uso de imagens fotográficas nos estudos em História da Educação têm aumentado nos últimos anos, mesmo que muitas vezes ainda sejam utilizadas como ilustrações, testemunho e evocação do passado. Porém, enfrentamos dificuldades quanto ao uso da fonte imagética no estudo do histórico escolar, como levantamento, localização, seleção e interpretação de fotografias.

Para Le Goff (1992), as fotografias escolares são monumentos, isto é, como vestígios, perpetuação do passado e instrumento de democratização da memória coletiva. Porém, para serem utilizadas como fonte de pesquisa, cabe ao historiador organizá-las primeiro para depois as transformar em documento histórico.

Neste caso, o pesquisador tem a função de recolher os vestígios do passado e organizá-los no presente, dando sentido na observação visual das imagens e relacioná-las a um panorama mais amplo de informações que se possa extrair por meio dessa imagem.

Em outras palavras entra aqui a questão desdocumentação da imagem, frente a um panorama explosivo de uma variedade de informações que a fotografia pode fornecer ao pesquisador conforme suas indagações.

Le Goff (1984) trouxe alertas sobre a monumentalidade dos documentos, fazendo à imagem questionamentos acerca da intencionalidade de sua produção, com indagações como: sobre o quê, quem, por que e quais os interesses do registro de um determinado instantâneo. Estas perguntas são constituintes da prática historiográfica, uma vez que o autor nos alerta de que as imagens do ontem não são neutras, mas produzidas com o objetivo de legar ao futuro certas representações do presente.

Para Moraes & Alves (2002), os acervos arquivísticos se formam a partir das atividades administrativas e pedagógicas:

Possuem lacunas significativas, o que se deve a falhas nas normas legais que regulamentam Nas secretarias das escolas encontrou-se a maior parte da documentação: os dossiês dos alunos, os livros de matrículas, os livros de ponto, correspondências e circulares. Todos os arquivos a preservação de

documentos nos estabelecimentos de ensino (MORAES & ALVES, 2002, p. 21).

Para Moraes & Alves (2002), o quadro inicial dos arquivos das escolas levou ao desenvolvimento de trabalhos que integrassem a participação dos educadores, historiadores e arquivistas, o que levou a apreender criticamente a importância das fontes localizadas no âmbito da História da Educação.

Apesar de a fotografia ser muito acessível nos últimos anos, acervos imagéticos das escolas ainda carecem com falta de uma cultura de organização, pelo pouco valor dado, para ilustração, ou apenas recordação, e na maioria das vezes se encontram guardadas nos fundos de uma caixa, gavetas e armários.

Ainda há uma falta de preocupação com o registro de imagens fotográficas nas escolas públicas no sentido de preservação da memória e até mesmo para transformá-las em fontes de acessos e pesquisas, dando assim um valor merecido para as imagens, atribuindo às mesmas funções e ementas, e transformando-as em nova fonte documental e preservação da memória imagética.

Para Siqueira (2005), os documentos somente se transformam em monumentos à medida que são utilizados e referendados pelo historiador (Le Goff, 1990). Entendemos que os arquivos escolares, localizados, sistematizados e preservados em diferentes acervos documentais – tanto os de caráter público, como privados – deram novo estatuto à História da Educação, visto que são capazes de fazer fulgurar, no interior de um processo mais amplo, o cotidiano das escolas.

Os historiadores da educação têm se preocupado ultimamente com a preservação dos acervos documentais das escolas, principalmente na questão de organização, arquivamento e disponibilização como fontes.

Um problema comum que se passa pela captação de imagens em acervos das escolas públicas, é o fato de se tirar muitas fotos de apenas um tipo de evento, porque virou costume e em cada oportunidade lá está um *clic*, muitas vezes sem levar em conta quem fotografa, como fotografa, quem está sendo fotografado e para que está sendo fotografado.

A organização de um acervo de fotografias perpassa por alguns desafios como a seleção, catalogação e identificação. Pois muitas informações que são externas às imagens ficam a desejar por trazer poucas informações e a impossibilidade de acesso a essas informações. Quanto à seleção, se torna um pouco difícil, pelo fato de algumas instituições

escolares públicas guardarem suas fotografias todas misturadas, em qualquer lugar, muitas vezes coladas em folhas de papel ou em cadernos, livros atas, caixas, etc. Na catalogação e identificação, muitas vezes é difícil fazer a identificação dos personagens, dos lugares, de datas, principalmente das fotos mais antigas, pelo fato dos profissionais atuais da escola desconhecerem ou não dispor de tempo para sentar junto com o pesquisador e identificar foto por foto.

Porém, diante de tal problemática não deve o historiador e ou pesquisador desanimar, mas buscar a possibilidade de organizar os documentos imagéticos utilizando-se dos recursos tecnológicos, mesmo com a ausência de algumas informações a respeito da imagem.

Considera-se que hoje a maioria das escolas públicas dispõe de uma sala de tecnologia para atender alunos e professores. Diante dessa consideração, o trabalho com imagens não seria difícil de fazê-lo, pois dependeria apenas do computador, de um scanner, de uma câmera fotográfica e uma impressora. A parte mais difícil seria a identificação dos sujeitos que compõe as imagens, por falta de informações de quem são as pessoas e os lugares que compõem as imagens. Mesmo com a expansão da evolução tecnológica, ainda no interior das escolas existem essas dificuldades e também em relação ao manuseio dos recursos tecnológicos.

Para Martins “fotografia é a busca do espelho que não mente, da durabilidade, da permanência, da nossa inteireza” (Martins 2009, p. 56). Neste sentido há na cultura do objeto fotográfico uma desvalorização pela escola tradicional que permanece oculta no mundo contemporâneo tecnológico, sem despertar as possibilidades de reorganização dos arquivos documentais e imagéticos. Neste sentido cabe ao pesquisador observar se a imagem reflete o retrato da realidade, no sentido de mostrar a realidade do visual na imagem.

Na obra, *Sociologia da Fotografia e da Imagem*, Martins (2009) destaca a fotografia indicial e subjetiva que mostra uma humanidade já extinta, o que nos faz pensar sobre o tipo de sociedade essa humanidade pertenceu. Toma como exemplo as fotos do Carandiru, onde o ato fotográfico demonstra lugares abandonados, lixos, escombros, enfim as imagens permitem nos recordar quem eram aquelas pessoas, como viviam naquele espaço, como se comportavam. A fotografia sonda esse lado imaginário.

A falta de interesse pela preservação de acervos escolares e o entendimento de seu uso como fonte para a pesquisa é uma preocupação para muitos pesquisadores. As escolas não costumam organizar seus registros documentais, principalmente imagens, sendo esse um dos

tipos de arquivos de instituições escolares, que devem ser considerados, investigados e analisados por historiadores e ou pesquisadores da área de História da Educação.

Em geral as escolas não mantêm registro de suas atividades, das experiências feitas e dos resultados obtidos. Quanto às condições de acesso às fontes, constituem-se uma barreira para a pesquisa em História da Educação; essa concepção pode ser verificada em Lüdke e André:

Quando existe algum material escrito, ele é esparso e conseqüentemente pouco representativo do que se passa no seu cotidiano, evidente que esse fato também é um dado do contexto escolar e deve ser levado em conta quando se procura estudá-lo (LUDKE E ANDRÉ, 1986, p. 40).

Para Menezes e Moraes (2005), a organização do acervo e os espaços para sua guarda, refletem a história das instituições, bem como do ensino de um tempo, e os alunos e professores dessas instituições, são personagens importantes na discussão e preservação do patrimônio público, e o trabalho para sensibilizar a comunidade escolar para a preservação do seu patrimônio histórico, se remetem, principalmente, na organização do acervo escolar, inclusive na possibilidade de inclusão aos conteúdos curriculares,

Destacamos aqui, diante da proposição dessas autoras, a importância desta pesquisa ter proposto no âmbito da escola pública, um plano de intervenção durante a investigação e organização dos documentos imagéticos da escola, partindo do princípio de que é possível por meio dos recursos tecnológicos, disponíveis nas escolas, fazer este tipo de trabalho.

Mesmo assim, a organização e a digitalização das imagens fotográficas para preservação dos acervos fotográficos das instituições escolares, ainda enfrentam grandes desafios, devido ao não interesse e a falta preocupação por parte dos integrantes das escolas em fazer este tipo de trabalho, pois é mais fácil deixar as fotografias guardadas em caixas de sapatos, em gavetas ou nos chamados arquivos mortos. O desafio cabe ao pesquisador buscar novas formas de preservação e organização desses arquivos, estimulando os integrantes das escolas nessa tarefa,

Sabemos que todos os documentos existentes nas escolas se constituem em materiais ricos para pesquisas em história da educação, principalmente os documentos imagéticos que aos poucos, vem sendo explorados como fontes pelos pesquisadores.

Dificuldades são encontradas em relação ao acesso dos acervos escolares, pelo fato de sempre precisar uma dedicação por parte do pesquisador, em se colocar ao desafio desde a

permissão para explorar esses acervos, até a seleção e organização dos mesmos, mostrando que isso é possível e necessário.

Hoje, as escolas dispõem de recursos sustentáveis como no caso dos recursos tecnológicos que podem auxiliar na organização dos documentos escolares, principalmente os imagéticos, e havendo mais entusiasmo e interesse por parte do pesquisador, pode inclusive inserir a escola na proposta de organização do seu próprio acervo. E isso não gera custos altos, pelo fato de que a maioria das escolas se encontra equipadas com recursos tecnológicos.

Considerando a escola como um lugar de reconstrução de memórias e possível de reescrita da sua história, e que não se preocupa com a organização do seu acervo de imagens, esta pesquisa propôs um trabalho com as imagens fotográficas de uma escola pública, fazendo a organização do acervo fotográfico da escola, além de estimular a mesma nessa prática, com a aplicação de um plano de intervenção.

O segundo capítulo apresenta o percurso da pesquisa, a organização das fontes, e a proposta de um plano de intervenção na escola, seguida dos resultados. Aponta como ficou organizado o acervo de imagens da escola.

CAPÍTULO II

O ACERVO FOTOGRÁFICO DA ESCOLA ESTADUAL ROTARY DR NELSON DE ARAÚJO

2.1 O fazer da pesquisa

Nesta pesquisa levamos em conta a existência das imagens fotográficas nos acervos da Escola Estadual Rotary Dr. Nelson de Araujo, localizada na zona central da cidade de Dourados-MS. Também foram feitas visitas no Museu Histórico Municipal de Dourados, para busca e captura de imagens referentes à escola.

Na garimpagem das imagens no acervo fotográfico da escola, observamos que os registros com imagens iniciam a partir do ano de 1980, embora a escola tenha sido criada em 1975. Se houve registros com imagens a partir desta data, não estão nos arquivos da escola. Tentamos contato com ex-diretores da escola, mas foi sem sucesso, pois com os que conseguimos contatos, dizem não ter conhecimentos de imagens fotográficas da escola nos anos finais da década de 1970. Até pelo fato de que nessa década precisava contratar fotógrafo, pois a escola não dispunha de câmera fotográfica, e isso envolvia altos custos.

A pesquisa percorreu os arquivos fotográficos físicos e digitais da escola e também o Museu Histórico do Município de Dourados – MS. Do arquivo da Escola Estadual Rotary Dr. Nelson de Araujo, trazemos ao todo 511 imagens, dentre as quais se destacam fotografias em formato colorida e imagens de jornais coloridas e em preto e branco.

Do Museu Histórico Municipal de Dourados, captamos apenas três imagens fotográficas em preto e branco, as quais são do médico Nelson de Araújo, que prestou serviços médicos em Dourados na década de 1940, dando assistência principalmente às crianças pobres e aos índios, e ajudou na fundação do Hospital Evangélico na cidade de Dourados. O médico Nelson de Araújo faleceu na década de 1960, e em sua homenagem foi dado o seu nome à escola, destacando também que além da escola, existe também a rua Dr. Nelson de Araújo em Dourados – MS.

As imagens fotográficas foram identificadas com auxílio dos recursos tecnológicos disponíveis na escola, e agrupadas por datas e temas. Para identificação das imagens

selecionadas, foi elaborada uma ficha com título, autoria, formato, datação e observações, conforme demonstra a ficha 1.

Ficha 1 – Ficha para identificação das imagens fotográficas

Frente	Título	
	Arquivo	N.:
	Autoria	
	Autoria	
	Copyright	
	Formato	
	Cores	
	Tamanho	
	Resolução	
	Extensão	
	Datação	
	Data Captação	
Local Captação		
Data Digitalização		
Digitalizador (es)		
Observações		
Legenda		
Verso		
Origem		
Comentários		
Verso		

Fonte: Ficha elaborada pela pesquisadora em conjunto com o orientador para identificação das imagens em Agosto/2010.

De posse das imagens de suporte de papel, guardadas em pastas catálogos na escola, num total aproximado de 500 fotos, selecionamos 255 imagens, que compõem o período de 1980 a 2010. Na busca no Museu Histórico Municipal de Dourados, encontramos três imagens doutor Nelson de Araujo, sendo uma imagem da década de 1940, outra da década de

1950 e outra da década de 1960. Outra imagem do Dr. Nelson de Araujo de 1930, recém-formado em Medicina, captamos no livro *Viajantes da Ilusão: os pioneiros*. Totalizamos, assim quatro imagens do médico Nelson de Araújo entre a década de 1930 a 1960.

Não visitamos outros locais para levantamento de fotografias, como o Centro de Documentos Regional da UFGD e Secretaria de Estado de Educação em Campo Grande MS, pelo fato do encaminhamento da pesquisa ser o espaço da escola e o envolvimento de professores e alunos da mesma.

A maioria das imagens de suporte de papel mede 10 x 15 cm, algumas imagens com outras medidas entre 12,5 X 17,5 cm e 9,0 X 12,5 cm, as quais estão todas identificadas nas fichas. As imagens foram digitalizadas com auxílio de um scanner modelo de câmera HP Photosmart C4680 no período de setembro a dezembro de 2010.

Uma grande quantidade das imagens de suporte papel se encontra colada em papel sulfite, apesar do bom estado de conservação. Devido esse fato, não foi possível identificar o verso, e nesses casos foi registrado o verso como “foto colada” e ou deixado em branco. No momento da identificação das imagens foram encontradas dificuldades em relação à identificação da autoria, ou seja, não foi possível identificar quem tirou a fotografia, e nessas situações ficou registrado na ficha *não identificado*.

Quanto às imagens digitais, de um total de 1490 em arquivos CDs, pendrives, pastas e subpastas no computador da secretaria da escola, foram identificadas e digitalizadas 256 imagens. As imagens fotográficas foram digitalizadas com suas respectivas fichas de identificação no Word, e posteriormente transferidas para o Power Point para ficarem organizadas como forma de apresentação e para serem reproduzidas.

Quanto à classificação das imagens, depois do levantamento feito, mostrando um esboço de arranjo, no qual decidimos que a melhor forma de apresentar o conteúdo do acervo de imagens, seria dividi-lo em sete grupos, quais sejam: Atividades Extraclases; Atividades Pedagógicas; Cultura, Esporte e Lazer; Datas Comemorativas; Eventos; Grupo escolar e Instalações Físicas.

Os dados obtidos das imagens digitalizadas foram organizados de acordo com a década, os temas e a quantidade, conforme destacados a seguir. O quadro 1 foi organizado com as imagens do médico Nelson de Araújo, no sentido de mostrar sobre sua trajetória e atuação na cidade de Dourados. O mesmo se formou em medicina em 1929 no Rio de Janeiro, e na década de 1930 vem para Dourados, onde na década de 1940 ajuda na fundação do

Hospital Evangélico. Na década de 1950 se torna prefeito em Dourados, entre 1955 e 1958, e na década de 1960 que se propôs, além de sua atuação como médico, catequizar os índios, e dessa forma articular a criação de uma escola que inclusive atendesse as crianças que residiam no Lar Santa Rita de Cássia. Foram organizadas 4 fotografias e incorporadas às imagens do tema grupo escolar

Quadro 1 - Dados coletados das imagens nas décadas de 1930 a 1960 - imagens do médico Nelson de Araújo.

Data	Temas	Total/imagens
Década de 1930	Grupo escolar: Nelson de Araújo	01
Década de 1940	Grupo escolar: Nelson de Araujo	01
Década de 1950	Grupo escolar: Nelson de Araujo	01
Década de 1960	Grupo escolar: Nelson de Araujo	01
Décadas de 1930 a 1960	Total	04

Fonte: Quadro organizado pela pesquisadora com as imagens coletadas no 2º semestre/2010.

O quadro 2 identifica o quantitativo das imagens na década de 1980, apresentando o maior numero de fotografias se destacam em relação às datas comemorativas, isto é, as festividades realizadas pela escola conforme estipuladas no calendário escolar. Ficando em segundo lugar fotografias do grupo escolar. Sobre os outros grupos de atividades, não encontramos imagens.

Quadro 2 - Dados coletados das imagens - década 1980

Data	Temas	Total/imagens
Década de 1980	Atividades extraclases	
Década de 1980	Atividades pedagógicas	-
Década de 1980	Cultura, lazer e esporte	-
Década de 1980	Datas comemorativas	30
Década de 1980	Eventos	-
Década de 1980	Grupo escolar	06
Década de 1980	Instalações físicas	-
Década de 1980	Total	36

Fonte: Quadro organizado pela pesquisadora com as imagens coletadas no 2º semestre/2010.

O quadro 3 apresenta os dados coletados das imagens da década de 1990, com maior numero de imagens relacionadas ao tema *grupo escolares*, ou seja, o maior destaque se volta

aos alunos, professores, visitantes, funcionários administrativos e equipe gestora. Ficando em 2º lugar as *atividades pedagógicas* e em 3º lugar as *datas comemorativas*.

Quadro 3 - Dados coletados das imagens - década 1990

Data	Temas	Total/imagens
Década de 1990	Atividades extraclases	08
Década de 1990	Atividades pedagógicas	20
Década de 1990	Cultura, lazer e esporte	11
Década de 1990	Datas comemorativas	18
Década de 1990	Eventos	13
Década de 1990	Grupo escolar	25
Década de 1990	Instalações físicas	06
Década de 1990	Total	101

Fonte: Quadro organizado pela pesquisadora com as imagens coletadas no 2º semestre/ 2010.

Os dados do quadro 4 na década de 2000 destacam o maior numero de imagens relacionadas às *atividades pedagógicas*, ficando em 2º lugar as *datas comemorativas* e em 3º lugar o *grupo escolar*.

Quadro 4 - Dados coletados das imagens - década 2000

Data	Temas	Total/imagens
Década de 2000	Atividades extraclases	38
Década de 2000	Atividades pedagógicas	95
Década de 2000	Cultura, lazer e esporte	39
Década de 2000	Datas comemorativas	92
Década de 2000	Eventos	33
Década de 2000	Grupo escolar	46
Década de 2000	Instalações físicas	31
Década de 2000	Total	374

Fonte: Quadro organizado pela pesquisadora com as imagens coletadas no 2º semestre/2010.

Na década de 1980, ganharam destaque as imagens relacionadas às *datas comemorativas*, onde são menos destacadas na década de 1990, voltando a se destacar na década de 2000. Conforme o quadro 5, o maior número de imagens da escola se concentra nas *datas comemorativas* no período de 1980 a 2010, ficando em 2º lugar as imagens relacionadas

às *atividades pedagógicas*, em 3º lugar, as imagens que integram o *grupo escolar*, em 4º lugar estão as imagens sobre cultura, esporte e lazer, em 5º lugar aparecem empatados o número de imagens das *atividades extraclases* com as imagens de *eventos*, ficando em último lugar as imagens sobre as *instalações físicas* da escola.

Quadros 5–Total das imagens fotográficas coletadas por temas no período de 1980 a 2010

Data	Temas	Total/imagens
Período de 1980 a 2010	Atividades extraclases	46
Período de 1980 a 2010	Atividades pedagógicas	115
Período de 1980 a 2010	Cultura, lazer e esporte	50
Período de 1980 a 2010	Datas comemorativas	140
Período de 1980 a 2010	Eventos	46
Período de 1980 a 2010	Grupo escolar	77
Período de 1980 a 2010	Instalações físicas	37
Período de 1980 a 2010	Total	511

Fonte: Quadro organizado pela pesquisadora com os dados gerais das imagens por temas no período de 1980 a 2010.

2.2 A organização das imagens

Os registros de imagens, como a fotografia, nos dias de hoje, já podem contar com os recursos tecnológicos mais evoluídos, como câmera digital, scanner, o CD-ROM, o DVD, e o disco ótico, onde, podemos por meio destes recursos organizar e armazenar imagens com mais facilidade.

Sergio Burgi, abordando a conservação de acervos fotográficos quanto às técnicas, métodos e materiais, dá a definição de registros fotográficos.

Os registros fotográficos são hoje parte integrante de nossos acervos documentais, seja na forma de fotografias originais do século XIX, em papel albuminado, transparências coloridas contemporâneas (dispositivos), fotografias preto e branco em papel de gelatina e prata, microfilmes e microfibras, filmes cinematográficos etc. (BURGI, 1988, p. 5)

Observa-se que o autor incluiu a documentação filmográfica como um registro fotográfico, através de outras tipologias, em conformidade com o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivista (2005) que define:

Documento em linguagem não-textual, em suporte não convencional, ou, no caso de papel, formato e dimensões excepcionais, que exige procedimentos específicos para seu processamento técnico, guarda e preservação, e cujo acesso depende, na maioria das vezes, de intermediação tecnológica (p.75).

As 515 imagens fotográficas selecionadas e digitalizadas nesta pesquisa estão organizadas em arquivos digitais no computador, pendrive e DVDS. A digitalização foi feita conforme normas do Conselho Nacional de Arquivos - CONARQ (2010). Ao final da digitalização, as imagens fotográficas foram agrupadas por décadas e de acordo com os temas: Atividades Extraclasse; Atividades Pedagógicas; Cultura, Esporte e Lazer; Datas Comemorativas; Eventos; Grupo Escolar e Instalações Físicas.

Em relação à data que faz parte da fotografia, buscamos Barthes:

A data faz parte da foto, não por denotar um estilo (isso não me diz respeito), mas porque ela faz erguer a cabeça, faz o cômputo da vida, da morte, a inexorável extinção das gerações... Eu sou o ponto de referência de toda fotografia e é nisso que ela me provoca o espanto, ao pôr-me a questão fundamental: por que razão vivo aqui e agora? (BARTHES, 1981, p.119).

A data da fotografia explica em que período ela foi captada, sendo uma referência para situar seu marco histórico no tempo e no contexto social, cultural e político. É muito importante localizar o momento do *clic* da fotografia, para situá-la no recorte temporal de uma pesquisa histórica.

Para Mauad (1996) a fotografia pode ser utilizada para análise histórica quando compõe uma série extensa e homogênea, na qual se dá conta de comparar semelhanças e diferenças próprias ao conjunto das imagens pelas quais se optou a analisar. Neste sentido, organizamos o *corpus* das imagens fotográficas por década e temas.

Na organização das imagens por grupos, foi atribuído um tema para cada grupo de imagens, onde o tema *Atividades Extraclasse*, compõe as imagens capturadas dos passeios, das visitas, das campanhas educativas e de conscientização, excursões, e todas as atividades realizados fora da sala de aula, pela escola.

Conforme observamos na **imagem 1** (ver p. 50), os alunos e professora estão em visita numa brinquedoteca da UNIGRAN, na cidade de Dourados. Isso revela que os alunos foram levados a outros locais para conhecimentos e interação da leitura e da escrita através do lúdico. Essa imagem é um recorte de jornal, e demais dados se encontram na ficha de identificação ao lado direito da mesma.

Para Ludke (2002), uma boa formação teórica vai ajudar o professor a conhecer melhor os problemas e características da realidade que cerca sua escola, tanto no âmbito imediato, como no mais amplo. Ele vai ter elementos para compreender e ultrapassar perspectivas que limitam o trabalho docente dentro da sala de aula, podendo ampliar as formas de conhecimento dos alunos.

De acordo com o Projeto Pedagógico da Escola (2010), a proposta curricular das atividades organizadas fora da sala de aula, complementa a aprendizagem dos alunos. Os passeios, as visitas têm objetivos determinados, em especial nos projetos de ensino que a escola desenvolve e que faz parte do currículo. Os saberes são construídos a partir de diferentes fontes, inclusive aquela ligada à experiência do próprio professor, quando se propõe ampliar o conhecimento de seus alunos.

Outra observação que podemos fazer é que houve uma preocupação por parte da escola em fotografar esses momentos de visita e interação dos alunos e professores em outros locais onde se faz educação, utilizando algumas vezes dos jornais O Progresso e Diário do Povo, como meio rápido de divulgação, como registro histórico, e para conhecimento da sociedade como a escola desenvolveu suas práticas. Outro meio de divulgação utilizado, foi o blog.

Imagem 1 - Visita dos Alunos na UNIGRAN



Alunos da Escola Nelson de Araújo em visita à Brinquedoteca da Unigram

Título	
VISITA DOS ALUNOS NA UNIGRAN	
Arquivo	N.:
ARQUIVO SECRETARIA DA ESCOLA	68
Autoria	
Autoria	FOTOS: DIVULGAÇÃO DO JORNAL O PROGRESSO
Copyright	ESCOLA ESTADUAL ROTARY DR NELSON DE ARAUJO
Formato	
Cores	COLORIDA
Tamanho	10 X 15 CM
Resolução	SUPORTE DE PAPEL
Extensão	
Datação	
Data Captação	16 DE JUNHO DE 1999
Local Captação	BRASIL/MS/DOURADOS/ UNIGRAN
Data Digitalização	01/11/2010
Digitalizador (es)	MARILDA CABREIRA LEÃO LUIZ
Observações	
Legenda	
FOTO DOS ALUNOS DA ESCOLA ROTARY DR NELSON DE ARAUJO EM VISITA À BRINQUEDOTECA DA UNIGRAN EM 1999 LEGENDA ORIGINAL	
Verso	
NÃO ACESSÍVEL – FOTO COLADA	
Origem	
ARQUIVO DA ESCOLA	
Comentários	
ENQUADRAMENTO DA FOTO MOSTRANDO A PARTE DE CONCENTRAÇÃO DOS ALUNOS NO AMBIENTE EDUCATIVO, BEM COLORIDO E BEM ILUMINADO	

Outro tema de agrupamento das imagens são as *Atividades Pedagógicas*. Agrupamos aqui as imagens relacionadas às atividades de cunho pedagógico, desenvolvidas em sala de aula e nos projetos.

Na **imagem 2** (ver p. 52), os alunos estão concentrados na sala de tecnologia na escola, desenvolvendo algum tipo de atividade, ou simplesmente se familiarizando com os computadores. Esta imagem foi capturada no blog da escola.

Percebemos aqui uma preocupação por parte da escola em registrar os momentos em que os alunos utilizam outros recursos disponíveis na aprendizagem. Neste caso, a fotografia se constitui como documento importante para a escola mostrar que seus alunos estão utilizando a sala de tecnologia, mostrando ser relevante para o corpo docente permitir que os estudantes tenham contato com os recursos tecnológicos, nesse caso, os computadores, para sistematização dos conhecimentos. Isso revela que, para a escola, os estudantes devem aprender a manusear e utilizar as tecnologias nas atividades escolares.

Outra forma de interação com as tecnologias demonstrada com esta imagem é o uso do blog, como forma de permitir um registro rápido e simples dos alunos, interagindo com as tecnologias disponíveis na escola. Outros detalhes sobre a imagem encontram-se na ficha de identificação ao lado direito da mesma.

Para Bencostta e Meira (2001), as fotografias escolares enquanto documentos das escolas em determinadas épocas, revelam o modo de ser e conceber da escola, nas questões das relações sociais e humanas de alunos e professores na representação de seus papéis e suas respectivas práticas escolares.

As fotografias nos acervos das escolas se constituem como meios para mostrar como a escola organizou suas ações e a interação dos alunos com as tecnologias disponíveis na mesma, inclusive o relacionamento com a sociedade em geral.

Imagem 2 - Alunos na sala de tecnologia



Título	
ALUNOS NA SALA DE TECNOLOGIA	
Arquivo	N.:
http://escolanelsonaraujo.nafoto.net	376
Autoria	
Autoria	NÃO IDENTIFICADO
Copyright	EESCOLA ESTADUAL ROTARY DR NELSON DE ARAUJO
Formato	
Cores	COLORIDA
Tamanho	10 X 15 CM - 26,9 KB
Resolução	500 X 375 PIXELS
Extensão	JPEG
Datação	
Data Captação	2000
Local Captação	BRASIL/MS/DOURADOS/ ESCOLA
Data Digitalização	28/05/2000
Digitalizador (es)	NÃO IDENTIFICADO
Observações	
Legenda	
FOTO DOS ALUNOS NA SALA DE TECNOLOGIA DA ESCOLA EM 2008	
Verso	
Origem	
ARQUIVO NO FOTOBLOG DA ESCOLA	
Comentários	
ENQUADRAMENTO DA LATERAL DIREITA DA SALA DE TECNOLOGIA, COM POUCA ILUMINAÇÃO DO AMBIENTE.	

O tema *Cultura, Esporte e Lazer* é atribuído às imagens das brincadeiras, jogos, danças, pinturas, feira cultural, etc. Na **imagem 3** (ver p. 54), observamos os alunos em atividades de recreação no pátio da escola, utilizando-se de bambolês nas suas brincadeiras, provavelmente uma atividade acompanhada pelo professor, o qual não se visualiza nessa imagem.

A intenção de quem tirou esta foto foi mostrar só os alunos, para registrar momentos de recreação e ou aulas de Educação Física e o tipo de recurso utilizado. Como é uma escola só de anos iniciais, e o espaço que oferece para atividades ao ar livre para os alunos é pequeno, o ideal é organizar atividades que se concentram num único lugar sem ocupar muito espaço, nesse caso a brincadeira do bambolê.

Pelo que se observa não há bambolês para todos, também pelo fato da atividade, talvez, não ser a preferida dos meninos. A maioria dos alunos se integraram na brincadeira, alguns meninos só apreciavam. Outras informações estão registradas na ficha do lado direito da imagem. Como ressaltou Hilsdorf (2003), desde a década de 1870, os liberais já faziam do campo da educação um ambiente social e cultural rico, não só em debates e polêmicas para discutir a educação, mas para iniciativas e realizações do movimento de escolarização da sociedade brasileira.

É possível, através desta fotografia, fazer um questionamento sobre a educação sexista, que legitima e fortalece a desigualdade de gênero, estabelecendo desde a primeira infância papéis para homens e mulheres. Quando colocadas desde essa idade, as diferenças de comportamento entre meninas e meninos parecem “naturais”, e não fruto da educação formal e informal.

Na década de 1990, essa questão não é significativa para as crianças, pois a educação já vem de casa de que meninos e meninas devem brincar separados, reforçando essas regras e determinações pela própria escola, em separar os meninos das meninas para as atividades de recreação. Isso também é pouco revelador nesta imagem, pelo fato do pátio escolar ser pequeno e único para as atividades das crianças, não dando muita opção para as brincadeiras serem separadas.

Imagem 3 - Brincadeiras com Bambolês na Escola



Título	
BRINCADEIRAS COM BAMBOLÊS NA ESCOLA	
Arquivo	N.:
ARQUIVO DA SECRETARIA DA ESCOLA	157
Autoria	
Autoria	NÃO IDENTIFICADA
Copyright	ESCOLA ROTARY DR NELSON DE ARAUJO
Formato	
Cores	COLORIDA
Tamanho	10 X 15 CM
Resolução	SUPORTE DE PAPEL
Extensão	
Datação	
Data Captação	1999
Local Captação	BRASIL/MS/DOURADOS/ ESCOLA
Data Digitalização	06/11/2010
Digitalizador (es)	MARILDA CABREIRA LEÃO LUIZ
Observações	
Legenda	
FOTO DOS ALUNOS NA BRINCADEIRA COM BAMBOLÊS NA ESCOLA	
Verso	
NÃO ACESSÍVEL – FOTO COLADA	
Origem	
ARQUIVO DA ESCOLA	
Comentários	
ENQUADRAMENTO DA LATERAL ONDE ESTÃO OS ALUNOS, MOSTRANDO SÓ UM A PARTE. FOTO EM COR VERNIZ TÍPICA DA ÉPOCA, A IMAGEM FICOU ESCURA, MESMO SOB A LUZ DO SOL	

O tema *Datas Comemorativas* incorpora imagens capturadas do dia da páscoa, dia das mães, dia dos pais, festa junina, datas cívicas, e outras datas comemoradas pela escola durante o ano letivo, em conformidade com o calendário escolar.

A **imagem 4** (ver p. 57), reforçam as datas cívicas comemoradas na escola. Nessa imagem os alunos estão comemorando o dia da Bandeira. Na última fila estão os professores, onde um dos alunos segura a Bandeira. Todos estão usando um chapéu confeccionado em papel com as cores da bandeira. Outro fato percebido é que alunos e professores estão concentrados no pátio da escola, cantando provavelmente o hino da bandeira, utilizando como simbólico, um microfone de papel confeccionado também nas cores da bandeira. A ficha ao lado direito da imagem traz mais informações relevantes.

A posição que se colocam e as faces das crianças revelam a seriedade que deveriam transmitir naquele momento de reflexão ao patriotismo em respeito à Bandeira Nacional, mas também devemos levar em conta que essas pessoas estão construindo uma imagem. Ou seja, a seriedade de seus semblantes também se deve ao fato de estarem sendo fotografados num momento especial de comemoração cívica.

A fotografia desde que existiu tem prestado funções para as pessoas, para a escola e, enfim, para a sociedade. Para Borges (2003, p. 92), a fotografia funciona, na realidade, como uma mostra cultural, que tanto informa quanto constrói interpretações sobre os objetos e sujeitos fotografados.

As comemorações nas escolas de datas históricas e cívicas estão ligadas à cultura nacional, que por sua vez, são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações, conforme ressalta Hobsbawm:

Quando as velhas tradições, juntamente com seus promotores e divulgadores institucionais, dão mostras de haver perdido grande parte da capacidade de adaptação e da flexibilidade; ou quando são eliminadas de outras formas. Em suma, inventam-se novas tradições quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas tanto do lado da demanda quanto da oferta. [...] Também não devemos esquecer a ruptura da continuidade que está às vezes bem visível, mesmo nos *topoi*⁵ da antiguidade genuína. [...] Aliás, o próprio aparecimento de movimentos que defendem a restauração das tradições, sejam eles ‘tradicionalistas’ ou não, já indica essa ruptura (HOBSBAWM. 2008, p. 19-20).

⁵**topoi**— A palavra topos (plural, topoi) foi emprestada do grego. Ela corresponde ao latim *locus communis*, de que resultou *lugar comum*. (1) Fundamentalmente, um topos é um *elemento de uma tópica, sendo uma tópica* heurística, uma arte de coletar informações e fazer emergirem argumentos. (2) Um *tópos* é um esquema discursivo característico de um tipo de argumento. A época contemporânea juntou novas acepções a esses sentidos de base. (Charaudeau, 2004, p. 474).

Entendemos em Hobsbawm que as datas comemoradas na escola não são meros festejos surgidos do nada, mas sim como cultura, costumes, identidades preservadas através da memória e do passado reconstruídos no presente.

As datas comemorativas, principalmente as datas cívicas são tradicionais ao ensino de História nas séries iniciais, onde já é costumeiro os professores atenderem um currículo imposto nacionalmente como forma de patriotismo e civismo.

O ensino referenciado ao simbolismo das datas comemorativas cívicas, na disciplina de História, caberia uma constante reflexão de historiadores e pedagogos, levando em consideração que essas datas estão implícitas nos calendários escolares, e simplesmente abolí-las do calendário, talvez não modificaria a forma como as crianças, na sua primeira infância entram em contato pela primeira vez com essa forma de conhecimento histórico.

O caso do dia da Bandeira, que é comemorado na escola por alunos e professores, mas qual seu real significado? Será que os alunos saberiam dizer? E os professores? Teriam base teórica para uma discussão mais crítica e reflexiva para com as datas cívicas enquanto conteúdo, ou simplesmente cumprem as datas cívicas conforme determina o calendário escolar?

Em relação a esta imagem podemos dizer que a mesma reforça a representação da militarização da infância, por meio das práticas cívicas como ação educadora da escola para a sociedade.

Imagem 4 - Homenagem à Bandeira nacional



Título	
HOMENAGEM À BANDEIRA NACIONAL	
Arquivo	N.:
ARQUIVO DA SECRETARIA DA ESCOLA	107
Autoria	
Autoria	NÃO IDENTIFICADO
Copyright	ESCOLA ESTADUAL ROTARY DR NELSON DE ARAUJO
Formato	
Cores	COLORIDA
Tamanho	10 X 15 CM
Resolução	SUPORTE DE PAPEL
Extensão	
Datação	
Data Captação	2000
Local Captação	BRASIL/MS/DOURADOS/ ESCOLA
Data Digitalização	30/10/2010
Digitalizador (es)	MARILDA CABREIRA LEÃO LUIZ
Observações	
Legenda	
FOTO DOS ALUNOS EM HOMENAGEM AO DIA DA BANDEIRA NA ESCOLA	
Verso	
NÃO ACESSÍVEL – FOTO COLADA	
Origem	
ARQUIVO DA ESCOLA	
Comentários	
ESTA FOTO DEMONSTRA O INCENTIVO DO PATRIOTISMO NA CULTURA ESCOLAR ENTRE A SOMBRA DO PRÉDIO E A LUZ SOLAR	

No tema *Eventos*, agrupamos imagens fotográficas referentes às palestras, jantares, formaturas, reuniões, e demais eventos realizadas na e pela escola. Podemos ver por meio da **imagem 5** (ver p. 59) uma solenidade de formatura, representada por uma mesa composta de autoridades, constituídas por professores da escola, onde é possível identificar a funcionária Izabel na função atual de diretora da escola se pronunciando no microfone. A mesa típica com características de formatura, tradicionalmente com toalhas brancas e flores para ornamentação, além dos canudos, que são entregues aos alunos, simbolizando a diplomação dos mesmos.

A imagem apresentou a formação dos alunos da Educação de Jovens e Adultos no ano de 1998. Fotografia tirada em um momento especial, de modo a representar para a comunidade escolar uma cerimônia de comemoração do encerramento de mais um ano de trabalhos escolares de uma turma de alunos, onde percebe-se uma preocupação por parte das pessoas de como apresentar-se da melhor forma possível, e isto se destaca um figurino muito bem dirigido, onde todos estão trajados socialmente como manda o figurino em geral de formaturas, alguns com roupas mais coloridas, outros não, fazendo a opção pela cor branca e preta.

Podemos destacar perante a imagem visualizada, que é comum a realização desse tipo de evento nas escolas, principalmente no final do ano letivo, onde acontecem formaturas dos alunos. Essa é uma das etapas de vida das vidas das pessoas que passam, inegavelmente, pela cerimônia de formatura.

Fotografias podem mostrar segmentos congelados de um dado momento do acontecimento dos fatos. “Fotografias nos mostram um fragmento selecionado da aparência das coisas, das pessoas, dos fatos, tal como foram (estética/ideologicamente) congelados num dado momento de sua existência/ocorrência” (KOSSOY, 2002, p. 21).

Para Freire (1996), a formação está ligada à busca pelo conhecimento nas participações em eventos. E o evento formatura, além de representar um conhecimento adquirido pelo aluno que conseguiu terminar um curso, se configura também como um dos momentos mais importantes na vida das pessoas, pois é o momento de cada um de seguir uma nova caminhada, de deixar aquela instituição em que estuda, se separar dos colegas, buscar outras formas de ampliar o conhecimento, ir na luta pelo mercado do trabalho e até mesmo para dizer que concluiu um curso .

Imagem 5 - Solenidade de formatura da EJA



Título	
SOLENIDADE DE FORMATURA DA EJA	
Arquivo	N.:
ARQUIVO DA SECRETARIA DA ESCOLA	234
Autoria	
Autoria	NÃO IDENTIFICADA
Copyright	ESCOLA ESTADUAL ROTARY DR NELSON DE ARAUJO
Formato	
Cores	COLORIDA
Tamanho	10 X 15 CM
Resolução	SUPORTE DE PAPEL
Extensão	
Datação	
Data Captação	1998
Local Captação	BRASIL/MS/DOURADOS/SINTED
Data Digitalização	01/11/2010
Digitalizador (es)	MARILDA CABREIRA LEÃO LUIZ
Observações	
Legenda	
FOTO DE MESA DE AUTORIDADES EM SOLENIDADE DE FORMATURA DA EJA NO SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DE DOURADOS - SINTED. COM MICROFONE NA MÃO A COORDENADORA IZABEL NA FUNÇÃO DE DIRETORA DA ESCOLA EM 1998.	
Verso	
NÃO ACESSÍVEL - FOTO COLADA	
Origem	
ARQUIVO DA ESCOLA	
Comentários	
MESA DE AUTORIDADES NA FORMATURA DA EJA NUM SALÃO ILUMINADO EO ENQUADRAMENTO DA FOTO DE FRENTE PARA O FOTÓGRAFO. AMBIENTE BEM ILUMINADO	

No tema *Grupo Escolar* estão agrupadas as imagens da equipe escolar como alunos, professores, funcionários, pais, comunidade e os visitantes na escola.

Na **imagem 6** (ver p. 61) visualizamos um grupo de alunos na década de 1980, onde é significativo a representatividade do sexo masculino. De um total de 15 alunos na foto, apenas seis estão caracterizados com uniforme. Possivelmente o uniforme que a escola adotou no ano de 1988, era para quem podia adquirir. Talvez pela não obrigatoriedade do mesmo, os alunos se apresentavam na escola com as roupas de uso comum. Inclusive, como percebemos na fotografia, crianças bem vestidas, com roupas adequadas ao modo de vida da classe social média e elite. Será que os alunos com camisetas de uniforme são os que residem no Lar Santa Rita de Cássia?

A exigência para o uso do uniforme começou por volta do século XVI, na Inglaterra. Mas o uso do uniforme era para as crianças pobres, como forma de distinguir das crianças da elite. Na década de 1850, O Colégio Pedro II instituiu pela primeira vez o uso do uniforme no Brasil, com característica de uma farda militar simplificada.

Por volta de 1980 as escolas normais responsáveis pela formação de professores começaram usar uniformes. No entanto o uso do uniforme serviu para simbolizar as cores e o nome escola, numa ingênua conscientização de que os pais terão menos gastos em relação às roupas para os filhos frequentarem as escolas.

Nas décadas de 1970 e 1980 o uso comum do uniforme nas escolas públicas coincide com o regime militar, podendo dizer assim como uma ideologia de controle. Finalizando o regime militar, isso muda, principalmente com a democratização. O próprio nome “uniforme” designa entender “uniformizar”, isto quer dizer tornar os alunos todos iguais.

Imagem 6 - Alunos do pré - escolar na escola em 1988



Título	
ALUNOS DO PRE ESCOLAR NA ESCOLA EM 1988	
Arquivo	Nº
PASTA CATALOGO SECRETARIA DA ESCOLA	530
Autoria	
Autoria	NÃO IDENTIFICADA
Copyright	ESCOLA ROTARY DR NELSON DE ARAUJO
Formato	
Cores	COLORIDA
Tamanho	9 X 12,5 CM
Resolução	SUPORTE DE PAPEL
Extensão	
Datação	
Data Captação	ABRIL DE 1988
Local Captação	BRASIL/MS/DOURADOS/ ESCOLA
Data Digitalização	31/10/2010
Digitalizador (es)	MARILDA CABREIRA LEÃO LUIZ
Observações	
Legenda	
FOTO DO PRÉ ESCOLAR NO QUINTAL DA ESCOLA EM JULHO DE 1988. ALUNO JEAN RICARDO DE CAMISA XADREZ NA 5ª POSIÇÃO EM PÉ NA FILA DE TRAS DA ESQUERDA PARA A DIREITA LEGENDA ORIGINAL	
Verso	
NÃO ACESSÍVEL – FOTO COLADA	
Origem	
ARQUIVO DA ESCOLA	
Comentários	
O ENQUADRAMENTO FRONTAL DA FOTO DEIXOU A DESEJAR A VISUALIZAÇÃO DE ALGUNS ALUNOS, TANTO NO SENTIDO HORIZONTAL COMO NO VERTICAL, MESMO ASSIM REFLETE NA FACE DOS ALUNOS O SORRISO SOB A FORTE LUZ SOLAR.	

No grupo de imagens do tema *Instalações Físicas* foram incorporadas as imagens dos ambientes internos e externos do prédio escolar.

A **imagem 7** (ver p. 63), apresenta o ambiente interno da sala de aula dos alunos da Educação Infantil na década de 1990, onde o mobiliário são mesas de altura baixa, com quatro cadeiras cada uma. Isto demonstra que os alunos sentavam em grupo de quatro em cada mesa. O espaço físico da sala se caracteriza como pequeno.

Conforme visualizamos na imagem, a sala de aula não constituía como um ambiente de estímulo para as crianças. Não talvez pela falta de preocupação por parte da escola, mas pelo fato de ter se tornado tradicional a organização nas escolas públicas esse tipo de ambiente para os alunos da Educação infantil. E não há como a escola transformar o ambiente da sala de aula, num espaço lúdico e prazeroso, se a estrutura espacial da sala não oferece condições de espaço.

Também visualizamos na imagem, apenas alguns jogos pedagógicos, destacando também no espaço a ausência de brinquedos, por se tratar de uma sala de educação infantil. Sobre isso, buscamos Lima (1995), ressaltando que o brincar faz parte da necessidade básica de sobrevivência de muitos seres vivos. Pela brincadeira, o pequeno descobre o mundo, imita situações da vida adulta.

A imagem não deixa de revelar uma preocupação por parte da escola, no sentido de organização de alguns materiais como um pequeno armário antigo de madeira, uma cortina com estampas florida, alguns cartazes pendurados, figuras e alguns jogos de geometria sobre as mesas. É relevante observar os ambientes de Educação Infantil, para perceber se suas características estão contribuindo ou não para o sucesso da função formadora da criança.

Mas será que no caso desta imagem, a escola teria condições naquele momento de ampliar o espaço e diversificar com jogos, brinquedos e outros objetos capazes de auxiliar a aprendizagem dos alunos?

Era década de 1990. Se comparado, hoje, no início da segunda década de 2000, percebemos um mínimo avanço, ficando a desejar ainda os recursos para os professores trabalharem com seus alunos, bem como a ampliação dos espaços de formação e socialização infantil nas escolas públicas, que se sustentam numa sala de aula comum.

Imagem 7 - Sala de aula da Educação Infantil



Título	
SALA DE AULA DA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Arquivo	N.:
ARQUIVO DA SECRETARIA DA ESCOLA	14
Autoria	
Autoria	NÃO IDENTIFICADO
Copyright	ESCOLA ESTADUAL ROTARY DR NELSON DE ARAUJO
Formato	
Cores	COLORIDA
Tamanho	10 X 15 CM
Resolução	SUPORTE DE PAPEL
Extensão	
Datação	
Data Captação	1990
Local Captação	BRASIL/MS/DOURADOS/ ESCOLA
Data Digitalização	30/10/2010
Digitalizador (es)	MARILDA CABREIRA LEÃO LUIZ
Observações	
Legenda	
FOTO DO AMBIENTE DA SALA DA EDUCAÇÃO INFANTIL EM 1990	
Verso	
NÃO ACESSÍVEL – FOTO COLADA EM PAPEL	
Origem	
ARQUIVO DA ESCOLA	
Comentários	
O PISO ERANO CIMENTO COMUM EM VERMELHÃO E AS MESAS E CADEIRAS EM MADEIRA PINTADOS NA COR BRANCA. COM POUCA CLARIDADE NO AMBIENTE.	

Pierre Bourdieu aborda a dimensão histórica através da importância dada na questão da arquitetura escolar:

Ao tratar da questão espaço escolar, temos que nos haver com dois estados da história (ou do social): a história, no seu estado objetivado, quer dizer, a história que se acumulou ao longo do tempo nas coisas, máquinas, edifícios, monumentos, livros, teorias, costumes, direito, etc. e a história no seu estado incorporado, que se tornou habitus. (BOURDIEU, 1989, p.82).

O ambiente escolar para Bourdieu se torna importante mediante a experiência de levar a criança, por exemplo, pela primeira vez à escola, a qual reage se o espaço lhe agrada ou não. Isso sem ao menos levar em conta, o espaço físico da escola adequado para os alunos especiais (deficientes físicos). Para Diana Vidal e Faria Filho (2000), a construção de uma escola de qualidade é, ainda hoje, sem dúvida um dos nossos maiores desafios.

O pesquisador deve impor à fotografia enquanto monumento uma observação para além de uma descrição.

Concebida como monumento, a fotografia impõe ao historiador uma avaliação que ultrapasse o âmbito descritivo. Neste caso, ela é agente do processo de criação de uma memória que deve promover tanto a legitimação de uma determinada escolha quanto, por outro lado, o esquecimento de todas as outras. Neste sentido, a produção da mensagem fotográfica está atrelada ao controle dos meios técnicos de produção cultural que, até por volta da década de 1950, ainda era privilégio quase exclusivo de setores da classe dominante (CARDOSO e MAUAD, 1997, p. 407)

A imagem fotográfica pode abordar aspectos da vida material que aos nossos olhos parece como qualquer relato escrito, podendo ir além, como a criação de memórias, onde o esquecer e o lembrar se constituem como elementos indispensáveis.

Não foram digitalizadas todas as fotografias do acervo da escola pelo fato do tempo não ter permitido, atribuído às atividades da pesquisa e também pelo fato da escola necessitar dos recursos tecnológicos disponíveis para outras atividades cotidianas. Mas, como estímulo para continuidade, por parte da escola em fazer este trabalho com todas as imagens fotográficas, propomos um plano de intervenção na mesma.

2.3 O projeto de intervenção

Após o primeiro passo da pesquisa com as imagens fotográficas da Escola Estadual Rotary Dr. Nelson de Araujo, o passo seguinte foi a apresentação da proposta de um plano de intervenção na escola, na tentativa de estimular a mesma num projeto que envolvesse a tecnologia da própria escola para organizar, digitalizar e disponibilizar seu acervo fotográfico.

A intervenção num espaço social, conforme Touraine (1982) registra que é preciso uma experiência de manter contatos com o grupo que vai desenvolver o trabalho.

A criação da escola foi na década de 1970, o Estado ainda era Mato Grosso, com o desmembramento do mesmo em 1976, se tornou Mato Grosso do Sul. A localizada da escola foi sempre no mesmo lugar, na área central da cidade de Dourados – MS. Atende alunos de classe média, inclusive atende alunos que moram no Lar Santa Rita de Cássia, localizado nas proximidades da escola.

Diante do contato estabelecido anteriormente com a escola, e as relações sociais já estabelecidas com a equipe escolar, anteriormente no segundo semestre do ano de 2010, para levantamento, seleção identificação e digitalização das imagens fotográficas, contribuiu para o fortalecimento das relações da pesquisadora com o grupo escolar, facilitando a realização do plano de intervenção na escola sob forma de um projeto..

O projeto de intervenção na escola intitulado *Memória Imagética da escola Nelson de Araújo*, foi apresentado primeiro para os coordenadores pedagógicos, que encaminharam para o contato com os professores para selecionar quais turmas iriam desenvolver o projeto, pelo fato de não ser possível no momento o desenvolvimento do projeto com todas as turmas, pois são dez turmas de alunos no total na escola. Em comum acordo com todos os professores foi acolhida a preferência as turmas dos 3ºs anos A e B do ensino fundamental. O primeiro passo da intervenção foi a apresentação do projeto de intervenção aos professores, sendo acatados por unanimidade pelos mesmos, inclusive aprovando a ideia da pesquisa pelo fato de ser conteúdo de 3º ano do ensino fundamental, a história da escola.

O projeto de intervenção foi desenvolvido na Escola Estadual Rotary Dr. Nelson de Araujo como *Projeto Memória Imagética da Escola Nelson de Araujo* nos meses de Fevereiro, Março, Abril de 2011, nas turmas de 3ªs anos do ensino fundamental.

A Escola Estadual Rotary Dr. Nelson de Araujo não se difere da realidade de escola pública em relação à maioria das escolas públicas do Município de Dourados, do Estado de Mato Grosso do sul e do próprio país Brasil. Desempenha suas atividades em consonância com sua proposta pedagógica que registra uma democracia participativa, justificando assim a participação da escola por meio dos professores e alunos no Projeto Memória Imagética.

Segundo a proposta pedagógica da escola (PPP, 2010), a mesma faz um trabalho voltado para a valorização do aluno e da equipe que a integra, destaca suas preocupações com as instalações físicas, visando o bem estar dos alunos. Tem uma equipe que aparentemente se

mostra muito prestativa no desempenho de seus afazeres na escola. Diante da identificação das imagens fotográficas, percebemos que a escola desenvolve atividades cotidianas comuns de escolas públicas. O grupo escolar (alunos, professores, diretor, coordenadores) desenvolve também atividades voltadas à cultura, o esporte e o lazer, atendendo a proposta curricular.

Como sabemos a escola pública tem suas limitações, principalmente quando se trata de desenvolver atividades que requerem aplicação de recursos. Desde a falta de materiais didáticos e até mesmo espaço físico inadequado. Na perspectiva de que todas as atividades desenvolvidas pelos professores e alunos se voltam ao mesmo objetivo que é o rendimento escolar, e ainda há uma carência de recursos para o andar das atividades na escola. Na questão da organização do acervo fotográfico também deixa a desejar, e essa superação veio de encontro ao projeto de intervenção na escola.

Conforme Touraine na pesquisa sociológica as relações sociais e seus desafios culturais não podem ser observados diretamente.

É ao concentrar a atenção sobre os próprios atores, em suas condições sociais concretas, que melhor podemos aproximarmo-nos dos mecanismos pelos quais, para além das condutas de consumo social, podem-se avistar as condutas de produção conflitual da sociedade. (TOURAINÉ, 1982: 39)

Diante da colocação de Touraine é preciso que o investigador e/ou pesquisador intervenha diretamente no espaço a ser pesquisado, conforme o autor continua:

A ideia básica do método da intervenção sociológica é a de que a passagem da situação de consumidor da sociedade a uma situação de produtor não se faz apenas com um espaço de liberdade. É possível fugir desse espaço de liberdade, voltando a uma situação mais normal e mais cotidiana, ou então, nesse espaço de liberdade, pode-se criar uma contra-organização, uma discussão, um problema de liderança, a figura de um chefe que aparece, etc. Daí a ideia de que a inversão da situação do ator, fazendo-o passar de consumidor a produtor, somente pode ser feita através da intervenção do pesquisador. Isso significa, de imediato, que o pesquisador não observa não conta, não define e nem descreve uma situação. O pesquisador atua, para realizar essa transformação do consumidor em produtor. (TOURAINÉ, 1991, p. 57).

Para que o pesquisador passe de condutor de respostas e se adapte às condutas de projeto e conflito, é preciso uma intervenção ativa e pessoal do pesquisador no ambiente a ser pesquisado.

Mas, como se dá uma intervenção? Sabemos que a escola, como um *locus* do saber e do conhecimento, é um espaço aberto e permeado de conflitos. Historicamente, a escola se caracteriza mais como reprodutora de conhecimentos e oriunda de uma cultura tradicional.

“Só o conhecimento das leis da reprodução no âmbito da instituição escolar, é que pode haver alguma chance de minimizar a sua ação reprodutora” (BOURDIEU E PASSERON, 1975, p. 77). Isso demonstra que historicamente, a escola se reproduz tradicionalmente.

Para Bourdieu (2002), o sistema de ensino contribui para conservar as estruturas sociais ou que estas tendem a se conservar ou a se manter e que o enunciado sobre a existência de mecanismos de conservação pode ter um caráter revolucionário. Nesse sentido, o autor esclarece: “Continuo a pensar que contribui para conservar. Insisto sobre o *contribui*, o que é muito importante aqui. Não digo *conserva, reproduz*; digo *contribui para conservar*” (BOURDIEU, 2002, p.13-14, grifos no original).

Freire (1996) nos desafiou a pensar mudanças, ao afirmar que nosso papel no mundo não deve ser o de quem simplesmente constata o que ocorre, mas que também intervém como sujeito de ação. Para ele, o homem, como ser inserido no mundo da história, da cultura e da política, constata não para se adaptar, mas para mudar. Todavia, é por meio da tarefa inicial da constatação que ele se torna capaz de intervir na realidade.

Tais colocações de autores renomados como Bourdieu (2002), Freire (1996) e Touraine (1991), submetem ao desafio de encontrar resistência nas escolas ao tentarmos desenvolver um projeto de intervenção. Porém a tentativa do pesquisador não deve se esgotar mediante tais impactos, o mesmo deve ser persistente e saber tanto se comunicar como ouvir os anseios da escola. E mediante este entusiasmo de que muitas instituições escolares ainda estão de portas abertas para parcerias de intervenção, principalmente que envolva o processo ensino aprendizagem dos alunos.

A Escola Estadual Rotary Dr. Nelson de Araujo é uma dessas escolas que aceitou esta parceria, para o desenvolvimento de um projeto que visou organizar e disponibilizar sua memória imagética. No nosso contato com os arquivos da escola, já anteriormente consolidado no período do levantamento e seleção das imagens fotográficas, favoreceu nossa intervenção na mesma.

Esperamos que o desenvolvimento do projeto de intervenção estimule e dê autonomia para a escola fotografar, organizar, arquivar e disponibilizar sua memória imagética em forma de acervo físico e digital.

Justificou o projeto de intervenção a falta de reconhecimento e valorização da escola pública pela sociedade em geral, em relação a construção da memória por meio das imagens, e ao mesmo tempo vai compondo sua história ano após ano, sem preocupação com

documentos fotográficos, que muitas vezes caem no esquecimento e ficam arquivadas de modo impróprio, inadequado e inacessível.

O projeto foi relevante pelo fato de organizar as imagens fotográficas da escola com auxílio das tecnologias e ao mesmo tempo fazer com que alunos e professores se empenhem na organização e disponibilização do arquivo imagético da escola. O mesmo pode ser considerado inédito, pela realidade social que apresenta as escolas públicas de Dourados – MS, que diante de alguns estudos já feitos em algumas instituições escolares na tentativa de recuperação de arquivos, se consolida como um dos primeiros a trabalhar só com fotografias..

Estudos como o *Projeto Memória Imagética da Escola Nelson de Araujo*, vem ganhando espaço ultimamente em pesquisas de graduação e pós graduação, talvez ainda escasso no campo da educação, mas pela vontade de alguns pesquisadores e o com propósito de valorizar as imagens e a memória das instituições de ensino, caracterizando um grande desafio aos que se propõem um enfrentamento ao mundo das imagens.

O Universo da análise, a Escola Estadual Rotary Dr. Nelson de Araújo, é caracterizada Escola Pública Estadual de Ensino Fundamental, localizada na área central da cidade de Dourados – MS. A escola funciona nos dois turnos (matutino, vespertino), tem uma média de 250 alunos, oferece ensino fundamental de 1º ao 5º ano. É uma escola antiga que está situada na Rua Ciro Melo, nº 2677, Vila Planalto.

O objetivo da intervenção foi organizar as imagens fotográficas da Escola Estadual Rotary Dr. Nelson de Araujo, utilizando dos recursos tecnológicos disponíveis na escola como computador, scanner e câmera digital, incentivando a escola através dos alunos e professores, organizar seu arquivo de imagens e disponibilizar sua memória imagética

Como indicadores iniciais a escola não dispõe uma prática de organização e digitalização das fotografias As atividades cotidianas da escola são registradas por meio de fotografias, e muitas vezes arquivadas de modo inadequado, se tornando difícil acesso ao público interessado.

Nossa meta principal é que a escola possa desenvolver a prática de arquivamento das fotografias. Quanto às estratégias, envolveram professores e alunos na prática de organização do acervo fotográfico. Pela proposta pedagógica da escola, as ações do projeto de intervenção somou-se no conteúdo de primeiro bimestre dos alunos do 3º ano, o estudo sobre a escola.

Na digitalização das imagens, foram utilizados os recursos tecnológicos da Sala de Tecnologia Educacional – STE – da escola, onde o professor da STE se interagiu junto com os alunos no mesmo objetivo do projeto.

Quanto às técnicas de análise da fotografia, os alunos observaram e capturaram as imagens fotográficas produzidas no cotidiano da escola, nas famílias dos próprios alunos, principalmente aqueles que revelam fenômenos sociais, registrando os dados das imagens nas fichas de identificação. E, posteriormente, a técnica de digitalização das imagens. A utilização da dinâmica de grupos formados por dois a três alunos no máximo, para captura e seleção das fotografias, principalmente no manuseio da câmera fotográfica.

Para concretização das atividades do projeto de intervenção na escola tornou-se necessário a elaboração do passo a passo das atividades:

- 1º passo – Contato com a direção, coordenação e professores da escola para desenvolvimento do projeto de intervenção.
- 2º passo – Reunião com os professores das turmas que desenvolverão o projeto, para fechamento do cronograma da intervenção dentro de um bimestre.
- 3º passo – A direção e/ou coordenação falar do projeto para os demais professores, alunos e funcionários em geral da escola.
- 4º passo – Iniciar as atividades com o trabalho de conscientização dos alunos envolvidos no projeto de intervenção sobre a preservação da memória escolar através das imagens fotográficas, na construção da história da escola, enfocando o que é história e o que é memória, na disciplina de História. Fazer a formação dos pequenos grupos de dois a três alunos.
- 5º passo – Orientar sobre o preenchimento das fichas de identificação na disciplina de Língua Portuguesa, e proceder à captura de fotos de suporte de papel, tanto da escola, como da família, fazendo a distribuição de fichas de identificação para os alunos trazerem preenchidas com fotos da família.
- 6º passo – Proceder à captura de fotos no arquivo da escola, fazendo a seleção e identificação das mesmas nas fichas, na aula de Artes.
- 7º passo – Tirar fotos dos espaços físicos da escola, das turmas, dos professores, da direção da coordenação e dos demais funcionários da escola, na disciplina de Geografia.
- 8º passo – Fazer a digitalização das imagens nas fichas na STE.

- 9º passo – Organizar as imagens com suas respectivas fichas de identificação por datas e temas, num banco de dados em DVD, na disciplina de Matemática.
- 10º passo – Fazer a impressão do acervo organizado em DVD.
- 11º passo – Encadernar o acervo de imagens impressas para fazer parte do acervo da escola.
- 12º passo – Elaborar um manual de orientação com as atividades realizadas para disposição na escola.

Os recursos necessários para a realização do projeto foram:

- Fotografias dos sujeitos e atividades (datas comemorativas) realizadas na escola;
- Câmera Fotográfica;
- Computador, impressora, scanner;
- Parceria com professores da STE e demais professores da escola;
- Papel sulfite gramatura 90 g/m²
- Papel fotográfico
- CDS virgens para arquivar as imagens fotográficas digitalizadas.

Em acordo com a direção, coordenação e professores, os mesmos optaram-se por desenvolver o projeto nestas turmas por fazer parte da estrutura curricular o estudo da história da escola. Diante do conteúdo da proposta pedagógica da escola, as atividades do projeto de intervenção associaram-se aos conteúdos já pré-definidos no início do ano letivo. Foi considerado de grande importância pelos professores, principalmente por incluir o estudo das imagens fotográficas do universo escolar como preservação da memória e contexto histórico da escola. Tal proposta foi aceita em unanimidade pelos professores que consideraram uma soma aos conteúdos da proposta curricular dos 3ºs anos do ensino fundamental, com grande estímulo e expectativa de dar continuidade nos próximos anos.

Na tentativa de aplicar uma intervenção na escola a pesquisadora buscou apoio em Touraine (1991), quando o mesmo reforça que o papel do pesquisador é o de estudar a presença ou a ausência do mais alto nível de luta.

O pesquisador constrói sobre o mais alto nível de luta e identifica-se com ela. A partir daí, ele vai convencer o grupo, transferindo para ele essa imagem extremamente positiva de sua ação.

Os recursos tecnológicos foram importantes para concretização das atividades propostas na escola. “As tecnologias garantem às escolas a possibilidade de se abrirem e oferecerem educação para todos, indistintamente, em qualquer lugar, a qualquer tempo” (KENSKI, 2007, p. 125).

As ações desenvolvidas no projeto de intervenção envolveram atividades de cunho teórico como: leituras e interpretações de textos que abordam sobre a história e memória, com fundamentos teóricos sobre documentos em Le Goff (1992) e sobre histórias e memórias da educação em Stephanou & Bastos (2005). Para discutir cultura escolar Bencostta (2001), imagens e fotografias em Burke (2004) e Martins (2009) e tecnologias Kenski (2007), seguidos do desenvolvimento de atividades práticas através dos recursos tecnológicos computador, scanner, câmera fotográfica e impressora, onde contou com apoio do espaço cedido na sala de tecnologia educacional da escola, para digitalização das imagens e suas respectivas fichas de identificação. A digitalização contou com auxílio da leitura do documento do Conselho Nacional de Arquivos - CONARQ, (2010).

Alunos e professores se interagiram juntos na leitura do projeto “Memória Imagética da Escola Nelson de Araujo”, tiraram suas dúvidas e integraram os conteúdos das disciplinas de História, Geografia, Língua Portuguesa e Matemática, com as atividades do projeto nas aulas cotidianas. Todos se envolveram nas atividades propostas. Foi feito questionamento aos alunos sobre memória onde os mesmo exercitaram as lembranças, recordações, fotografias, relacionados no dia a dia deles. No desenvolvimento das atividades com as imagens, fizeram análises das mesmas e produziram um texto escrito, identificando as imagens com título, data, tamanho, autor, etc.

As atividades proporcionaram o exercício da memória quanto aos aspectos destacados nas fotografias, resultando na produção de uma pequena história por meio das mesmas. Houve um bom aproveitamento das atividades proporcionando interação social dos alunos uns com os outros e professores em relação ao tema proposto e discutido. No registro das atividades em relação à memória utilizamos a disciplina de História, e nas produções de registros escritos utilizou-se a disciplina de Língua Portuguesa.

A leitura dos textos era sempre retomada quando algum aluno não tinha conseguido entender, seguidos de explicação da autora do projeto. Os alunos demonstraram que conseguiram assimilar o conteúdo, fazendo os exercícios propostos com a memória na oralidade, usavam de questionamentos para superação de dúvidas e na medida do possível cada um foi atendido de acordo com seus anseios.

As atividades de leituras e escritas aplicadas aos alunos, proporcionou conhecimento quanto aos conceitos da história, da memória e de fotografias. Os alunos conseguiram assimilar o conteúdo, concretizar as atividades propostas e onde tinham dúvidas faziam questionamentos, conseguindo superar as dúvidas surgidas durante a realização das atividades.

Para a primeira atividade prática de identificação de imagens, os alunos trouxeram fotos da família para trabalhar na aula de História, e fizeram a identificação das fotos nas fichas com registros escritos. A fotografia é uma produção de sentidos que produz sentidos. Dessa forma os alunos lidaram com as fotografias de acordo com o que a imagem representava para eles. A maioria dos alunos levaram sua própria fotografia e registraram a história de sua infância .

Apenas alguns alunos não trouxeram fotos de casa, e trabalharam com imagens de livros do acervo da professora da sala. Algumas dificuldades quanto aos itens da ficha foram encontradas na hora do preenchimento, porém superadas com a intervenção da professora da sala e da autora deste projeto. Também auxiliou na atividade a professora itinerante que acompanha um aluno com necessidade educacional especial na sala de aula. Inclusive esse aluno conseguiu assimilar o conteúdo da ficha e preencheu sua ficha com sua foto. Foi proveitosa atividade com as fichas de identificação, pois os alunos além de apreenderem a identificar as fotos, construíram sua história de infância.

Todos os alunos se envolveram nas atividades propostas, e nas aulas de Geografia contextualizando sobre a localização da escola, seu espaço geográfico, valorizando a paisagem que cerca a escola. Cada um deu sua opinião sobre os espaços da escola, onde alguns alunos colocaram que a escola é um prédio pequeno, com apenas cinco sala de aula, está situada em área central da cidade de Dourados e tem alguns alunos que moram em bairros distante da escola. O passo importante nessa atividade é que tanto os alunos como professores ficaram conhecendo história do outro, registrando esses momentos com a captura da fotografia.

Alunos e professores participaram das atividades com êxito. Inclusive do vídeo “História da Fotografia”, tiveram a oportunidade de apreender e conhecer sobre a fotografia, sua história e seu inventor. Também visualizaram no vídeo os tipos de câmera de antigamente, sua evolução até chegar na câmera digital atual. Após assistir o vídeo foi aberto para as discussões, os alunos despertaram curiosidades sobre as cores das fotos, como preto e branco, anterior à década de 1980, e os tipos de câmeras que eram utilizadas, inclusive

pediram para fazer um desenho com pintura na tentativa de reproduzir uma câmera fotográfica de antigamente. Alguns foram bastante criativos e conseguiram desenhar uma câmera antiga e uma câmera atual. Foram produtivas as atividades, os alunos aprenderam como começou a surgir a fotografia e os seus meios de reprodução. Os alunos fizeram o papel de agentes de produção de imagens.

Houve interesse por parte dos alunos e professores pela seleção, captação e digitalização das fotos. Aprenderam o manuseio da câmera digital, a capturar fotografias e anotar legendas. Todos se envolveram nas atividades propostas. Fotografaram as salas de aulas com os alunos e professores, bem como outros ambientes da escola e demais funcionários da escola.

Os alunos sistematizaram a catalogação das fotografias nas aulas de Matemática fazendo a digitalização das imagens na fichas de identificação, utilizando os recursos da sala de tecnologia da escola. Em grupos de dois alunos, primeiro se familiarizaram com o computador na sala de tecnologia, e depois cada grupo procedeu a digitalização de suas imagens. Como já haviam adquirido contato com a ficha em atividades na sala de aula, não foi difícil superar algumas dúvidas em relação à ficha. Todos os grupos se envolveram e realizaram as atividades.

Os professores também acompanharam e sistematizaram juntos com os alunos, onde os mesmos se encarregaram da tarefa de digitalização das imagens captadas durante a realização do projeto na escola, inclusive organizando as imagens por temas e assuntos. O arquivo das imagens foi salvo em DVD e em pastas no computador da escola. O aproveitamento final foi pelo fato de ter conseguido um número razoável de imagens fotográficas capturadas, catalogadas e organizadas pelos alunos e professores.

Para Marrou (1974), o historiador nunca deve ter a certeza de não ter deixado escapar qualquer peça fundamental para a pesquisa, por maior e melhor método que seja, ou cuidado e profundidade que tenha usado ou empregado, em especial sobre o documento fotografia.

O pesquisador deve desenvolver uma capacidade não só de selecionar os documentos, mas também conseguir recuperá-los, mesmo que se trate de uma categoria bem conhecida como os textos mais simples e até de autores clássicos, documentos de arquivos diplomáticos, e outros tipos de documentos. Cabe aqui também destacar os documentos dos arquivos e acervos escolares, em especial as fotografias como fontes de investigação histórica, que são capazes de ajudar a responder questionamentos sobre os acontecimentos passados da escola.

O quadro 7 identifica os dados das imagens organizadas pelo alunos e professores do 3º ano A do período matutino, mostrando que o maior número de imagens estão relacionadas ao tema *atividades pedagógicas*.

Quadro 6 – Dado das imagens organizadas pela turma do 3º A – período matutino

Data	Temas	Total/imagens
2010	Atividades extraclases	-
2010	Atividades pedagógicas	21
2010	Cultura, lazer e esporte	02
2010	Datas comemorativas	-
2010	Eventos	-
2010	Grupo escolar	06
2010	Instalações físicas	04
2010	TOTAL	33

Fonte: Quadro organizado pela pesquisadora de acordo com a quantidade de imagens digitalizadas pelos alunos do 3º ano A do período matutino.

O quadro 8, identifica os dados das imagens organizadas pelos alunos e professores do 3º ano B do período vespertino, e o maior número de imagens também estão incorporadas nas *atividades pedagógicas*.

Quadros 7 - Dados das imagens organizadas pela turma do 3º B – período vespertino

Data	Temas	Total/imagens
2010	Atividades extraclases	-
2010	Atividades pedagógicas	23
2010	Cultura, lazer e esporte	01
2010	Datas comemorativas	01
2010	Eventos	-
2010	Grupo escolar	04
2010	Instalações físicas	03
2010	TOTAL	32

Fonte: Quadro organizado pela pesquisadora de acordo com a quantidade de imagens digitalizadas pelos alunos do 3º ano B do período vespertino.

Todas as fotografias de suporte digital, capturadas no ano de 2010. Um fato que chama bastante atenção, é que no final da primeira década do ano 2000, mesmo diante de uma margem pequena de seleção de imagens feitas pelos alunos, somadas no total geral de 65 imagens, o maior número de imagens se concentra nas *atividades pedagógicas*.

Na **imagem 8** (ver p. 76.), visualizamos os alunos na sala de aula durante a realização das atividades teóricas do projeto de intervenção, sob orientação da professora e também a participação da diretora atual da escola, mostrando dessa forma a colaboração e o empenho por parte desses educadores nas atividades do projeto. Isso demonstra que é possível fazer um trabalho na escola, integrando professores e alunos, incentivando-os a organizarem seu próprio acervo escolar.

A **imagem 9** (ver p. 77), apresenta os alunos na Sala de Tecnologia Educacional - STE da escola, durante a digitalização das imagens nas fichas de identificação. Um detalhe importante chama atenção nesta imagem, os antigos computadores da Sala de tecnologia Educacional da escola conforme vimos na imagem 2, foram substituídos por computadores mais modernos, com tela LCD. Isso demonstra que as tecnologias na escola pública aos poucos vão se modificando, de acordo com a evolução tecnológica.

A contribuição dos recursos tecnológicos como computador, scanner, câmera fotográfica, vídeo, impressoras, se constituem em importantes recursos quando utilizados para a aprendizagem dos alunos, principalmente na organização de documentos que fazem parte do acervo escolar.

Imagem 8 - A Direção na Sala de Aula



Título	
A DIREÇÃO NA SALA DE AULA	
Arquivo	N.:
CÂMERA DIGITAL	12
Autoria	
Autoria	MARILDA CABREIRA LEÃO LUIZ
Copyright	E.E. ROTARY DRNELSON DE ARAUJO
FORMATO	
Cores	COLORIDA
Tamanho	10 X 15 CM
Resolução	4000 X 3000 PIXELS
Extensão	JPEG
Datação	
Data Captação	20/03/2010
Local Captação	SALA DE AULA
Data Digitalização	08/04/2011
Digitalizador (es)	REBECA APARECIDA E FABIO DE MELO DO 3º A
Observações	
Legenda	
A DIRETORA SANDRA NA SALA DO 3º ANO B DURANTE ATIVIDADES DO PROJETO MEMÓRIA IMAGÉTICA SA EM MARÇO DE 2011	
Verso	
Origem	
ESCOLA	
Comentários	
FOTO CAPTURADA DURANTE AÇÕES DO PROJETO MEMÓRIA IMAGÉTICA REALIZADAS NA SALA DE AULA. A IMAGEM MOSTRA O VISUAL ATUAL DO AMBIENTE INTERNO DA SALA DE AULA, COM CERÂMICA ATÉ O MEIO DAS PAREDES, E NO CHÃO, ENQUADRAMENTO DA FOTO SÓ UMA PARTE DA SALA DE AULA. AMBIENTE BEM ILUMINADO.	

Imagem 9 - Projeto Memória Imagética na STE



Título	
PROJETO MEMÓRIA IMAGETICA NA STE	
Arquivo	N.:
CÂMERA FOTOGRÁFICA	30
Autoria	
Autoria	MARILDA CABREIRA LEÃO LUIZ
Copyright	ESCOLA ESTADUAL ROTARY DR NELSON DE ARAUJO
Formato	
Cores	COLORIDA
Tamanho	10 X 15 CM
Resolução	4000 X 3000 PIXELS
Extensão	JPEG
Datação	
Data Captação	11 DE ABRIL DE 2011
Local Captação	ESCOLA/ SALA DE TECNOLOGIA
Data Digitalização	25 DE ABRIL DE 2011
Digitalizador (es)	EDUARDO – ALUNO DO 3º ANO B
Observações	
Legenda	
FOTO DOS ALUNOS DO 3º ANO B NA SALA DE TECNOLOGIA PREENCHENDO AS FICHAS DE IDENTIFICAÇÃO DAS IMAGENS DO PROJETO MEMÓRIA IMAGÉTICA DA ESCOLA NELSON DE ARAUJO EM ABRIL DE 2011.	
Verso	
Origem	
ARQUIVO DA ESCOLA	
Comentários	
A FOTO REVELA QUE O ESPAÇO DA SALA DE TECNOLOGIA É INADEQUADO, OS COMPUTADORES ESTÃO COLOCADOS MUITO PERTO UNS DOS OUTROS E OS ALUNOS PRECISAM REALIZAR AS ATIVIDADES EM GRUPOS DE DOIS PELO FATO DO NÚMERO DE COMPUTADORES NÃO SEREM SUFICIENTES DE ACORDO COM A DEMANDA DO NUMERO DE ALUNOS.. O ENQUADRAMENTO MOSTRA APENAS ALGUNS ALUNOS.. AMBIENTE BEM ILUMINADO	

O desenvolvimento do Projeto *Memória Imagética da Escola Nelson Araújo* proporcionou uma socialização através das ações desenvolvidas, bem como o envolvimento e a participação da equipe escolar nas atividades propostas. Como produto final, estamos pensando na elaboração e disponibilização de um manual impresso para orientação das atividades com um roteiro das mesmas.. Além da intervenção, esses procedimentos serviram para incentivar e estimular a escola dar continuidade no processo de sistematização, organização e arquivamento das imagens fotográficas para preservação da sua memória imagética.

A opção pelo método de intervenção sociológica proporcionou além do conhecimento, a elevação do nível de ação, oportunizando à ação real, uma aproximação maior do contexto histórico da escola. “Procura ajudar os homens a fazer sua história” (TOURAINÉ (1982, p. 45)

Outro ponto muito importante que merece ser destacado é a contribuição dos recursos tecnológicos para o desenvolvimento da intervenção na escola. Conforme Kenski “podemos ver a relação entre educação e tecnologias de outro ângulo, o da socialização da inovação tecnológica na educação” (KENSKI, 2007, p. 43).

2.4 O acervo organizado

Foram organizados três tipos de acervos com as imagens fotográficas da escola: acervo físico, acervo de reprodução e acervo digital.

Para a organização do acervo físico original, de posse das imagens fotográficas do acervo da escola, acondicionamos as mesmas em envelopes de papel de acordo com o tamanho da fotografia, nos quais confeccionamos uma abertura frontal no envelope, para visualização da mesma. Imprimimos as fichas de identificação sem as imagens, em papel sulfite A4 de 90 g/m². Depois colamos um envelope em cada folha separadamente, colocando as imagens dentro dos envelopes, uma a uma. Em seguida foi feita encadernação com capa dura na gráfica, num total de cinco volumes, sendo: I volume com as imagens da década de 1980, o II volume com as imagens da década de 1990. Tanto o volume da década de 1980, como o volume da década de 1990, comporta todas as imagens agrupadas nos diferentes temas atribuídos às imagens.

A década de 2000, por comportar um maior número de imagens foi dividida em três volumes, onde foi organizado o III volume com as imagens agrupadas nos temas Atividades Extraclasse e Atividades Pedagógicas, o IV volume contém o grupo de imagens dos temas

Cultura, Esporte, Lazer e Datas Comemorativas, e o V volume contém as imagens agrupadas aos temas Eventos da Escola, Grupo Escolar e Instalações Físicas. O acervo está disponível na escola.

Com as mesmas imagens originais, digitalizadas e identificadas foi organizada uma reprodução em forma de catálogos, onde as imagens foram impressas em papel fotográfico, com encadernação de capa dura. No mesmo total de volumes conforme os originais, que estão disponibilizados na escola para acesso e manuseio a quem se interessar.

Foi organizado um volume único com a reprodução de quatro imagens do médico Nelson de Araújo, não sendo possível organizar um volume com as imagens originais por não fazerem parte do acervo da escola, mas sim do Museu Histórico Municipal de Dourados, que cedeu as imagens somente para reprodução.

No acervo digital as imagens estão organizadas em pastas no computador por décadas e temas, no programa do Power Point, em forma de apresentação. Cada imagem está acompanhada de sua ficha de identificação. Estão armazenadas em DVDS. Posteriormente serão disponibilizadas no Google Docs. e Blog da escola.

Nos três tipos de acervo se encontram as mesmas imagens e estão disponibilizados na escola. A vantagem do acervo com as imagens originais para preservação e o acervo de reprodução das mesmas imagens em forma de catálogo para manuseio. Quanto ao banco digital em DVD, foi necessário organizá-lo de como meio de facilitar o acesso como fontes documentais.

Quanto à preservação digital de imagens, ainda passa por uma grande preocupação, que segundo Pavão deve-se ter cautela.

A evolução tecnológica dos últimos anos mostra-nos que um sistema digital é ultrapassado por outro mais moderno, poucos meses ou anos após o seu lançamento, tornando-se um sistema obsoleto algum tempo depois. Novos sistemas digitais têm surgido e continuarão a surgir certamente, em sucessão sucessiva, sem cessar. Os sistemas antigos tornam-se obsoletos, inevitavelmente, no espaço de uma década ou antes disso e as imagens por eles geradas ou neles mantidas, deixam de ser lidas, decodificadas ou reproduzidas pelos novos sistemas que entretanto surgem. Os próprios suportes são ultrapassados por outros, de maior capacidade de armazenamento, rapidez de acesso ou gravação e menor custo. Isto significa que, aos responsáveis pela conservação do patrimônio visual, não basta garantir a boa condição física dos CDs, fitas magnéticas, discos rígidos, ou qualquer outro suporte de arquivo de imagens. Os arquivos devem ser atualizados para se manterem legíveis e utilizáveis. Se o nosso arquivo de imagens permanecer fechado e isolado por alguns anos, quando o quisermos abrir arriscamo-nos a encontrar uma Biblioteca Babilônica,

indecifrável. (PAVÃO, 2002, p. 3).

A evolução tecnológica avança muito rápido, os suportes de armazenamentos atuais vão sendo ultrapassados por outros, por isso não basta organizar os documentos enquanto preservação patrimonial em CDs de boa condição física, mas estar sempre revendo e reavaliando as condições desses suportes.

Sabemos que o acesso eletrônico ainda não substitui o prazer e a emoção do contato físico com o impresso, principalmente das imagens fotográficas. No entanto, pensar em novas formas de preservação e de acesso do conhecimento já registrado é tão importante quanto a produção de novos conhecimentos. É assim que evoluímos, levando na bagagem o saber já adquirido – o nosso passado – a fim de aplicá-lo em desafios futuros.

Vivemos um momento de mudanças. Assim como ocorreu na transição do pergaminho para o papel como suporte de escrita, os impressos passam hoje a dividir com os documentos eletrônicos a tarefa de registrar o conhecimento humano. Porém, a questão hoje perpassa pela durabilidade tanto do registro em papel como o digital, sem deixar de mencionar as condições inadequadas de armazenamento e manuseio que vão colocando em risco o desaparecimento de documentos preciosos que podem ser constituídos em valiosas fontes documentais tanto para a preservação da memória como para contar a história de um grupo, de um povo e de uma nação.

O 3º e último capítulo aborda sobre o contexto da pesquisa e apresenta perspectivas de análises de algumas imagens fotográficas. Para escrever a história necessitamos das fontes. As fotografias da Escola Estadual Rotary Dr. Nelson de Araújo organizadas, se constituíram como fontes para reconstrução da memória imagética da escola e exploração na sua história, por meio do diálogo com as mesmas nas três últimas décadas.

CAPÍTULO III

A IMAGEM FOTOGRÁFICA COMO FONTE NA HISTÓRIA DA ESCOLA

3.1 O contexto da pesquisa

A história da educação no Município de Dourados revela um período marcado por significativas mudanças, conforme pesquisas recentes de Fernandes & Freitas (2001), e Sarat e Mancini (2007).

Dourados é um município brasileiro, criado em 20 de dezembro de 1935, situado na região Centro-Oeste, conta aproximadamente com 200 mil habitantes. É a segunda cidade do Estado de Mato Grosso do Sul em população, servida por linhas regulares de transporte aéreo e rodoviário, aos principais centros do país, possuindo também um notável desenvolvimento comercial e de serviços, destacando-se na agropecuária e agricultura. A cidade de Dourados localiza-se na zona do planalto do estado de Mato Grosso do Sul, próximo à Serra de Maracaju, e na bacia do Rio Paraná. Situa-se próximo a divisa com o estado do Paraná, e próximo a fronteira cerca de 120 km com o Paraguai. Dourados conta com um solo rico em matéria prima, o que se traduz em produção diversificada.

A história é marcada por diferentes movimentos de colonização, conforme pontuam Sarat e Mancini:

Tem uma história marcada por diferentes movimentos de colonização e experiências envolvendo indígenas e não índios ao longo dos diversos períodos históricos, com terras habitadas por índios Guarani, Terena e Kaiowa, que formam a população da região juntamente com os “colonizadores” da mesma. A história da educação no município de Dourados é um período marcado por significativas mudanças. Assim como em outras localidades do país, ela segue as tendências da forma como estava organizada a educação nacional (SARAT & MANCINI, 2007, p.4).

A história da educação no município de Dourados é marcada por mudanças em conformidade com a organização da educação nacional da época, não só o município de Dourados, mas em outras localidades também era a mesma forma de organização da educação.

Segundo Fernandes & Freitas (2001), a história da educação normal no Município de Dourados inicia-se nas duas primeiras décadas do século XX, marcada pela iniciativa privada,

e o ensino era realizado pelas próprias famílias, como a alfabetização, leituras, primeiras noções gerais e de cálculos.

Segundo Sarat e Mancini (2007), por volta do período de 1943 a 1950 dá-se a atuação federal com a construção de 12 escolas administradas pela Colônia Agrícola Nacional de Dourados e, neste mesmo período cerca de 150 escolas do Núcleo Colonial de Dourados foram transferidas para as prefeituras municipais.

Para Fernandes & Freitas (2001), a oferta do ensino primário pelo Estado se deu no município de Dourados nos anos de 1940. Em Abril de 1939 foi criada a primeira escola chamada Escola Erasmo Braga, de 1ª a 4ª séries, de origem confessional era ligada a Igreja Presbiteriana do Brasil. Em 1941 a igreja católica criou a Escola Paroquial Imaculada Conceição, fechada em 1946, que conforme (Moreira, 1990, p77), foi reaberta em 1950 como Escola Paroquial Patronato de Menores, que funcionou até 1953.

No início de 1940 foi criada a 1ª escola municipal ampliou sua atuação nos anos subsequentes. O Decreto Municipal nº 70 estabelecia o regulamento da Colônia Agrícola Municipal de Dourados, que no seu art. 22 determinava a oferta de “instrução primária gratuita para os filhos dos colonos, se estabelecendo assim a política de oferta e regulação da educação pública municipal voltada para a área rural.

Em 1950 foi criado o Grupo escolar Joaquim Murтинho. Em 1954 surge a escola Osvaldo Cruz. Em 1955 foi criada a Escola Imaculada Conceição, particular, com regime de internato. Em 1957 formou a primeira turma de ginásio na Escola Joaquim Murтинho em parceria com o governo Estadual. Em 1963, surge a Escola Estadual Presidente Vargas.

Até 1988, o atendimento ao ensino pelo município era limitado aos anos iniciais do ensino fundamental conforme relata Fernandes & Freitas:

Até 1988, o atendimento realizado pela administração municipal era quase que exclusivamente limitado aos primeiros anos do ensino fundamental (1ª a 4ª série), com grande número de escolas (muitas vezes apenas salas de aula) em área rural e um número reduzido de escolas. O crescimento do ensino municipal urbano com oferta também nos anos finais do ensino fundamental (5ª a 8ª série) veio a ocorrer no período posterior a 1988 (FERNANDES & FREITAS, 2001, p.8).

A fotografia que hoje se tornou um marco popular nas escolas, não foi utilizada nesses períodos, pelo pouco acesso e custos elevados, porém ficando sem registros imagéticos os acontecimentos históricos do surgimento da educação no Município de Dourados – MS.

Segundo Sarat e Mancini (2007), nos arquivos das escolas públicas, prevaleceram os registros escritos e documentados em papéis como atas, formulários, matrículas de alunos, documentação que apontava a história da instituição. No entanto, eram praticamente inexistentes os registros fotográficos.

A Escola Estadual Rotary Dr. Nelson de Araújo, alvo desta pesquisa, foi criada na década de 1970. O médico Nelson de Araújo fez doação do terreno para construção da escola. Sendo mais tarde esse terreno doado à Prefeitura Municipal de Dourados.

A Escola Estadual Rotary Dr. Nelson de Araujo foi criada pelo Decreto Municipal nº 484/75 de 05/08/75, foi incorporada a Rede Estadual pelo Decreto nº 2933 de 07 de março de 1985 e passou a se chamar Escola Estadual de 1º Grau "Rotary Dr. Nelson de Araujo". Reconhecida pela Del. CEE nº 1533 de 14/04/87 publicada no Diário Oficial nº 2102 de 07/07/87, fls. 07. Em consonância com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a escola passou a se chamar Escola Estadual Rotary Dr. Nelson de Araujo, conforme Resolução/SED nº 1441 de setembro de 2000. A autorização de Funcionamento do Ensino Fundamental nº 29/080679/2003 de 18/12/2003 e a autorização de Funcionamento do Projeto do Curso Adulto, processo nº 29/080682/2003 de 12/01/04. Está localizada na Rua Ciro Melo, 2677, na Vila Planalto, região central do município de Dourados-MS.

A Escola Estadual Rotary Dr. Nelson de Araújo está localizada numa região central da cidade de Dourados, cercada de vários estabelecimentos comerciais, áreas de serviços médicos como hospitais, clínicas e consultórios, ficando apenas três quadras de distância das principais ruas da cidade, Avenida Weimar Gonçalves Torres, Avenida Marcelino Pires e Avenida Joaquim Teixeira Alves.

A escola dispõe de cinco salas de aulas, que atende em média de vinte e cinco a trinta alunos por turmas, nos dois turnos de funcionamento, matutino e vespertino, uma sala de tecnologia, uma cozinha, um depósito, uma sala de secretaria e direção juntas, uma sala de professores e um pátio descoberto. A escola funciona nos turnos matutinos e vespertinos. O prédio construído para fins escolares possui janelas amplas, cortinadas, ventiladores e aparelhos de ar condicionado que garantem boa ventilação e iluminação da escola. As salas e o mobiliário são suficientes para o número de alunos por sala e está em boas condições devido à conscientização constante da comunidade escolar.

A escola conta com os seguintes equipamentos: uma máquina copiadora, um retroprojetor, um vídeo kassete, dois DVDs, três aparelhos de som, um mimeógrafo, uma

maquina de datilografia elétrica, uma caixa amplificadora, quatorze microcomputadores, dois notebooks, um data show, duas TVs, duas câmeras digital e 04 impressoras. Dispõe no momento dos materiais pedagógicos: 06 coleções paradidáticas, 05 material dourado, blocos lógicos, damas, xadrez, dominós, mapas, carimbos educativos, livros de literatura infantil, fitas cassetes, globo, materiais esportivos, gibis e DVDs. Todos os equipamentos e materiais pedagógicos são utilizados conforme o planejamento dos professores.

Quanto ao sistema de ensino, a escola oferece o ensino fundamental de 1º ao 5º ano. O corpo docente é composto por professores efetivos e convocado. Sendo 7 efetivos, 3 convocados, 2 interpretes e 2 professores itinerantes, todos são graduados. Para realizar seus serviços, tem um diretor, dois coordenadores pedagógicos e a equipe da secretaria formada por assistente e agente administrativo, todos graduados, contando com uma secretária responsável. As relações de poder seguem hierarquia tradicional da escola. São cerca de 250 alunos matriculados na escola, onde algumas turmas são menores porque atende alunos com atendimento especializado, conforme Deliberação nº 4827 de 02 de outubro de 1997. As reuniões pedagógicas acontecem conforme a necessidade da escola. As reuniões com os pais ocorrem bimestralmente para todas as turmas do 1º ao 5º ano. Os pais são chamados individualmente para resolverem problemas de indisciplina de seus filhos.

O papel social da escola se constitui em organizar e direcionar as atividades curriculares e extracurriculares da escola, visando a qualidade do ensino e integração entre a comunidade e escola, trabalhando a valorização humana nos aspectos intelectual, social, político, econômico, espiritual, científico e tecnológico e contribuir para a constante melhoria das condições educacionais da comunidade escolar interna e externa. A escola atende alunos do Lar Santa Rita de Cássia (abrigo de crianças), por ser bem próximo da escola, ficando apenas uma quadra de distância da escola. A escola é mantida com recursos públicos estaduais, conta também com os amigos rotarianos, ou seja, o Rotary Clube Dourados, daí também o fato da escola ter em seu nome “Rotary” em homenagem aos rotarianos.

Encontramos um texto no jornal O Progresso de 10 de janeiro de 2000, abordando mais informações sobre a criação da escola.

A escola Rotary Dr. Nelson de Araujo é pouco conhecida em Dourados. Este estabelecimento de ensino foi criado pelo médico Nelson de Araujo, para atender as crianças do Lar Santa Rita de Cássia. Posteriormente o prédio foi doado pelo Rotariano Nelson de Araujo para a prefeitura, que depois repassou o espaço para o Governo do Estado. Hoje a escola tem 200 alunos e muitos deles ainda pertencem ao Lar Santa Rita de Cássia.

Na busca de uma proximidade com a escola Estadual Rotary Dr. Nelson de Araujo, os primeiros contatos foram feitos com a direção da escola, no mês de julho de 2010, onde foi autorizada pela mesma a pesquisa com as imagens da escola. Diante da autorização da direção da escola, a mesma passou para a coordenação pedagógica para acompanhar e auxiliar nos documentos que se fizessem necessários. A coordenação pedagógica da escola se colocou à disposição para apoio e auxílio necessários à pesquisa.

No início do mês de agosto de 2010, a coordenação da escola, disponibilizou a proposta pedagógica da escola, que foi elaborada em 1998 e reformulada no ano de 2010, para levantamento dos dados da escola, observados aqui.

3.2 As fontes organizadas na história da escola

A fotografia é vista como um conjunto narrativo de histórias, e não como mero fragmento imagético, se propõe como memória dos dilaceramentos, das rupturas, dos abismos e distanciamentos, como recordação do impossível, do que não ficou e não retornará. Memória das perdas. Memória desejada e indesejada. Memória do que opõe a sociedade moderna à sociedade tradicional, memória do comunitário que não dura, que não permanece, Memória de uma sociedade de rupturas, e não de coesão e permanências. Memória de uma sociedade de perdas sociais contínuas e constitutivas, de uma sociedade que precisa ser recriada todos os dias, de uma sociedade mais de estranhamento do que de afetos (MARTINS, 2009, p. 45).

Segundo Martins (2009), a imagem fotográfica pode constituir um conjunto narrativo de histórias, bem como a constituição de memórias. Flusser (1985) também aborda sobre isso, se referindo ao caráter técnico da imagem:

O caráter aparentemente não-simbólico, objetivo das imagens técnicas faz com que o seu observador as olhe como se fossem janelas e não imagens [...] o observador confia nas imagens técnicas tanto quanto confia em seus próprios olhos [...]. As imagens técnicas, longe de serem janelas, são imagens, superfícies que transcodificam processos em cenas. (FLUSSER, 1985, p.10).

Martins observou sobre o diálogo com as imagens “a abertura do diálogo de sociólogos e historiadores por meio de imagens, aborda o silêncio, o olhar, e o sonho para a compreensão da realidade social profunda e menos evidenciável do mundo contemporâneo” (MARTINS, 2009, p. 26).

Os documentos fotográficos exigem rigor na metodologia de trabalho, principalmente quanto ao registro exato de sua existência, do seu conteúdo, sua forma, sua origem, e por fim a análise. O intuito de classificar e inventariar o conteúdo da imagem fotográfica fica a cargo da análise iconográfica e do pesquisador em definir qual tipo de pesquisa fazer por meio de

imagens. “No entanto a utilização das representações pictóricas como fonte não pode ser reduzida à mera ilustração” (PELEGRINI, 2004, p. 2).

Do pesquisador, exige-se que seja também antropólogo, sociólogo, semiólogo e um excelente detetive, para desvendar uma determinada visão de mundo, decodificar sistemas e decifrar vestígios, não perdendo, jamais, a visão do conjunto, e, estar sempre disposto a um novo tipo de crítica, conforme pontuou Mauad na revista Tempo volume 1, nº 2:

A fotografia é uma fonte histórica que demanda por parte do historiador um novo tipo de crítica. Não importando se o registro fotográfico foi feito para documentar um fato ou representar um estilo de vida, o testemunho é válido. No entanto há que se considerar a fotografia, ao mesmo tempo, parafraseando o historiador francês Jacques Le Goff, como imagem/documento e imagem/monumento. No primeiro caso considera-se a fotografia como índice, como marca de uma materialidade passada, onde objetos, pessoas, lugares nos informam sobre determinados aspectos desse passado, tais como: condições de vida, moda, infra-estrutura urbana ou rural, condições de trabalho, etc. No segundo caso, a fotografia é um símbolo, àquilo que, no passado, a sociedade estabeleceu como a única imagem a ser perenizada para o futuro. Sem esquecer jamais que todo documento é monumento, portanto se a fotografia informa, ela também conforma uma determinada visão de mundo. (MAUAD, 1996, p.73-98).

A fotografia, para Mauad (199), deve ser concebida como uma mensagem que se organiza a partir dos segmentos, expressão e conteúdo. O primeiro envolve escolhas técnicas e estéticas, tais como: enquadramento, iluminação, definição da imagem, contraste, e cor. Já a segunda é determinada pelo conjunto de pessoas, objetos, lugares e vivências que compõem a fotografia. Ambos os segmentos se correspondem no processo contínuo de produção de sentido na fotografia, sendo possível separá-los para fins de análise, mas compreendê-los somente como um todo integrado.

Para Mauad (1990), a própria fotografia é um recorte espacial que contém outros espaços que a determinam e estruturam, tais como: o espaço geográfico, o espaço dos objetos (interiores, exteriores e pessoais), o espaço da figuração e o espaço das vivências, comportamentos e representações sociais.

Na seleção de algumas imagens para este capítulo, com o intuito de analisá-las, não acatamos todos os aspectos que Mauad (1990) dizia ser necessários, apenas trabalhamos o conteúdo das imagens, pelo fato da nossa intenção de mostrar as possibilidades de análises das imagens, porém o tempo destinado a esta pesquisa não permitiu aprofundar quantos aos outros aspectos das imagens, ficando para a continuidade de uma futura pesquisa. Como a intenção da pesquisa era organizar as fontes, ou seja, as fotografias, e disponibilizá-las,

avancamos no sentido de mostrar que era favorável e importante proceder a análise das imagens do acervo da escola Nelson de Araújo.

Para uma análise histórica, consideramos a escola um lugar de permanências e evolução, onde os grupos que a integram e as atividades propostas no dia-a-dia, não fazem ruptura entre passado e presente. As imagens fotográficas podem ser constituídas como lembranças, e um exemplo disso são as comemorações de datas históricas e religiosas nas escolas, não apenas como culturais, mas também como símbolos e representações.

A fotografia se constituiu como um meio de conhecimento visual do mundo, de uma sociedade, de um grupo, das pessoas e do próprio cotidiano escolar. Diante destas perspectivas, propomos neste capítulo apresentar sobre o contexto histórico da Escola Estadual Rotary Dr. Nelson de Araújo, por meio de um grupo de 11 imagens fotográficas, com diferentes temas, em diferentes períodos históricos.

Para Le Goff (1992), cabe ao pesquisador selecionar o grupo de imagens que pretende analisar. Desta forma, selecionamos onze imagens, sendo três imagens das festas juninas, três imagens do grupo escolar (alunos e professores) e cinco imagens das instalações físicas do prédio escolar.

Os critérios que adotamos para análise das imagens, privilegiaram mostrar as mudanças e permanências em relação ao contexto escolar por meio de imagens fotográficas das festas juninas, do grupo escolar e das instalações físicas do prédio escolar, nas três últimas décadas, posterior à sua criação, utilizando de relatos históricos, onde inclusive, uma imagem pode apresentar ao mesmo tempo, diversas informações.

3.3 As imagens: mudanças e permanências

As imagens fotográficas das escolas, de forma organizadas se constituem como fontes de investigação sobre a mesma. Os acervos de imagens, ou para algumas escolas como álbuns de fotografias, servem para testemunhar o passado da escola sobre um período, uma década, e visualizar momentos que marcaram sua história, conforme pontuou Furtado:

Os álbuns de fotografias contêm dados relativos a um variado número de documentos iconográficos sobre o colégio, como fotos das turmas de alunas, do corpo docente, das religiosas, de sala de aulas, de aulas, de exposições escolares, do prédio escolar, de passeios, de festas e de solenidades, entre outras. Essas imagens permitem testemunhar o passado e nelas visualizar momentos marcantes da história do colégio (FURTADO, 2011, p. 156).

Embora a autora se refere sobre álbuns de fotografias de um colégio específico, percebemos durante nossa pesquisa, que isso não é diferente em outras escolas, principalmente públicas, onde há uma grande variedades de fotografias que compõem o universo escolar.

Nas imagens aqui apresentadas, gostaríamos de observar que, os dados sobre título, autoria, formato, tamanho, datação, legenda, verso, origem e comentários das imagens, não teria sentido comentar novamente a respeito, pelo fato de cada fotografia, trazer esses dados registrados na ficha de identificação que se encontra ao lado direito das mesmas. Por se encontrarem já expressos esses dados nas fichas de identificação, a análise avançou diretamente no conteúdo das imagens, no sentido, de observar mudanças ou permanências no contexto histórico da escola.

Na **imagem 10** (ver p. 91), visualizamos ao mesmo tempo, parte externa das instalações físicas do prédio escolar, um grupo de pessoas e uma festividade típica da escola. Sendo possíveis de análise, os três temas ao mesmo tempo nessa imagem.

Imagem captada no ano de 1981, sob vista externa da escola, de autoria não identificada, na cor em verniz liso de poucas cores, mostra algumas características do prédio escolar na década de 1980. Aos fundos mostra a cozinha da escola, em estrutura de madeira, sem pintura, a cobertura do telhado com telhas de barro, tipo de cobertura comum utilizada nesta década. Do lado direito aparece na lateral da parede dos banheiros dos alunos em estrutura de alvenaria, as janelas pequenas de vidro, onde apresenta algumas vidraças quebradas, e pelo que se percebe são quatro banheiros, dois femininos e dois masculinos.

Podemos destacar nesta imagem, a não conservação do prédio escolar, enquanto patrimônio público. O piso do pátio da escola onde estão concentrados alunos e professora é piso de chão de terra e o pátio da escola não tem cobertura.

Sobre o momento em que se encontra a estrutura do prédio escolar Azevedo diz:

[...] edifício escolar deve ainda contribuir para a educação estética por sua arquitetura e sua decoração. Não há meio mais eficaz para a educação do gosto popular do que por, sob os seus olhos, nos edifícios públicos, e, sobretudo, naqueles destinados à educação popular, exemplares perfeitos de arquitetura (AZEVEDO, 1930, p. 88).

Embora Azevedo pontuasse isso na década de 1930, e aqui já está na década de 1980, e o prédio escolar nada de perfeito quanto à arquitetura, mas precário, por ser um espaço de formação humana.

Quanto ao grupo de pessoas no centro da mesma imagem, é constituído por pares de alunos, meninos e meninas. Os alunos aparentemente são todos de cor branca, sob orientação de uma professora da cor negra, posicionados para uma apresentação típica de festa junina, a dança da quadrilha, sendo esta uma das atrações mais relevantes e tradicionais. Observa-se que os alunos estão com trajes típicos de festa junina.

A primeira menina da fila está com vestido pouco colorido, com babados e franzidos, de manga longa e comprimento abaixo dos joelhos, portando sandália rasteira, fitas nos cabelos, segurando a barra do vestido com a mão esquerda e de braços dado do lado direito com o primeiro menino da fila. Os meninos estão usando chapéus de palha, lenços no pescoço, calças de cores variadas remendadas, camisas coloridas, pintados com bigode e alguns estão usando um tipo de calçado popular na época chamado de “conga” na cor azul, dentre outros tipos de calçados.

Quanto às vestes variam-se de tons pouco coloridos. A professora usa uma camisa branca, calça azul e sandália na cor preta com salto médio, os cabelos estão presos e carrega nas mãos um copo. Um fato curioso é que todos os alunos em fila olham ao mesmo tempo para a professora em sinal de atenção e obediência às suas orientações.

A festa junina se caracteriza como uma data comemorativa no mês de junho ou julho nas escolas. A estrutura organizativa das escolas passa pela constituição do calendário escolar como uma forma de controle das atividades cotidianas da escola. “O calendário exprime o ritmo da atividade coletiva ao mesmo tempo em que tem por função assegurar a sua regularidade” (DURKHEIM (1989, p. 39).

Para Nunes e Carvalho (1993) uma abordagem das imagens sob análises necessárias e ainda não realizadas, possibilita o avanço da discussão teórico-metodológico na área da educação nos anos 1980, com perspectivas e desafios lançados pela nova história cultural para pesquisas em história da educação possíveis de diálogos com os pesquisadores da área.

Diante da colocação desta autora, o desafio das imagens revela aos olhos do fotógrafo, provavelmente contratado pela escola, pois é pouco provável que a escola dispunha de uma câmera fotográfica nessa época, uma preocupação em registrar professores cumprindo os rituais escolares cotidianos e comemorativos, aproveitando para mostrar o espaço na escola onde se encontram alunos e professora.

A imagem revela aspectos de organização, controle e disciplina dos alunos, presentes no cotidiano do ambiente escolar, diante de uma festividade proposta e dirigida aos alunos.

Uma prova disso é a fila indicando que a atividade a ser apresentada, nesse caso a dança da quadrilha, os alunos deve obedecer a uma ordem de posição no espaço ocupado. E na maioria das vezes, sem uma preocupação do significado da própria dança e do cenário em si.

Pela imagem observamos que a bicicleta já era constituída como meio de transporte escolar na década de 1980.

Imagem 10 - Festa junina – década de 1980



Título	
FESTA JUNINA-DÉCADA DE 1980	
Arquivo	N.:
ARQUIVO DA SECRETARIA DA ESCOLA	12
Autoria	
Autoria	NÃO IDENTIFICADO
Copyright	ESCOLA ESTADUAL ROTARY DR NELSON DE ARAUJO
Formato	
Cores	COLORIDA
Tamanho	10 X 15 CM
Resolução	SUPORTE DE PAPEL
Extensão	
Datação	
Data Captação	1981
Local Captação	BRASIL/MS/DOURADOS/ ESCOLA
Data Digitalização	30/10/2010
Digitalizador (es)	MARILDA CABREIRA LEÃO LUIZ
Observações	
Legenda	
FOTO DA COZINHA DA ESCOLA DE MADEIRA OS BANHEIROS EM ALVENARIA. UMA TURMA DE ALUNOS COM TRAJES TÍPICOS EM FILA PARA DANÇA DA QUADRILHA NA FESTA JUNINA DE 1981.	
Verso	
NÃO ACESSÍVEL – FOTO COLADA EM PAPEL	
Origem	
ARQUIVO DA ESCOLA	
Comentários	
O ENQUADRAMENTO DA FOTO PERMITE VISUALIZAR UMA PARTE DA ESCOLA EM AMDEIRA E OUTRA EM ALVENARIA. IMAGEM DE COR EM VERNIZ, QUE MESMO CAPTURADA SOB A LUZ DO SOL, APRESENTOU BAIXA ILUMINAÇÃO	

A **imagem 11** (ver p. 93), apresenta a festa junina da escola, na década de 1990. Imagem colorida, mostra os alunos com trajes de dança de festa junina. Percebe-se uma pequena mudança em relação à imagem 10, as camisas de dois meninos são na cor xadrez, calças jeans, vestidos das meninas mais longos e coloridos, e uma das meninas usa calça comprida por baixo do vestido, apresenta um casal de noivos, onde a noiva veste um vestido longo de noiva e usa nos cabelos um arco de flores, o noivo usa um terno marrom e calça preta, tem na cabeça um chapéu de palha com abas desfiadas e aparece a ornamentação do espaço com bandeirinhas confeccionadas com jornais.

A imagem demonstra que há permanências quanto aos trajes e acessórios dos alunos como: chapéus de palha e remendos nas calças dos meninos, vestidos das meninas com comprimento abaixo dos joelhos. Nesta imagem já se passaram doze anos em relação a festa da década 1980, e não revela mudanças na forma de organizar as danças e os trajes dos alunos. Quanto ao posicionamento das pessoas e o local, se configura no mesmo da década anterior, não sendo sugestivo de criatividade, onde se tornou hábito e costumeiro, as filas e os pares formados pelos alunos.

As festas juninas comemoradas anualmente tem se preservado ao longo do tempo como tradição no calendário escolar. A escola vai construindo seu espaço e tempo simbólico, principalmente pelas manifestações culturais e artísticas das datas comemoradas na escola. E não deixa de cultivar a preocupação com elementos cristãos, como celebração do casamento, religião e até mesmo repete os passos das celebrações religiosas do casamento entre alunos nas festas juninas, com direito a testemunhas, escrivão cartorário e até a representação da figura do padre.

As escolas, ultimamente, têm se apropriado das festas juninas como meio de visar lucros financeiros com vendas de doces e salgados, além de barracas de diversão para as crianças. Muitas vezes, os alunos participam de gincanas organizadas de arrecadação de produtos para a festa.. Revelando dessa forma, que as escolas são reprodutoras do capitalismo, visando o lucro.

Na estrutura física do prédio, houve mudanças apenas quanto ao piso do pátio da escola, de chão batido passou para o contra piso de concreto. “Poucos prestam atenção em detalhes propriamente cotidianos, que ajudariam a desenvolver a “leitura” das fotos, como os trajes e os objetos materiais” (MARTINS 2009, p.44).

Imagem 11 - Festa junina – década de 1990



Título	
FESTA JUNINA-DÉCADA DE 1990	
Arquivo	N.:
ARQUIVO DA SECRETARIA DA ESCOLA	98
Autoria	
Autoria	NÃO IDENTIFICADO
Copyright	ESCOLA ESTADUAL ROTARY DR NELSON DE ARAUJO
Formato	
Cores	COLORIDA
Tamanho	10 X 15 CM
Resolução	SUPORTE DE PAPEL
Extensão	
Datação	
Data Captação	1993
Local Captação	BRASIL/MS/DOURADOS/ ESCOLA
Data Digitalização	30/10/2010
Digitalizador (es)	MARILDA CABREIRA LEÃO LUIZ
Observações	
Legenda	
FOTO DE CASAMENTO CAPIRA REPRESENTADO POR UM MENINO E UMA MENINA SOB PRESENÇA DE OUTROS ALUNOS DURANTE A DANÇA DA QUADRILHA, NA FESTA JUNINA DA ESCOLA EM 1993.	
Verso	
NÃO ACESSIVEL – FOTO COLADA	
Origem	
ARRQUIVO DA ESCOLA	
Comentários	
ENQUADRAMENTO DA FOTO SOB AMBIENTE COM POUCA ILUMINAÇÃO.	

A **imagem 12** (ver p. 96), apresenta a festa junina da década de 2000. Quanto aos trajes característicos de festa junina da década de 2000, muito colorido, com várias criatividades, onde alguns alunos estão com chapéus de palha desfiados e um aluno está usando chapéu de tecido. As camisas dos meninos são xadrez, e calças jeans com remendos, o que não diferencia muito do traje da década de 1980 e 1990. Os vestidos das meninas é que aparentam ser mais coloridos e enfeitados com fitas e rendas, onde uma menina usa chapéu de palha não desfiado, as demais meninas usam os cabelos presos com laços. Tanto meninos como meninas estão usando meias e calçados fechados. Nesta imagem também visualizamos pequena alteração na ornamentação do espaço escolar com bandeirinhas coloridas e pessoas sentadas ao lado direito prestigiando a dança da quadrilha.

Um fato bastante interessante que chama atenção nas três imagens, embora sendo captadas em décadas diferentes, já passados quase 30 anos, para um mesmo tipo de festividade, a escola utiliza o mesmo espaço, revelando que a escola dispõe de um único e mesmo espaço para realizar seus festejos. E a posição dos alunos para a dança? A mesma, alunos em fila, em pares, mostrando um conservadorismo tradicional e podemos dizer religioso, das décadas que antecederam aos anos 2000.

A introdução das festas juninas no Brasil é antiga, trazida pelos portugueses ainda no período colonial. Segundo Câmara Cascuda (1972), em 1583 essa festividade já era a mais popular para os portugueses. Uma das atrações mais almejadas na festa junina das escolas são as danças da quadrilha.

A festa junina na escola tornou-se uma atividade curricular de rotina da escola, como um evento tradicional e sugestivo de angariar recursos e sempre são realizadas no final do mês de junho ou começo do mês de julho. Os trajes dos alunos também passam pela representação dos moradores da zona rural. Um dos pontos que chama atenção nas festas juninas é quando apresenta um casal vestidos como noivos e às vezes tem até padre para celebrar a cerimônia do casamento caipira. O que chama atenção é que na maioria das vezes, as escolas não têm uma preocupação de trabalhar os significados das vestes, ou por que usar roupas com remendos, falha nos dentes, bigodes, falas incorretas, e o que tem isso de semelhante aos trabalhadores rurais, e no que os laços religiosos reforçados nas festas juninas contribuem para a formação do cidadão na escola.

Segundo Cortella alunos e as alunas que freqüentam o ensino básico são incentivados pelos professores para comparecerem nas festas juninas das escolas “fantasiados” de caipira.

Muitas escolas degradam a cultura popular brasileira ao fazerem simulacros de “festas juninas”. Mesmo tendo em conta o imenso esforço feito pelas professoras (semanas de ensaios!), as crianças são fantasiadas de caipiras (roupas remendadas, dentes falhados, bigodes e costeletas horrorosas, chapéus esgarçados, andar trôpego e espalhafatoso e um falar incorreto), como se os trabalhadores rurais assim o fossem por gosto, ingênuos e palermas. Poucas escolas explicam a origem das festas e a importância do cidadão camponês e resguardam sua dignidade; poucas, ainda, destacam que a falha no dente não é algo que aquele brasileiro ou aquela brasileira tem para ficar “engraçados” (são desdentados por sofrimento), ou informam que eles produzem comida e passam fome, como se fossem subumanos, não têm acesso à escola etc. É, em grande parte, a ridicularização da miséria, cujo ápice é uma festa na escola, com uma concorrida profusão de máquinas fotográficas e filmadoras que se atropelam em busca de imagens caricatas (CORTELLA, 1998, p. 149-150).

As festas juninas escolares aos poucos se tornaram forte influência industrial capitalista, se revelando na quantidade de barracas para comercializar produtos, promover bailes, jogos, bingos, que visam lucros. Atualmente, nota-se uma ausência no reconhecimento das tradições antigas, como a música dos arrasta pés e dança de quadrilhas, procurando manter apenas os trajes tradicionais. O som que predomina é o produzido pela indústria cultural, o chamado sertanejo brega, o country, e até a música do modismo atual anima as danças das festas juninas. Até os tradicionais sanfoneiros e ou tocadores foram substituídos pelo som mecânico.

Para Bourdieu, a escola hoje prepara festas juninas mais ligadas a indústria cultural e mais distante de suas tradições.

O campo da indústria cultural, especificamente organizado com vistas à produção de bens culturais, destinados a não-produtores de bens culturais (o grande público) podem ser recrutados tanto nas frações não-intelectuais das classes dominantes (o público cultivado) como nas demais classes sociais (BOURDIEU 1999, p. 105).

Ainda Bourdieu:

O sistema de ensino contribui amplamente para a unificação do mercado de bens simbólicos e para a imposição generalizada da legitimidade da cultura, mas também desvalorizando os bens que as classes dominadas transmitem dominante, não somente legitimando os bens que a classe dominante consome (para não falar das tradições regionais) e tendendo, por esta via, a impedir a constituição de contra legitimidades culturais (BOURDIEU, 1999, p. 142).

Diante dessas reflexões, pontuamos que as festas juninas escolares vão aos poucos se alienando a indústria cultural, ou seja, vai perdendo sua característica tradicional, na tentativa da escola se integrar aos novos paradigmas vinculados ao contexto da pós - modernidade.

Imagem 12 - Festa junina – década de 2000



Título	
FESTA JUNINA-DÉCADA DE 2000	
Arquivo	N.:
PASTA NA SECRETARIA DA ESCOLA	78
Autoria	
Autoria	NÃO IDENTIFICADO
Copyright	ESCOLA ESTADUAL ROTARY DR NELSON DE ARAUJO
Formato	
Cores	COLORIDA
Tamanho	10 X 15 CM
Resolução	SUPORTE DE PAPEL
Extensão	
Datação	
Data Captação	2000
Local Captação	BRASIL/MS/DOURADOS/ ESCOLA
Data Digitalização	30/10/2010
Digitalizador (es)	MARILDA CABREIRA LEÃO LUIZ
Observações	
Legenda	
FOTO DOS ALUNOS NA APRESENTAÇÃO DA QUADRILHA DA FESTA JUNINA EM 2005.	
Verso	
NÃO IDENTIFICADO	
Origem	
ARQUIVO DA ESCOLA	
Comentários	
O ENQUADRAMENTO DA FOTO DESTACA A APRESENTAÇÃO DA DANÇA DOS ALUNOS ONDE CONTRIBUI COM A IMAGEM O COLORIDO DOS TRAJES DOS ALUNOS, AMBIENTE POUCO ILUMINADO.	

Na **imagem 13** (ver p. 99), é possível visualizar as instalações físicas do prédio e o grupo escolar. Imagem colorida, captada na década de 1990, mostra mudanças na característica física do prédio escolar com algumas alterações, aos fundos no mesmo lugar a cozinha já construída em estrutura de alvenaria, porém com o mesmo telhado, os banheiros reformados, porém com as mesmas janelas da década de 1980, reforçados com grades externas. O piso do pátio da escola em concreto de cimento, tanto o muro como uma parte da lateral do prédio escolar, revelam que se encontravam naquele momento sem pinturas, e uma árvore de suporte formada, onde os alunos e professoras se concentraram para serem fotografados.

O grupo escolar é composto por duas professoras e um grupo de alunos da 4ª série do ensino fundamental, que se posicionam em pé no centro da foto, a professora Celina do lado esquerdo vestida de camiseta cinza e calça jeans, cabelos pretos e curtos, usando sandália aberta na cor preta. Ao lado direito identificamos a professora Rosa, vestida de camiseta branca e calça jeans, cabelos liso, curto e loiro, com sapato preto. Seis alunos estão caracterizados de uniforme, isto revela que o uniforme da escola na década de 1990 era branco, com detalhes na cor azul na gola e um símbolo na camiseta, provavelmente com o nome da escola, talvez sem obrigatoriedade pelo fato de sete alunos estarem sem uniforme.

Alguns alunos foram possíveis de identificação pelo primeiro nome, pelo fato de se encontrarem escritos em legendas próximas das fotos coladas em folhas papel sulfite. A identificação será sempre no mesmo sentido, da esquerda para a direita, onde a 2ª aluna na fila de trás, vestida com blusa na cor rosa é a Ana Paula, observando que a fila de trás está organizada em cima de um banco de madeira pintado na cor cinza.

A 6ª aluna também da fila de trás, vestida com blusa na cor azul é a Bruna, a primeira aluna da fila da frente, vestida com camiseta de uniforme na cor branca e azul é a Jôse, a 3ª aluna da fila da frente, vestida com camiseta na cor branca com algumas escritas é a Mariana e o 7º e último aluno da fila da frente, da esquerda para direita, vestido com camiseta de uniforme é o Diego. A maioria dos alunos é do sexo feminino, e as professoras também representam a figura feminina.

Alunos e professoras são todos oriundos da cor branca, a representatividade da cor negra da professora na imagem 21 ausenta-se neste grupo. As vestes das professoras não revelam mudanças em relação à década de 1980, tanto na questão de modelos e principalmente nas cores que se apresentam neutras.

Todos os alunos estão de calçados fechados, onde a maioria usando tênis e a minoria usando sapatos. Quanto à professora Rosa já está aposentada, quanto à professora Celina não obtivemos informação.

Dois fatos importantes chamam atenção nesta imagem, um é que a fotografia foi tirada no mesmo local e ângulo ao da imagem anterior oriunda da década de 1980, só lembrando que até aqui já se passaram quinze anos, e outro fato é que todas as pessoas que a compõe a imagem são todas de cor branca. Percebe-se que o número de pessoas do sexo feminino é maior que o masculino e os mesmos estão posicionados para serem fotografados, daí o cuidado tomado pelo fotógrafo em centralizar as pessoas com a intenção que todas apareçam perfeitos na foto, sem esconder ninguém. Essa imagem não é suficiente para deixar registrada a imagem dos alunos, mas para reforçar o trabalho do professor, e imprimir a figura do mesmo no centro da comunidade escolar.

Quanto ao uniforme dos alunos, embora, se constituindo como regra da escola, no sentido de por ordem nas vestes dos alunos e identificá-los como sendo daquela escola, mesmo assim configura-se a não obrigatoriedade do mesmo, pelo fato de alguns alunos estarem sem uniforme, também pela situação econômica do aluno no momento, de não oferecer condições para aquisição do uniforme, tendo em vista que a escola atende alunos carentes, oriundos da casa de abrigo Lar Santa Rita de Cássia de Dourados - MS. Foi por volta da década de 1950, que se tornou obrigatório o uso de uniformes. Embora tem especulações de que o início do seu uso se iniciou na década de 1920.

Para Marcon (2010) na Era Vargas entre 1930 a 1945 foi garantido mais patriotismo ao uniforme. Com a II Guerra Mundial os uniformes passaram a ter uma inspiração militar para os meninos e também para as meninas, onde a maioria dos colégios começaram a usar a farda militar como uniforme, e somente no período pós guerra, vai modificar esse contexto, influenciando novas formas e cores nos uniformes escolares.

No período da ditadura militar (entre 1969 a 1973) com decadência econômica é que o comércio passa oferecer um uniforme mais acessível para a classe média, ou seja, a camiseta de algodão, que permanece até hoje sob critérios a serem adotados por cada instituição escolar em relação a modelos e cores.

Imagem 13 - Alunos e professora



Título	
ALUNOS E PROFESSORA	
Arquivo	Nº
ARQUIVO DA SECRETARIA DA ESCOLA	143
Autoria	
Autoria	NÃO IDENTIFICADO
Copyright	ESCOLA ROTARY DR NELSON DE ARAUJO
Formato	
Cores	COLORIDA
Tamanho	10 X 15 CM
Resolução	SUORTE DE PAPEL
Extensão	
Datação	
Data Captação	1996
Local Captação	BRASIL/MS/DOURADOS/ ESCOLA
Data Digitalização	31/10/2010
Digitalizador (es)	MARILDA CABREIRA LEÃO LUIZ
Observações	
Legenda	
FOTO DOS ALUNOS DA 4ª SÉRIE JUNTO COM A PROFESSORA ROSA À DIREITA E PROFESSORA CELINA À ESQUERDA EM 1996.	
Verso	
NÃO ACESSÍVEL – FOTO COLADA	
Origem	
ARQUIVO DA ESCOLA	
Comentários	
QUANTO AOS ASPECTOS DAS VESTES DOS ALUNOS, TIRANDO QUE A MINORIA ESTÁ COM CAMISETA DE UNIFORME, OS DEMAIS SE MOSTRAM TRAJADOS COM ROUPAS ADEQUADAS AO SOCIAL, SEMI SOCIAL E COM CALÇADOS NOVOS, BEM CONSERVADOS.	

Na **imagem 14** (ver p. 102), visualizamos um grupo de alunos em pé, no pátio da escola, no início do ano 2000, posicionados para pose fotográfica. Estão concentrados em duas filas onde os alunos da fila de trás estão em cima de um murinho de concreto acoplado ao muro da escola, em baixo da mesma árvore já destacada nas outras imagens. Há uma diferença em relação ao mesmo muro quanto à cor, está pintado de verde. O fotógrafo, provavelmente alguém da escola, tomou o cuidado de se posicionar um pouco distante para fotografar todos os alunos, tomando o cuidado de não deixar ninguém de fora, mas mesmo assim alguns alunos não aparecem na foto, estão escondidos atrás dos outros.

Nesta imagem, visualizamos um maior número de alunos do sexo masculino em contrário a imagem 13, que tinha maior representatividade feminina. E revela alguns alunos descontraídos, com as mãos na boca, no rosto, outros conversando, encostados no muro, sem grande preocupações para serem fotografados. Nota-se a ausência da figura do professor. O local da imagem revela o mesmo local da imagem 13, só modificando o ângulo em que os alunos se posicionaram. Revelando que professores em conjunto com seus alunos escolhiam esse local como ambiente próprio para suas poses fotográficas, Onde a árvore de porte formado se constitui como ornamentação da paisagem de fundo das fotografias.

Na cor da camiseta de uniforme houve uma pequena alteração, pois permaneceu a cor branca e mudou os detalhes da camiseta para a cor verde. Adotou também a bermuda e ou calça na cor verde. Alguns alunos ainda estão usando a camiseta de uniforme da década de 1990 e outras cores de bermuda, e alunos que estão vestidos com outro tipo de blusa.

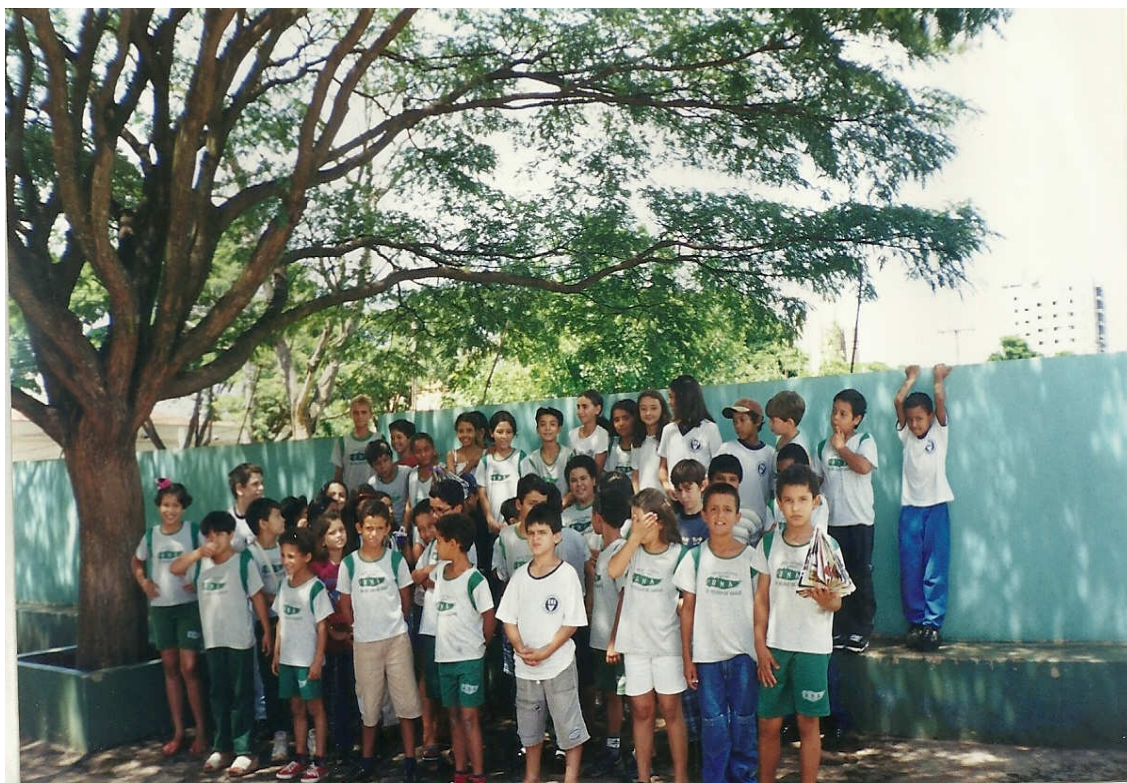
O uniforme adotado nas escolas da rede pública estadual ficou a critério de cada escola adotar o modelo e a cor. Pelo clima da cidade de Dourados na época do verão ser muito calor, a camiseta de malha fria é a mais adotada inclusive o modelo regata tanto para meninos como para meninas. Quanto a opção pela bermuda, vem favorecer o bem estar do aluno na temporada de clima quente, pelo fato da região ser muito quente no período do verão. A calça é mais usada no período do inverno.

O uniforme ainda é visto pela escola como forma de identificar o aluno como sendo daquela instituição escolar. Para a família, representada pelos pais, acreditam além de identificar seu filho sendo daquela escola, é uma forma de economizar a roupa usada no dia a dia ou até mesmo a roupa do passeio, já que as roupas do dia a dia são caras e desgastam com facilidade.

O uniforme escolar além de padronizar os alunos, trazem as cores, o nome e o símbolo da escola. Ao olhar para criança ou adolescente vestido com uniforme já sabe em qual escola estuda. Para Clarice Nunes (2002), uniformes escolares justificam a especialização de profissionais da costura no "fardamento escolar". O vestuário escolar carrega as marcas da nossa presença corporal, vestem e ajudam a forjar hábitos.

O uniforme escolar se tornou um hábito adotado pela sociedade, inclusive para quem fabrica. O que não passa também de uma ideologia e de uma indústria cultural, onde a intenção é deixar todos os alunos iguais.

Imagem 14 - Alunos da 2ª fase do Ciclo II



Título	
ALUNOS DA 2ª FASE DO CICLO II	
Arquivo	N.:
ARQUIVO DA SECRETARIA DA ESCOLA	218
Autoria	
Autoria	NÃO IDENTIFICADO
Copyright	ESCOLA ESTADUAL ROATRY DR NELSON DE ARAUJO
Formato	
Cores	COLORIDA
Tamanho	10 X 15 CM
Resolução	SUPORTE DE PAPEL
Extensão	
Datação	
Data Captação	2000
Local Captação	BRASIL/MS/DOURADOS/ ESCOLA
Data Digitalização	01/11/2010
Digitalizador (es)	MARILDA CABREIRA LEÃO LUIZ
Observações	
Legenda	
FOTO DOS ALUNOS DA 2ª FASE DO CICLO II	
Verso	
NÃO ACESSÍVEL – FOTO COLADA	
Origem	
ARQUIVO DA ESCOLA	
Comentários	
O ENQUADRAMENTO DA FOTO PRIORIZOU A ÁRVORE COMO SOMBRA PROTETORA DA LUZ SOLAR	

A **imagem 15** (ver p. 105), um grupo de alunos e alguns professores, posicionados de uma forma diferente das demais imagens. Apenas alguns alunos estão em pé escorados no muro, e apresenta a maioria dos alunos sentados no pátio da escola, na lateral direita próximo ao muro estão quatro professoras, três sentadas e uma em pé, isso demonstra que nesse grupo de alunos tem mais de uma turma presente.

O autor desta imagem foi alguém da escola, de posse de uma câmera fotográfica faz a captura da imagem dos para registrar os detalhes de como estão organizados os alunos e professores naquele momento. Essa imagem identifica os alunos atuais de hoje, descontraídos, bem a vontade, onde tem até aluno descalço, e outros sem dar devida atenção ao fato do momento, que deveria ser de alguma atividade dirigida aos mesmos. Outro aspecto importante que chama atenção é a bicicleta, como transporte representativo na escola.

A troca na cor do uniforme ocorre mais uma vez, só que desta vez o uniforme foi doado pelo governo estadual, confeccionado na cor azul. Foi implantado em 2009, e é padrão para as escolas da rede estadual do Estado de Mato Grosso do Sul. A escola passou por três alterações na cor do uniforme escolar, no final da década de 1970, quando iniciou o funcionamento da escola, não era usado uniforme. Tendo em vista que no início da década de 1980, foi adotado a camiseta de uniforme na cor azul claro com detalhes brancos, e poucos alunos usavam, como revelou a **imagem 6** na (ver p. 61), destacada no segundo capítulo deste trabalho.

Em relação ao final da década de 1980 e na década de 1990 houve alteração nos detalhes das camisetas, sendo padrão a cor branca e mudada só os detalhes da cor azul escuro para a verde, com exceção da cor azul claro da camiseta nos anos finais de 1980, com detalhes brancos.

Até o ano 2008, os alunos da rede estadual de ensino do Mato grosso do Sul, eram distinguidos de uma escola para outra através da cor do uniforme com o nome da escola escrito no mesmo, e cada aluno comprava o seu uniforme. A partir de 2009, o uniforme das escolas estaduais são todos iguais e não tem o nome da escola, padronizado na cor azul escuro, é distribuído gratuitamente pelo governo estadual aos alunos. Cada aluno recebe duas camisetas de uniforme. Mesmo recebendo duas camisetas de uniforme observamos na imagem alguns alunos sem uniforme e outros com uniforme antigos da década de 1990

Quanto ao espaço escolar houve algumas alterações, nos fundos ao lado da cozinha foi construída uma pequena sala de aula com a porta de vidro e uma pequena varanda na lateral

direita. A pintura está na cor verde e o telhado foi reformado e pintado. Os banheiros continuam os mesmos da década de 1980. Houve pequenas mudanças na estrutura física do prédio escolar da década de 1980 à década de 2000.

A posição do espaço escolar na imagem é o mesmo, mostrando que a escola dispõe desse único espaço para suas festividades e comemorações. Uma cena de mudança significativa nesta imagem, é que não presenciamos mais a árvore de porte formada das décadas de 1980 e 1990, que muitas vezes serviu de paisagem de fundo nas fotografias captadas dos grupos escolares, e também como sombra para as atividades dos alunos no pátio da escola, revelando assim, que a mesma foi tirada do local.

As fotografias apresentam as formas de pensamento de uma época, a sua auto-representação. Fica marcado sobre o papel aquilo que a escola deseja mostrar de si mesma. Mas não se pode culpar somente a imagem, pois a mesma abre espaço para as interpretações, permitindo ao pesquisador visualizar a auto-imagem de uma década, de um grupo, de uma escola, de um governo, de uma cidade.

Para Le Goff (1996), a imagem fotográfica pode revelar aspectos tanto da vida material, como infra-estrutura urbana, indumentária e podem se caracterizar como imagem/monumento como um símbolo, uma representação. A fotografia se constitui como uma nova ferramenta na reconstrução do passado como uma nova forma de registro da memória humana e para Le Goff “revolucionou a memória como uma precisão e uma verdade visual nunca antes atingida” (LE GOFF, 1996, p.466).

Imagem 15 - Alunos e professores no pátio da escola



Título	
ALUNOS SENTADOS NO PÁTIO DA ESCOLA PARA ASSISTIREM UMA PEÇA DE TEATRO	
Arquivo	N.:
PASTA DE FOTOS NO COMPUTADOR DA SECRETARIA DA ESCOLA	469
Autoria	
Autoria	NÃO IDENTIFICADA
Copyright	ESCOLA ESTADUAL ROTARY DR NELSON DE ARAUJO
Formato	
Cores	COLORIDA
Tamanho	10 X 15 CM – 152 KB
Resolução	640 X 480 PIXELS
Extensão	JPEG
Datação	
Data Captação	2009
Local Captação	BRASIL/MS/DOURADOS/ ESCOLA
Data Digitalização	17/09/2009
Digitalizador (es)	NÃO IDENTIFICADO
Observações	
Legenda	
FOTO DOS ALUNOS SENTADOS NO PÁTIO DA ESCOLA PARA ASSITIREM UMA PEÇA DE TEATRO EM 2009	
Verso	
Origem	
ARQUIVO DA ESCOLA	
Comentários	
ENQUADRAMENTO CENTRAL NA TENTATIVA DE VISUALIZAR TODAS AS PESSOAS, COM AMBIENTE CLARO, ONDE A COR AZUL É REPRESENTATIVA.	

As próximas imagens se referem às instalações físicas do prédio escolar. **A imagem 16** (ver p. 107), é uma foto colorida em verniz brilhante, mostra uma parte da fachada lateral da escola na década 1980, quando não tinha muro na lateral esquerda da escola, era apenas cercado com tela de alambrado. Já tinha asfalto na rua em frente da escola. Podemos observar que os terrenos à frente da escola eram terra pura e mato, não havia edificações de prédios residenciais e ou comerciais.

Uma escola tradicional pequena, construída de madeira nos meados de 1972, para ensinar as crianças ler e escrever, e exclusivamente para atender crianças carentes, e mesmo pelo privilégio de sua localização em lugar central da cidade, mas que não oferecia perigo para as crianças, pelo fato não haver movimentos nas ruas nessa época, mesmo sendo zona urbana central. Observamos alguns alunos provavelmente de pré-escolar, pois nessa década os alunos da pré escola eram de 6 anos e as crianças aparentam essa idade. Não usavam uniformes, cada um a seu gosto com suas roupas.

As meninas estão usando vestidas, saias, blusas e shortes de cores neutras, onde apenas duas a três alunas estão com roupas coloridas. As roupas das crianças revelam características de classes sociais do nível médio, mesmo estando entre esses alunos, as crianças sem famílias, residentes no Lar Santa Rita de Cássia, localizado próximo da escola.

A tranqüilidade parecia mesmo rondar a escola, as crianças brincam com total liberdade na frente da escola sem supervisão de um adulto, pelo menos não aparece alguém adulto nesta imagem. Até de bicicleta a brincadeira era válida. A imagem revela a representação feminina, isso indica que as meninas brincavam separadas dos meninos.

A imagem revela ao mesmo tempo o dia de comemoração à páscoa, pelo fato dos alunos estarem usando máscaras confeccionadas para esta festividade, tendo como símbolo o a máscara confeccionada de papel com a cara de coelho. Quanto às vestes das crianças, revelam não ser de classe baixa.

Imagem 16 - Fachada lateral da escola em 1980



Título	
FACHADA LATERAL DA ESCOLA EM 1980	
Arquivo	Nº
ARQUIVO DA SECRETARIA DA ESCOLA	513
Autoria	
Autoria	NÃO IDENTIFICADO
Copyright	ESCOLA ESTADUAL ROTARY DR NELSON DE ARAUJO
Formato	
Cores	COLORIDA
Tamanho	9 X 12,5 CM
Resolução	SUPORTE DE PAPEL
Extensão	
Datação	
Data Captação	1980
Local Captação	BRASIL/MS/DOURADOS/ ESCOLA
Data Digitalização	30/10/2010
Digitalizador (es)	MARILDA CABREIRA LEÃO LUIZ
Observações	
Legenda	
FOTO FRENTE DA ESCOLA EM 1980 COM ALGUNS ALUNOS COMEMORANDO A PÁSCOA	
Verso	
EM BRANCO	
Origem	
ARQUIVO DA ESCOLA	
Comentários	
ENQUADRAMENTO COM INTENÇÃO DE MOSTRAR ALUNOS E VEÍCULOS,. ONDE A COR DA IMAGEM É EM VERNIZ, TÍPICA DA ÉPOCA.	

Na **imagem 17** (ver p. 109), visualizamos a frente da escola na década de 1990, onde já havia a construção do muro com altura baixa, pintado de branco com as colunas na cor marrom, e o portão pequeno de ferro marcando a entrada da escola. Esta década, marca mudança na parte da estrutura do prédio escolar, que era de madeira na década de 1980, e agora passou para estrutura de alvenaria.

A preocupação com a segurança das crianças pelo fato das ruas que passam nas proximidades da escola, serem bastante movimentadas, principalmente a Rua Ciro Melo que passa na frente do portão da escola, necessitando de maior cuidado na saída e entrada dos alunos. Aqui já se passaram quase 20 anos e a área em volta da escola, que na década de 1980 era só terra e mato, agora já é urbanizado com residências e estabelecimentos comerciais.

A fachada da escola é de maneira simplificada. A entrada principal por um portão pequeno de ferro, porta e janelas de vidro, lembrando as características típicas residenciais. O prédio escolar pintado na cor branca e o nome da escola pintado na cor vermelha. Na parede acima da janela está destacado o símbolo dos rotarianos. Esse símbolo se refere à associação dos membros do Clube Rotary Dourados, do qual o médico Nelson de Araújo fez parte.

Quanto ao espaço escolar houve poucas mudanças, como a construção do muro, da cozinha da escola e uma sala pequena ao lado esquerdo da cozinha, conforme mostrou a imagem 13. Conforme Faria Filho e Vidal (2000), a questão do espaço para abrigar a escola pública primária começou a aparecer especialmente a partir da segunda década do século XIX.

Esta imagem mostra uma arborização com árvores de porte formado, na parte externa, na calçada em frente da escola. Percebendo aqui também que, já existe a calçada da rua, um orelhão público na frente da escola, estruturas ausentes na imagem 16 da década de 1980, que só havia terra e mato.

São poucas as mudanças ocorridas em relação a estrutura do prédio escolar, da década de 1980 para a década de 1990, mas com certeza, significativa de avanços para quem precisasse de um espaço educativo para aprender ler, escrever e ampliar seus conhecimentos para além da alfabetização.

Imagem 17 - Fachada da frente da escola em 1990



Título	
FACHADA DA FRENTE DA ESCOLA EM 1990	
Arquivo	nº
ARQUIVO DA SECRETARIA DA ESCOLA	37
Autoria	
Autoria	NÃO IDENTIFICADO
Copyright	ESCOLA ESTADUAL ROTARY DR NELSON DE ARAUJO
Formato	
Cores	COLORIDA
Tamanho	10 X 15 CM
Resolução	SUPORTE DE PAPEL
Extensão	
Datação	
Data Captação	1999
Local Captação	BRASIL/MS/DOURADOS/ ESCOLA
Data Digitalização	30/10/2010
Digitalizador (es)	MARILDA CABREIRA LEÃO LUIZ
Observações	
Legenda	
FOTO DA FACHADA DA FRENTE DA ESCOLA NA DÉCADA DE 1990	
Verso	
NÃO ACESSÍVEL – FOTO COLADA	
Origem	
ARQUIVO DA ESCOLA	
Comentários	
ENQUADRAMENTO NA INTENÇÃO DE MOSTRAR APENAS A FRENTE DA ESCOLA, COM CLARIDADE INTENSA SOMADA À COR BRANCA.	

A **imagem 18** (ver p. 111), deste trabalho, permite visualizar a fachada da frente da escola no ano 2000. Observa-se um portão de entrada pela lateral esquerda da escola, para alunos, e o mesmo portão pequeno em estrutura de ferro na frente da escola, para utilização da direção, professores, funcionários da escola, e demais visitantes na escola.

A mudança ocorreu na pintura do prédio escolar, onde foi pintado na cor rosa o prédio da escola com a escrita do nome da escola na cor vermelha escuro, o muro continuou na mesma altura, foi pintado de branco com alguns desenhos representativos da natureza. Tal pintura foi trabalho da artística plástica Cacilda Martinez, mãe de um aluno da escola, que fez parceria com o Programa Amigos da Escola da Fundação Roberto Marinho⁴, que a diretora da escola na época, a professora Rosângela Maria Soares da Silva, havia aderido a escola nesse programa. O meio fio da calçada também foi pintado na cor branca, em consonância com o muro da mesma. Houve destaque quanto ao número da escola, identificado no muro ao lado do portão maior. Tal número não foi visualizado nas imagens anteriores.

A frente da escola se apresenta de uma forma mais ornamentada, continua arborizada com árvores de porte formado, onde inclusive os pés das árvores estão cercados por muretas pintadas na cor da escola, com flores ornamentais de pequena espécie plantadas aos pés das árvores. Demonstra um ambiente limpo e organizado na frente da escola. O muro da escola ganhou desenhos representando a natureza sul mato-grossense, em especial o pantanal, onde em um dos desenhos representado pelo pássaro tuiuiú nos galhos de uma árvore.

O símbolo do Clube Rotary Dourados permanece destacado agora no muro da escola, do lado esquerdo. O portão de ferro continua o mesmo. Quanto ao símbolo rotariano permanece até a data atual pintado na escola em homenagem ao rotariano Dr. Nelson de Araújo, que apoiou a doação do terreno na década de 1970 para construção da escola.

A imagem mostra também uma faixa colocada na frente da escola, anunciando que a mesma oferece para o ano letivo de 2000, ofertas de vagas para o ciclo I e ciclo II no ensino fundamental, com matrículas a partir do mês de janeiro de 2000. Sobre a questão do ciclo, nesta década, as escolas estaduais de Mato Grosso do Sul, passaram a oferecer o sistema de ensino por ciclos, extinguindo o sistema seriado.

⁴A Fundação Roberto Marinho foi criada em novembro no ano de 1977 pelo jornalista Roberto Marinho e pertence a Organizações Globo. Trata-se de uma instituição privada, sem fins lucrativos, que desenvolve projetos voltados para o ensino formal e informal, dentre eles o Programa Amigos da Escola, lançado em 1999, por iniciativa da rede globo, com objetivos de melhorar a educação nas escolas públicas, incentivando a participação de todos (profissionais da educação, alunos, familiares, comunidade).

<http://amigosdaescola.globo.com/TVGlobo/Amigosdaescola>

Imagem 18 - Fachada da escola no início do ano 2000



Título	
FACHADA DA ESCOLA NO INICIO DO ANO 2000	
Arquivo	N.:
ARQUIVO DA SECRETARIA DA ESCOLA	197
Autoria	
Autoria	NÃO IDENTIFICADO
Copyright	ESCOLA ESTADUAL ROTARY DR NELSON DE ARAUJO
Formato	
Cores	COLORIDA
Tamanho	10 X 15 CM
Resolução	SUPORTE DE PAPEL
Extensão	
Datação	
Data Captação	2000
Local Captação	BRASIL/MS/DOURADOS/ ESCOLA
Data Digitalização	01/11/2010
Digitalizador (es)	MARILDA CABREIRA LEÃO LUIZ
Observações	
Legenda	
FOTO DA FACHADA DA FRENTE DA ESCOLA TIRADA NO INICIO DO ANO 2000	
Verso	
NÃO ACESSÍVEL – FOTO COLADA	
Origem	
ARQUIVO DA ESCOLA	
Comentários	
ENQUADRAMENTO MAIOR DA FOTO PARA MOSTRAR TODA A FRENTE DA ESCOLA, COM VARIÇÕES NO COLORIDO DA IMAGEM.	

Na **imagem 19** (ver p. 116), visualizamos a fachada da frente da escola no ano de 2010, com mudanças apenas em relação à pintura e cor. Foi pintado na cor verde tanto o prédio escolar como o muro.

O muro foi pintado novamente com desenhos desta vez relacionados à literatura infantil, pelos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Uma forma de mostrar que os alunos são capazes de produzir coisas lindas e embelezar a escola com a releitura da literatura infantil e infanto-juvenil sob forma de desenhos no muro da escola. O nome da escola foi pintado na cor verde mais escura.

Diante das mudanças de cores na fachada frontal da escola, percebe-se uma preocupação por parte da escola em tornar a sua frente ornamentada. Também na tentativa de embelezá-la para chamar atenção, pelo fato de se localizar em área central da cidade, onde um grande fluxo de pessoas circula diariamente.

Outro diferencial nesta imagem é a existência do ar condicionado, instalado ao lado esquerdo da porte de entrada. Também a troca do orelhão público por um mais moderno, e quanto ao enquadramento da imagem, foi capturada só a parte da frente do prédio escolar, sem a possibilidade de visualização dos lados, diferente da imagem anterior que mostrou toda a fachada da frente do mesmo. Visualiza-se também um poste na lateral da rua em frente a escola com a placa sinalizando que ali é passagem de pedestre, inclusive demonstrando que a rua em frente a escola é sentido único.

A Escola Estadual Rotary Dr. Nelson de Araújo, apesar das reformas na parte de pinturas, não avançou na ampliação de seu ambiente, pelo fato do espaço físico aberto ser reduzido. Pelo que se observa por meio das imagens, a escola está construída num espaço de semelhante a dois terrenos padrão na cidade de Dourados, ou seja, mais ou menos num tamanho de hum mil metros quadrados.

Tomamos a liberdade de avançar no recorte temporal deste estudo, para mostrar a mudança na fachada da escola nos meados do segundo semestre do ano 2011. A pintura da escola foi feita com as cores padrão do governo estadual de Mato Grosso do Sul. Conforme a **imagem 20** (ver p. 117), visualizamos a fachada atual da Escola Estadual Rotary Dr. Nelson de Araújo. Foi construída uma pequena rampa na calçada em frente o portão da escola, como forma de atender a Lei de Acessibilidade⁵, e uma cobertura na porta de entrada da frente da

⁵ *Lei de Acessibilidade* - Decreto lei 5296 de 2 de dezembro de 2004. Lei federal que vale em todos os estados e municípios.

escola. Outra observação feita é a construção de uma lombada na rua em frente a escola, para reduzir a velocidade dos carros, pelo fato dessa rua hoje, ser bastante movimentada, apesar de ser sentido único.

Em relação ao ambiente externo, onde o pátio era descoberto, o governo estadual investiu na construção da cobertura total do mesmo, até a saída no portão grande na lateral esquerda, conforme mostra a imagem. Outro destaque é a troca do portão grande, por outro portão novo, com uma estrutura diferente do portão anterior. Também houve a substituição do portão pequeno antigo por outro mais moderno.

Quanto ao enquadramento da imagem, no momento da captação optou-se por mostrar como ficou atualmente a frente da escola, observando que remete uma maior valorização do espaço escolar externo na questão da evolução na pintura do prédio escolar nas três últimas décadas.

Retomando a questão histórica de evolução do tempo quanto ao prédio escolar, três décadas se passaram, e um dos marcos principais preservados na estrutura do prédio escolar, foi a porta da frente e as janelas de vidro característicos de residências, bem como toda a sua fachada frontal predial, que não foi modificada. Pela imagem percebemos que não houve intenção por parte do órgão gestor central responsável pela escola, modificar ou transformar a estrutura da fachada frontal, sequer o muro foi modificado, sendo sempre o mesmo, ficando apenas em significativas mudanças de cores por meio das pinturas que evoluíram, porém no sentido de permanência da mesma estrutura física do prédio escolar.

Aparentemente, a imagem mostra que não sobrou área livre para futura ampliação da escola. A mesma continuou com suas cinco salas de aula, uma sala de tecnologia educacional aos fundos que passou por uma pequena ampliação, uma sala de professores, uma sala de secretaria e direção juntas, uma cozinha, uma pequena despensa, dois banheiros femininos e dois banheiros masculinos, um banheiro dos funcionários e seus 250 ou pouco mais alunos.

Outro fato que merece atenção é quanto ao estacionamento para os veículos na escola. Conforme registrou a imagem nº 16 (ver p. 107), o estacionamento era na rua, e conforme visualizamos por meio das demais imagens estudadas, o estacionamento continua no mesmo lugar, ou seja, na rua.

O local onde está situada a escola, não propicia benefícios de ampliação para a mesma, inclusive para construção de estacionamento, pela grande procura por localizações próximas à área central da cidade e já ser todos os terrenos adjacentes à escola construídos e habitados.

Nas proximidades da escola, existem hoje dois hospitais, um público e um particular, uma central de ambulâncias, mercearias, padarias, hospital veterinário, consultórios médicos, oficinas, residências, dentre outros estabelecimentos comerciais, de saúde e de beleza. Também bem próximo apenas à uma quadra de distância está localizado o Lar Santa Rita de Cássia, que abriga crianças abandonadas, inclusive desde o surgimento da escola no meados da década de 1970. Até a data atual, a escola atende alunos oriundos do mesmo, nas modalidades de ensino oferecidos, de 1º ao 5º ano do ensino fundamental.

Podemos levantar uma questão que no momento não tínhamos respostas: Por que não houve interesse por parte dos governantes em adquirir mais terrenos adjacentes ao da escola no final da década de 1970, ou na década de 1980, para futuras ampliações da escola, uma vez que a mesma está situada num local privilegiado na área central da cidade?

Segundo informações obtidas junto aos mais próximos da escola, dizem que o terreno da escola é da Prefeitura Municipal de Dourados e o prédio escolar é de responsabilidade do Estado, pertence ao governo do Estado de Mato Grosso do Sul, fato que merece um estudo nos documentos da escola, para comprovar as veracidades dessas informações.

A escola nas três últimas décadas passou por três reformas no sistema do ensino oferecido, o sistema seriado, depois o sistema de ciclos e por último o sistema por anos, com a ampliação do ensino fundamental de 9 anos para o ensino fundamental. O sistema de ensino seriado de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 nas escolas da rede estadual de Mato Grosso do Sul, foi até o ano de 1997. A partir de 1998, o Estado adotou para as escolas o sistema de ensino por ciclos na tentativa de superar o fracasso escolar em consequência das retenções de alunos no sistema de avaliação seriada.

O sistema de ciclos implantado na escola foi conforme a Resolução/SED nº 1.222, de 11 de fevereiro de 1998 “Dispõe sobre a instituição e organização curricular em ciclos no ensino fundamental, nas unidades escolares da Rede Estadual de Ensino de MS, com duração de 09 (nove) anos, a partir de 1998, e das outras providências”.

Quanto a mudança para o sistema de ensino por anos, se deu conforme a Lei 11.274 de 05 de fevereiro de 2006, ampliou o tempo de duração do ensino fundamental de 8 para 9 anos, sendo aprovado pela Deliberação CEE/MS nº 8.144, de 9 de outubro de 2006, que dispõe sobre o Ensino Fundamental com duração de 9 anos e matrícula obrigatória a partir dos 6 anos de idade no Sistema Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul.

O pesquisador deve ficar atento nos vários contextos que expressam mudanças ou permanências no âmbito da instituição pesquisada. Na educação todo tipo de materiais, inclusive a estrutura física, podem se constituir em vestígios e registros do cotidiano da escola, conforme pontuou Escolano:

Textos, mobiliário, espaços e todos os elementos que compõem a ferramenta escola também falam de nossas maneiras de pensar e sentir, o sistema de informação de educação em valores, a escola e as relações da escola com a sociedade da época (ESCOLANO, 1990, p. 07).

O acervo fotográfico mediante as práticas sociais da escola, além da organização, seleção e preservação, se faz necessário para compreender o contexto social como processo de construção de seus significados, levando em conta as relações da escola com a sociedade da época.

Imagem 19 - Fachada da Escola em 2010



Título	
FACHADA DA ESCOLA EM 2010	
Arquivo	N.:
ARQUIVO DO COMPUTADOR DA DIREÇÃO	01
Autoria	
Autoria	DIRETORA SANDRA
Copyright	ESCOLA ESTADUAL ROTARY DR NELSON DE ARAUJO
Formato	
Cores	COLORIDA
Tamanho	10 X 15 CM
Resolução	2592 X 1944 PIXELS
Extensão	JPEG
Datação	
Data Captação	17/06/2010
Local Captação	BRASIL/MS/DOURADOS/ ESCOLA
Data Digitalização	17/06/2010
Digitalizador (es)	NÃO IDENTIFICADO
Observações	
Legenda	
FOTO DA FACHADA DA FRENTE DA ESCOLA ESTADUAL DR. NELSON DE ARAUJO EM 2010	
Verso	
Origem	
ARQUIVO DA ESCOLA	
Comentários	
ENQUADRAMENTO APENAS DA FRENTE DA ESCOLA, A SOMBRA DAS ÁRVORES CONTRACENA COMA LUZ SOLAR E A COR VERDE DO PRÉDIO SCOLAR.	

Imagem 20 - Fachada atual da escola em 2011



Título	
FACHADA DA ESCOLA EM 2011	
Arquivo	N.:
DISPOSITIVO FOTOGRÁFICO DA PESQUISADORA	532
Autoria	
Autoria	MARILDA CABREIRA LEÃO LUIZ
Copyright	ESCOLA ESTADUAL ROTARY DR NELSON DE ARAUJO
Formato	
Cores	COLORIDA
Tamanho	15 X 10 CM
Resolução	4000 x 3000 PIXELS
Extensão	JPEG
Datação	
Data Captação	NOVEMBRO DE 2011
Local Captação	BRASIL/MS/DOURADOS/ ESCOLA
Data Digitalização	DEZEMBRO DE 2011
Digitalizador (es)	MARILDA C. LEÃO LUIZ
Observações	
Legenda	
FOTO DA FACHADA DA FRENTE DA ESCOLA ESTADUAL DR. NELSON DE ARAUJO EM 2011	
Verso	
Origem	
ARQUIVO DA ESCOLA	
Comentários	
ENQUADRAMENTO MAIOR DA FRENTE DA ESCOLA, SEM VISUALIZAÇÃO DO LADO DIREITO, DESTACADA AS CORES DA BANDEIRA DO ESTADO DO MS NO PRÉDIO ESCOLAR. A CHUVA NO MOMENTO DA CAPTURA ESCURECEU A FOTO	

As fotografias escolares revelam o funcionamento do cotidiano escolar, a partir do momento que elas existem e nós as visualizamos. “Fizemos da [...] verdade o equivalente da visão perfeita. [...] cremos que as coisas e os outros existem porque os vemos e que os vemos porque existem” (CHAUÍ, 2000, p.21).

Para Kossoy (2002), o uso da imagem fotográfica em pesquisas, tem se constituído como uma função atribuída à fotografia por esta ser considerada um registro fidedigno da realidade. Para os historiadores a fotografia é um documento e pode servir para ajudar a responder perguntas sobre acontecimentos passados.

De todo o processo, somente a fotografia sobrevive, algumas vezes em seu artefato original, outras vezes apenas o registro visual reproduzido [...] A fotografia é memória e com ela se confunde. Fonte inesgotável de informação e emoção. Memória visual do mundo físico e natural, da vida individual e social. registro que cristaliza, enquanto dura, a imagem – escolhida e refletida- de uma ínfima porção de espaço do mundo exterior. É também a paralisação súbita do incontestável avança dos ponteiros do relógio: é, pois o documento que retém a imagem fugidia de um instante da vida que flui ininterruptamente (KOSSOY, 2001, p. 156).

As imagens fotográficas podem se constituir tanto na construção da memória bem como a escrita da história da escola, dependerá do diálogo estabelecido do historiador. Os acervos escolares são guardiões da memória escolar. “Os lugares de memória são duplos, enquanto guarda seus acervos ao mesmo tempo pode ser aberto a novas leituras do passado e do presente” (VIDAL (2005, p.19)

As imagens fotográficas da Escola Estadual Rotary Dr. Nelson de Araujo se constituem numa grande quantidade e variedades, possibilitando várias interpretações sob vários olhares. Elas podem nos passar todo o tipo de mensagem, revelando como era o ensino desde década final de 1970, e até mesmo como era feito o trabalho filantrópico com as crianças do Lar Santa Rita de Cássia que foram os primeiros a serem atendidos pela escola.

O cotidiano da escola pública pode ser observado e estudado por meio das imagens fotográficas, além dos documentos escritos.

São os simples que nos libertam dos simplismos, que nos pedem a explicação científica mais consistente, a melhor e mais profunda compreensão da totalidade concreta que reveste de sentido o visível e o invisível. (...). É na vida cotidiana que a história se desvenda ou se oculta (MARTINS, 2000, p. 13).

As imagens fotográficas contribuem na sociedade como forma de registro histórico que revela a memória dos diferentes segmentos sociais.

Para Von Simson (1998), as imagens fotográficas veiculam e contribuem para a formação do imaginário de uma sociedade. Por outro lado, a fotografia é uma forma de registro histórico-sociológico, que revela através dos signos fotográficos a memória da vida social e cotidiana de pessoas dos diferentes segmentos sociais que compõem os centros urbanos. Como exemplo de um desses segmentos sociais é a escola Nelson de Araújo que faz parte do contexto urbano.

Numa tentativa de encerramento desta pesquisa percebemos que o trabalho não se deve parar por aqui, mas como produto final da dissertação pretende-se ainda a elaboração de um manual para estimular outras instituições escolares quanto a organização, preservação e disponibilização da memória imagética da escola. Não apenas organizar e disponibilizar, mas se possível informar, conforme destaca Magalhães “não basta limpar, inventariar e organizar, é também fundamental reinstalar a informação a partir de uma nova organização” (MAGALHÃES, 1999, p. 59).

Furtado (2004) chamou atenção para uma análise mais aprofundada do documento enquanto fonte, que merece ser efetuada e torna-se fértil para o campo de estudo da cultura escolar das instituições de ensino. Concordamos com Furtado, e para esta etapa da pesquisa, com certeza seria fundamental a dedicação aos mínimos detalhes que compõem as imagens fotográficas da Escola Estadual Rotary Dr. Nelson de Araújo. Porém, fizemos o necessário que o tempo nos permitiu, tendo em vista que, não fez parte dos nossos objetivos a análise das imagens, mas sim a organização e sistematização das imagens fotográficas enquanto fontes para disponibilização e acesso.

Evitamos uma análise mais aprofundada e determinística das imagens e o tipo de discurso que as mesmas possam oferecer, no sentido de influenciar a cultura e ideologia da escola, ficando no limite de uma descrição histórica do conteúdo das fotografias, na tentativa de demonstrar algumas mudanças e permanências no período de 1980 a 2010.

Segundo Valim (2006) imagens são produções complexas, que incorporam diferentes discursos, capazes de articular o meio político com as relações sociais.

Imagens são produções complexas que incorporam discursos sociais e políticos cuja análise e interpretação exigem métodos de leitura e crítica capazes de articular sua inserção no meio político e nas relações sociais em que são criados, veiculados e recebidos. (VALIM, 2006, p. 18).

Para Valim as produções como imagens de filmes, têm significados variados, o que não é diferente para com as imagens fotográficas, que se constituem como produções de

variadas interpretações incorporando significados múltiplos “[...] reconhecemos que essas produções comportam significados múltiplos e que se mostram por meio de referências ideológicas e estéticas singulares” (VALIM, 2006, p.18).

As imagens ora analisadas possibilitaram a identificação dos aspectos históricos das festas juninas, do grupo escolar e das instalações físicas da Escola Estadual Rotary Dr. Nelson de Araújo, nas três últimas décadas, destacando que não foram utilizadas outras fontes documentais nessa pesquisa, trabalhamos apenas por meio das imagens. Para Funari (2005), a história também se faz com testemunhos, com objetos, com paisagens e não necessariamente com documentos escritos.

Espera-se por meio deste trabalho ter estimulado a Escola Estadual Rotary Dr. Nelson de Araújo, dentro dos seus limites, dar continuidade no trabalho de organização das imagens como preservação da memória imagética, e ao mesmo tempo servir de exemplo para outras escolas fazerem o mesmo. Com a popularização da máquina fotográfica nas escolas, os acervos escolares compõem-se cada vez mais de imagens fotográficas, enfocando aspectos da vida escolar e seus significados cotidianos.

O uso da fotografia como fonte, embora muito discutida atualmente, ainda não é uma preferência em pesquisas na área da educação. Os congressos e encontros da História da Educação demonstram, por meio dos trabalhos apresentados, que são recentes a exploração por meio da fotografia, por conseguinte, não exploram a ampliação das problematizações possibilitadas pelo uso da imagem. Destacamos, assim, a relevância desta pesquisa na contribuição em História da Educação,

Até os meados do século XIX a fotografia era rara e cara, que só a elite da época podia vivenciar. Aos poucos as fotografias foram se tornando “banais”, atualmente em grande “expansão” recebendo muitas vezes pouco cuidado, e acabam se perdendo ou se deteriorando, sem preocupação por parte da escola como patrimônio histórico.

No entanto, a foto não esgota sua utilidade ou função pela simples contemplação estética. Exceto em algumas fotos artísticas, o que prende nossa atenção à imagem não é apenas a apreciação do belo, mas a possibilidade de reconhecer/ conhecer o real. Vemo-nos transportados no tempo e no espaço, tocando o passado, eternizado pela ação mecânica da máquina fotográfica. Nesse sentido, poderíamos afirmar que a importância da fotografia como fonte para a história e a história da educação residiria nesse seu dom de permitir visualizar o ontem e o outro em seus contornos de verdade. Apesar de apaziguadora, essa relação entre fotografia e história, especialmente desde o fim dos anos 1970, vem sendo problematizada, por diferentes aproximações teóricas (ABDALA & VIDAL, 2005, p. 1).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo foi desenvolvido com as imagens fotográficas da Escola Estadual Rotary Dr. Nelson de Araújo, localizada na da cidade de Dourados MS. Também foram feitas visitas no Museu Histórico Municipal de Dourados para levantamentos de fotografias referentes à escola. A pesquisa compreendeu o período de 1980 a 2010.

As imagens vêm sendo associadas nas pesquisas em História da Educação, no intuito de mostrar que a fotografia se coloca no desafio para a reconstrução de memórias e registros históricos. Como documento de pesquisa, depende de exploração. Pois a imagem é uma fonte capaz de informar sobre o passado e o conhecimento histórico referente ao contexto social, político e cultural.

A fotografia é uma fonte histórica que depende do historiador fazer sua análise ou crítica, sem se importar se o registro fotográfico foi feito para documentar ou para representar um estilo de vida. O pesquisador ou historiador deve se apresentar com atitude de pesquisador.

Alguns teóricos como Mauad (1996), Burke (2004), Martins (2009), apontam estudos por meio das imagens, percebendo-se desta forma que a fotografia ao longo de sua história, tem contribuído com sua função de representar uma qualidade nas pesquisas em História da Educação, como nas Ciências Sociais, não ficando apenas na representação técnica.

Para Ciavatta (2002), a fotografia pode ser considerada como outras linguagens, que expressa a compreensão pelo olhar, pelos modos de ver, as relações. Se a fotografia acompanha a vida humana como representação da realidade, como memória e expressão da cultura de um povo, de uma época, e até mesmo da escola, como garantia de uma visão do passado, hoje, com a comunicação informatizada, propõe o desafio de compreendê-la em novas temporalidades, como mediação complexa dos processos educativos.

O pesquisador hoje se depara com vários gêneros de fontes de pesquisa e suas especificidades, a exemplo da fotografia, que vem se destacando como uma nova fonte de investigação em História da Educação, onde aos poucos vem sendo utilizada em trabalhos acadêmicos como teses, dissertações ou monografias de fim de curso, mostrando várias possibilidades de reflexões acerca da memória e história das instituições escolares.

A fotografia como fonte nesta pesquisa, se tornou um recurso valioso, possibilitando a organização, digitalização e conservação, atribuindo alguns significados importantes do passado da vida da escola, até o momento presente, por meio das análises, e ao mesmo resgatou a auto-estima dos sujeitos integrantes nas ações proporcionadas durante a proposta de intervenção realizada na escola.

O início da organização do acervo de imagens da escola Estadual Rotary Dr. Nelson de Araújo, aconteceu no segundo semestre do ano de 2010, onde primeiro foi disponibilizado pela escola, as imagens fotográficas com suporte de papel, que estavam acondicionadas em pastas catálogos, onde a maioria fotos estavam coladas em folhas de papel sulfite. Depois da seleção e identificação dessas imagens nas fichas, tivemos acesso às imagens digitais, onde, grande parte das mesmas estavam armazenadas em CDS, e o restante no computador da secretaria da escola e em dispositivo pendrive.

Organizamos um total de 515 imagens fotográficas, sendo 36 imagens da década de 1980, 101 imagens da década de 1990, 374 imagens da década de 2000, e 04 imagens do médico Nelson de Araújo, que encontramos nos acervos do Museu Histórico Municipal de Dourados, relacionadas ao período de 1930 a 1960. No Museu não foram encontradas outras imagens referentes a escola. Na organização das imagens fotográficas foram consideradas as fotografias e as imagens em jornais.

Na tentativa de não ficar só na organização das imagens para a escola, decidimos em propor na mesma um plano de intervenção, que estimulasse para a realização deste trabalho, uma vez que, não envolve altos custos, e a escola dispõe dos recursos tecnológicos que podem auxiliar neste trabalho.

O projeto de intervenção na escola foi desenvolvido como Projeto Memória Imagética da Escola Nelson de Araújo, com as turmas dos 3^{os} anos do ensino fundamental, nos meses de fevereiro, março e abril de 2011, considerado como relevante a participação de alunos e professores nas ações propostas no mesmo, e a valorização do uso dos recursos tecnológicos disponíveis na escola.

As ações do projeto para os professores se constituíram numa soma aos conteúdos propostos nas disciplinas de História e Geografia, estendendo-se para Língua Portuguesa e Matemática. Todas as atividades propostas contribuíram na aprendizagem dos alunos e prática dos professores, tanto na ênfase teórica como tecnológica, mostrando dessa forma que é

possível fazer um trabalho integrado com as várias disciplinas, sou seja, a interdisciplinaridade.

Alunos e professores perceberam que os recursos tecnológicos disponíveis na escola, se constituem em recursos importantes, que podem ser utilizados para organizar, digitalizar, divulgar e estimular o acervo de fotografias da escola. Além da internet que constitui como um meio de divulgação das ações da escola, inclusive, pode ser utilizada para divulgar a memória imagética da escola, desde que assegurado os direitos autorais.

Foi necessária a realização do projeto de intervenção na escola, para estimular na mesma o interesse em arquivar, organizar e disponibilizar as imagens fotográficas, através do qual percebemos grande interesse da escola dar continuidade nesse trabalho.

Podemos afirmar como ponto positivo, o envolvimento e o interesse por parte da escola, em abrir suas portas para nossa proposta de organização do acervo de imagens, e a necessidade de aplicação de um projeto de intervenção, envolvendo alunos e professores, nessa ação, revelando que os nossos objetivos foram alcançados.

Ponto negativo? Poderíamos, dizer que, pelo curto prazo, apenas três meses na escola, não foi possível estender a aplicação da intervenção, em todas as turmas de alunos e professores, mas mesmo assim, todos participaram de uma forma indireta, onde os alunos e professores dos 3ºs anos, apresentaram o projeto para todas as turmas de alunos e para os demais professores, inclusive fotografando-os.

Para mais um incentivo por parte da escola em continuar organizando sua memória imagética, está sendo sistematizado o material do projeto de intervenção, em forma de um manual, que será disponibilizado na mesma. Destacando que esse manual será apenas como uma referência, e pode sofrer alterações, pelo fato de que tudo evolui rapidamente, e o mesmo em breve ficará desatualizado. Ficando a cargo da escola, a autonomia em refletir mudanças na forma de organizar seu acervo de imagens.

Para Nora (1993), a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem e no objeto, a história se prende às continuidades temporais, à evolução e às relações entre as coisas. Dessa forma, conclui-se que a cada novo tipo de fotografia que o pesquisador vai transformar essa imagem fotográfica num objeto de estudo, vê na obrigatoriedade de atualizar os métodos de análise e atribuir os significados.

O manual também será disponibilizado para outras escolas da cidade de Dourados, na tentativa de estimular para a realização do mesmo trabalho com suas imagens fotográficas,

mostrando que é possível organizar e disponibilizar a memória imagética, e após a organização das imagens, pode avançar mais, no sentido de escrever a história da escola por meio das imagens.

Quanto ao banco de dados das imagens, foram organizados dois tipos de acervos, um acervo com as imagens originais num total de 5 volumes e o outro acervo com a reprodução das imagens, também com 5 volumes. Destacando que foi organizado um volume único, pequeno com a reprodução das imagens do médico Nelson de Araújo. O acervo de reprodução das imagens foi organizado para manipulação cotidiana, no sentido de preservar as imagens originais.

As imagens estão organizadas em pastas no computador por décadas e temas, no Power Point, sob forma de apresentação. Cada imagem acompanha sua ficha de identificação. As mesmas imagens estão armazenadas em CDS e DVDS. Posteriormente serão disponibilizadas no Google Docs. e Blog da escola.

As imagens organizadas da Escola Estadual Rotary Dr. Nelson de Araújo, reconstrói a memória imagética no período de 1980 a 2000. Destacamos também que, através da prática de organização da memória imagética da escola, atribui sentido a sua história por meio das fotografias. A história é sentido, é o porquê, envolve a relação com a vida das pessoas. E para escrever a história precisamos das fontes organizadas.

Com as fontes organizadas mostramos que foi possível fazer uma exploração na história da escola por meio das imagens, embora não sendo objetivo desta pesquisa a análise das imagens. Porém, diante das imagens organizadas e acatando a sugestão da banca de qualificação, selecionamos um grupo de onze imagens para analisarmos, sendo três imagens das festas juninas, três imagens do grupo escolar (alunos e professores) e cinco imagens do prédio escolar, associadas a uma comparação nas três últimas décadas, para destacar mudanças e permanências no contexto histórico da escola.

As imagens por si revelaram o contexto histórico que a escola foi traçando nessas três últimas décadas, mostrando poucas mudanças nos trajes típicos de festa junina, e de acordo com as imagens comparando uma com a outra, em décadas diferentes, percebe-se que o espaço escolar utilizado é o mesmo, embora tenha se passado quase trinta anos.

Os trajes se assemelham aos mesmos utilizados de uma década para outra, mudando apenas na questão de alguns modelos e cores das vestes. Quanto ao espaço utilizado para realização da festa junina, revela que a escola não dispõe de outro espaço.

O hábito das vestes cotidianas dos alunos é o uso do uniforme, onde houve mudanças na cor e nos modelos das camisetas. O uniforme das décadas de 1980 e 1990, e início do ano 2000, eram de responsabilidade dos pais dos alunos. Porém percebemos também que alguns alunos, principalmente na década de 1980 e 1990, freqüentaram a escola sem o uso do uniforme, e isso revela ao fato da escola, desde sua criação atender alunos carentes, que residem no Lar Santa Rita de Cássia de Dourados-MS, e também alunos de bairros periféricos da cidade.

Apesar da escola estar situada na zona central da cidade, recebe alunos de outros bairros, onde os mesmos utilizam o transporte de bicicleta e até mesmo ônibus coletivo. Revelando dessa forma que o uniforme não é obrigatório, é apenas como uma regra da escola, respeitando o poder aquisitivo das famílias que não tem condições de adquirir o uniforme, e nem por isso a criança deixará de ir para a escola. Mesmo passados 30 anos, percebemos que o uniforme, embora, instituído para identificar o aluno como sendo de uma escola, não atinge os 100% dos alunos o seu uso.

O final da primeira década de 2000, marca mudanças na forma dos alunos adquirirem o uniforme nas escolas estaduais de Mato Grosso do Sul. O governo estadual passou a oferecer gratuitamente o uniforme aos alunos, se tornando padrão o uniforme distribuído pela gestão do governador André Puccinelli, em todas as escolas estaduais do Estado de Mato Grosso do Sul. Todos os alunos da Escola Estadual Rotary Dr. Nelson de Araújo, receberam o uniforme do governo. Cada aluno recebeu duas camisetas de uniforme.

Quanto ao prédio escolar, por meio das imagens percebemos que houve mudanças significativas, pois na década de 1980, uma parte do prédio ainda era de madeira, e aos poucos foi sendo reformado para alvenaria. Houve ampliação de alguns ambientes conforme as imagens revelaram, como reforma na pintura praticamente em cada década, mudando a cor o prédio da escola, e no final desta última década, o prédio foi pintado novamente com as cores do governo estadual do MS, destacando que a Escola Estadual Rotary Dr. Nelson de Araujo se caracteriza como uma das primeiras a ser pintada com as cores padrão do governo estadual, além de outras escolas estaduais que estão sendo reformadas na cidade de Dourados e na região do MS.

Outra mudança significativa que destacamos na escola, foi o pátio livre da escola, que apesar de não ser muito extenso, foi todo coberto com telhado de zinco, adaptados ventiladores no mesmo, e com cobertura até na saída do portão da escola para a rua, antes os alunos utilizavam este espaço nas atividades e aulas de Educação Física sob o sol, pois não

havia cobertura. Só lembrando que está cobertura foi feita no mesmo espaço utilizado há 30 anos pela escola, reforçando que a mesma não dispõe de outra área livre para devidas ampliações.

Diante das poucas e descritivas análises das imagens, podemos destacar que a escola nessas três últimas décadas sofreu poucas mudanças significativas, não ficando só em permanências, mas houve um investimento tanto por parte da escola, que mesmo sendo pública e depende dos recursos públicos para manutenção, ainda conta com a parceria dos rotarianos do Rotary Clube de Dourados, pois isso vem já da época do médico Nelson de Araújo, que também era rotariano, e investiu na criação da escola.

Nossa pesquisa apontou as seguintes conclusões:

Imagem é importante para história, inclusive História em Educação.

O acervo de conclusão das imagens aumentou a importância da imagem fotográfica na utilização como fonte, em História da Educação.

As escolas têm muitas dificuldades em organizar seus acervos, sobretudo imagético, por isso é importante e necessário uma ação neste sentido.

A ação de intervenção se constituiu numa proposta favorável e possível para incentivar a escola na continuidade desse trabalho.

O trabalho desenvolvido nesta pesquisa é possível ser feito em outras escolas, conforme Certeau (1994) “um povo só consegue se manter vivo quando suas crenças são transmitidas através das palavras para as gerações que se seguem”.

O reconhecimento da organização acervo fotográfico inclusive com a participação de alunos e professores, foi acatado pela Escola estadual Rotary Dr. Nelson de Araujo, como documento importante para a história da educação, e que pode operar em outros espaços, como o espaço dos arquivos da escola, para disponibilização e acesso enquanto fontes.

Nossa pesquisa se destacou na diferença em relação a outros trabalhos feitos com a organização de acervos escolares documentais, aonde na maioria das vezes o pesquisador vai até a escola, organiza os documentos e não trabalha com a realidade da escola no sentido de envolver a escola nessa ação de organização.

Trabalhamos com base no real do que a escola já dispõe, envolvendo a mesma nesse trabalho, de uma forma sustentável, mostrando a importância do como fazer esse tipo de ação,

sem ser preciso investir altos custos, mas por meio dos recursos tecnológicos que a escola dispõe.

Qualquer um dos aspectos abordados aqui pode ser desenvolvido de acordo com a evolução do tempo, principalmente em relação aos recursos tecnológicos que evoluem rapidamente. E com as imagens não é diferente, pois se trata de um tema multifacetado, que inclusive pode apontar outros caminhos de exploração e até mesmo nas formas de organização. Não só com fotografias escolares, mas também com outros documentos da escola.

BIBLIOGRAFIA E REFERÊNCIAS

ABDALA, Rachel Duarte e VIDAL, Diana Gonçalves. **A fotografia como fonte para a História da Educação:** questões teórico-metodológicas e de pesquisa. Revista Centro de Educação. vol. 30 - n° 02 . Edição: 2005. Disponível em <http://coralx.ufsm.br>

AZEVEDO, Fernando de. A nova política de edificações escolares, **Boletim de Educação Pública**, n.1, 1930. p.88.

BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Trad. Manuela Torres. Edições 70, Lisboa- Portugal, 1981.

BENJAMIN, Walter. Pequena história da fotografia. In: **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. Edição. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas).

BENCOSTTA, M. L. A. **Arquitetura e espaço escolar:** reflexões acerca do processo de implantação dos primeiros grupos escolares de Curitiba (1903 – 1928). Educar em Revista. Curitiba, nº 18, p. 103 – 141 Jul/Dez. 2001.

_____, M. L. A.; MEIRA, A. Fotografias e culturas escolares: universo digital e reservação da memória. In: III Congresso Brasileiro de História da Educação, 2004, Curitiba. III Congresso Brasileiro de História da Educação. **Educação Escolar em perspectiva histórica**. Curitiba: PUC-PR, 2004, vol. 1, p. 62-63.

BONATO, Nailda Marinho C. **A Escola Profissional para o sexo feminino através da imagem fotográfica**. Campinas: Unicamp, 2003 (Tese de Doutorado).

BLOCH, Marc. **Apologia da História:** ou ofício de historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & Fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica. 2003.

BOURDIEU, Pierre. BOURDIEU, Marie-Claire. **O Camponês e a Fotografia**. Ver. Sociol. Polit. Curitiba, 26, p. 31 – 39. Jun, 2006.

_____, Pierre; PASSERON, Jean Claude. **A reprodução:** elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Perspectiva, 1975.

_____, Pierre. “Sobre o poder simbólico”. In : **O poder simbólico**. Lisboa : DIFEL, 1989.

_____, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

_____, Pierre. **Esboço de Uma Teoria da Prática, Precedido de Três Estudos de Etnologia Cabila**, Oeiras: Celta Editora, 2002.

BRASIL, ARQUIVO NACIONAL. Dicionário brasileiro de terminologia **arquivística**. Rio de Janeiro: **Arquivo nacional**, 2005. 232p. Publicações técnicas; n.51.

BRASIL. ARQUIVO NACIONAL. Manual de Arranjo e Descrição de arquivos. Preparado pela associação dos arquivistas Holandesas. 2ª ed. Rio de Janeiro, **Arquivo Nacional**, 1973 (originalmente publicado em 1898).

BRASIL. **Conselho Nacional de Arquivos – CONARQ – Recomendações para Digitalização de documentos Arquivísticos Permanentes – 2010.**

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394** de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Lei 11.274/2006**. Lei Federal que altera a redação dos artigos 29,30, 32 e 87 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional,dispondo sobre a duração de nove anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos seis anos de idade. Brasília: DF, 2006.

BURGI, Sérgio - **Introdução à preservação e conservação de acervos fotográficos** - técnicas, métodos e materiais. Ministério da Cultura - FUNART, Rio de Janeiro, 1988.

BURKE, Peter.**Testemunha ocular: história e imagem**. Tradução Vera Maria Xavier dos Santos; revisão técnica Daniel Aarão Reis Filho. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CÂMARA CASCUDO. L. **Dicionário do folclore brasileiro**. Brasília, DF: Instituto Nacional do Livro, 1972.

CARDOSO, Ciro Flamarion e MAUAD, Ana Maria. Historia e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (Orgs). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997, cap. 18 p. 401 – 417.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Trad.Ephraim Ferreira Alves. 4ª.ed. Petrópolis: Vozes, 1994

CHAUÍ, Marilena. Janela da alma, espelho do mundo. In: NOVAES, Adauto (Org.). **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras. 2000.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.1990.

CIAVATTA, Maria Franco; O Mundo do Trabalho em Imagens - **A fotografia como fonte histórica**: conceitos fundamentais para a interpretação da imagem fotográfica, Editora DP&A, 2002.

COOK, Terry. What is past is prologue: a history of archival ideas since 1898, and the future paradigm shift. **Archivaria, The Journal of the Association of Canadian Archivists**. N.43, p. 18-63, spring 1997.

CONWAY, Paul. **Preservação no universo digital**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos, 2001. 32 p.

CORTELLA, Mario Sergio. **A escola e o conhecimento**: fundamentos epistemológicos e políticos. São Paulo: Editora Cortez. 1998.

DAL BOSCO, Maria Goretti. **Viajantes da Ilusão: os pioneiros**. Dourados: Via Nova, 1995. p. 59-65.

DIRECTION DES ARCHIVES DE FRANCE. **Manual d'archivistique**. Théorie et pratique des archives publiques em France. Ouvrage élaboré par L'Association des Archivistes Français. Paris: Archives Nationales, 1991 (originalmente publicado em 1970).

DOURADOS. (Municípios), **Jornal O Progresso**. 10 de janeiro de 2000.

DOURADOS. (Municípios). **Projeto Político Pedagógico** da Escola Estadual Rotary Dr. Nelson de Araújo. Reelaborado em 2010.

DUCHEIN, Michel. Prólogo. In: FUGUERAS, Ramon. **Los Archivos, entre La memória histórica y La sociedad del conocimiento**. Madrid: Editorial UOC, 2003, p. 11-12.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Paulinas, 1989.

ESCOLANO, Agustín. **Presentación**. In: Cien Años de Escuela em España (1875-1975). Salamanca: Kadmos, 1990.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VIDAL, Diana Gonçalves. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 14, mai./ago 2000, p. 19-34.

FERNANDES, Maria Dilnéia Espíndola & FREITAS, Dirce Nei Teixeira de. **Percursos e Desafios da Municipalização do Ensino Fundamental em Dourados – MS – DED – UFMS**. 2001. Disponível em: www.anped.org.br/26/trabalhos/mariadilneiaespindolafernandes.rtf -).

FLUSSER. Vilén. **A Filosofia da Caixa Preta**: Ensaio para uma futura filosofia da fotografia. Editora Ucitec - São Paulo, 1985, 92 p.

FONSECA, Maria Odila. **Arquivologia e Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FUNARI, Pedro Paulo. Fontes arqueológicas. O historiador e a cultura material. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____, Pedro Paulo e PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio Histórico e Cultural**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

_____, Pedro Paulo. Os historiadores e a cultura material. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p.81-110.

FURTADO, Alessandra Cristina. **Os Arquivos escolares e sua Documentação: possibilidades e limites para a pesquisa em História da Educação**. InCID: R. Ci. Inf. e Doc., Ribeirão Preto, v. 2, n. 2, p. 145-159, jul./dez. 2011. Disponível em <http://www.brapci.ufpr.br>

GEBARA, Ademir. **O lugar da História**. Texto integrante dos Anais do XVII Encontro regional de História – ANPUH/SP – UNICAMP. Campinas, 6 a 10 de setembro de 2004. CD-ROM.

GIRARDI, Jr. Liraucio. Pierre Bourdieu: **questões de sociologia e comunicação**. São Paulo: Annablume. Fapesp, 2007.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo.; VIDAL, Diana Gonçalves. (orgs.) Brasil 500 anos: **Tópicos em História da Educação**. São Paulo: Edusp, 2001.

_____, Maria Lucia Spedo. **História da Educação Brasileira: leituras**. São Paulo: Pioneira. Thomson Learning, 2003.

HOBBSAWN Eric, RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. 6. Editor Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

JENKINSON, Hilary. **A manual of archive administration**. A reissue of the revised second edition with an introduction and bibliography by Roger H. Ellis. London: Percy Lund, Humphries & Co. 1966.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: O novo ritmo da informação**. Campinas, SP: Papirus, 2007.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 3ª edição. Editora São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

_____, Boris. **Fotografia & História**. 2 edição revisada. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

KHUN, Thomas S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1975. 262p. Tradução: Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. Título original: The Structure of Scientific Revolutions. Data de publicação original: 1969.

LACERDA, Aline Lopes de. **A fotografia nos arquivos**: a produção de documentos fotográficos da Fundação Rockefeller durante o combate à febre amarela no Brasil (tese de doutorado em História Social) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; SP, 2008.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.

_____, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

_____, Jacques . **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LEITE, Mirian Moreira. **Retratos de Família**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, USP ,1993.

LIMA. S. Mayumi. **Arquitetura e Educação**. São Paulo: Studio Nobel,1995..

LUDKE, Menga. A complexa relação entre o professor e a pesquisa. In: **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. 2ª edição, Campinas, S.P.: Papyrus Editora. 2002.

_____, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MAGALHÃES. Justino. **Contributo para a História das Instituições Educativas – entre a memória e o arquivo**. In: FERNANDES, Rogério e MAGALHÃES, Justino (orgs.) Para a História do Ensino Liceal em Portugal: Actas dos Colóquios do I Centenário da Reforma de Jaime Moniz (1894-1895). Braga, Portugal: Universidade do Minho, 1999, p.63-77.

MARCON, Mônica D'Andréa. **Aspectos históricos do uso dos uniformes escolares**: reflexões no campo da educação e da moda (1940-2000 Caxias do Sul). Dissertação de mestrado. 2010. UCS. BRASIL.

MARROU, H.I. Do conhecimento histórico. Editorial. **A historia faz-se com documentos**. Aster, Ltda – largo d. Estefania, 8-1º - Lisboa - Portugal - 1974. Capítulo. 3.

MARTINS, Jose de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. 1ª edição. 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2009.

_____, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**: cotidiano e história na modernidade anômala. S. Paulo: Hucitec, 2000.

MATO GROSSO DO SUL. (Estado). **Deliberação CEE n. 8144**, de 09 outubro de 2006. Campo Grande: MS, SED, 2006.

MAUAD, A. M. **Sob o signo da imagem**: a produção da fotografia e o controle dos códigos de representação social pela classe dominante no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX. 1990. 2v. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 1990. (Publicada em 2003 em <http://www.historia.uff.br/labhoi/tesdis.htm>).

_____, Ana Maria. **Através da Imagem**: possibilidades teórico-metodológicas para a Análise de Fotografias como fonte Histórica. IN: Anais do seminário da Imagem, Imagem da Pedagogia, Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, Junho de 1995.

_____, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história interfaces. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 1, n.º 2, 1996, p. 73-98.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Fontes visuais, cultura visual, história visual**. Balanço provisório, propostas cautelares. Rev. Bras. Hist. vol.23 n.º.45 São Paulo, Julho, 2003

MENEZES, M. C.; MORAES, C. S. V. Preservação do Patrimônio Histórico Institucional: a importância dos acervos escolares no estudo da instituição. In: VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, 2006, Uberlândia. **Percursos e desafios da pesquisa e do ensino de História da Educação**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2006. p. 445-454.

MORAES, Carmen Sylvia Vidigal & ALVES Julia Falivene. **Inventário de Fontes Documentais**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado-FAPESP, 2002. 197 p.

MOREIRA, R. H. T. (Org.). **Memória fotográfica de Dourados**. Dourados, MS: UFMS, 1990.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares, In: **Projeto História**. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.

NUNES, Clarice. Memória e História da Educação: Entre práticas e representações. In: **Educação em foco**. vol.7, n.º 2, set./fev. 2002/2003 : UFJF.

_____, Clarice; CARVALHO, Marta C. Historiografia da Educação e Fontes. **Cadernos ANPED**. Porto Alegre, n.º 5, p. 7-64, 1993.

ORTIZ, Renato. Pierre Bourdieu: **O Campo Científico**. Org. FLORESTAN, Fernandes. Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

PAVÃO, Luís – Preservação de fotografia na era do digital. Páginas a & b: **arquivos e bibliotecas**. Lisboa. ISSN 0873-5670. 2002, P. 3-19.

PELEGRINI, Sandra C. A. O patrimônio cultural no discurso e na lei: trajetórias do debate sobre a preservação no Brasil. **Patrimônio e Memória** - Revista Eletrônica CEDAP, vol. 2, n. 2, p. 1-24. , Assis – São Paulo, 2006.

_____, Sandra C. A. História e Pintura. Um destaque à produção pictórica de Cândido Portinari in: **Diálogos e saberes**. Mandaguari: FAFIMAN, 2004.

_____, Sandra C. A. A Arte e o Patrimônio latino-americano no ensino e na pesquisa histórica. **Anais Eletrônicos do VII Encontro Internacional da ANPHLAC**. Campinas 2006. ISBN 978-85-61621-00-

PERRENOUD, P. **Dez Novas Competências para Ensinar**. Porto Alegre, Editora Artmed. 2000.

SANTOS, Reinaldo dos. Tese de Doutorado intitulada: **Mídia, Democracia e Coronelismo Eletrônico**, Ano de Obtenção: 2005. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Brasil.

SARAT, M. ; MANCINI, A. P. G. História e Memória da Educação: instituições escolares e infância no município de Dourados e região (1940-1990). In: VII Jornada do HISTEDBR. . **A Organização do Trabalho Didático na História da Educação**. Campo Grande, 2007.

SATO, Larissa Ayumi; COSTA Mônica Patrícia. **A fotografia como fonte de recuperação histórica do Norte do Paraná**. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Santos – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007. Disponível em <http://www.intercom.org.br>

SCHAPOCHNIK, Nelson. **Historia de Vida Privada no Brasil**. Cartões – álbuns de família e ícones da intimidade. Coordenador - geral da coleção Fernando A. Novais: organizador do volume Nicolau Sevenko. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. (Historia de vida privada no Brasil, vol. 3).

SHELLENBERG, T.R. **Arquivos modernos: princípios e técnicas**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. (originalmente publicado em 1956) e SHELLENBERG, T. R. **The management of archives**. Whashington D. D: National Archives and Records Administration, 1988 (originalmente publicado em 1965 e publicado no Brasil pelo Arquivo Nacional, sob o título: Arquivos privados e públicos: arranjo e descrição).

SILVA, Maria Antonia Couto. As relações entre pintura e fotografia no Brasil do século XIX: considerações acerca do álbum Brasil Pitoresco de Charles Ribeyrolles e Victor Frond, **Fênix Revista de História e Estudos Culturais**, vol. 4, n.2 abril-junho e 2007 p. 1-18.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. Reconstituindo arquivos escolares: a experiência do GEM/MT. **Revista Brasileira de Historia da Educação / SBHE** – nº 10 - Jul./Dez. 2005.

SOUZA, Rosa Fátima. Texto: Um Itinerário de Pesquisa Sobre a Cultura Escolar, IN: **Ideário e Imagens da educação escolar**. Marcus Vinicius da Cunha (org.). Campinas, SP. Autores associados, Araquara, SP: Programa de Pós-graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, 2000. – (Coleção Polêmica do Nosso Tempo.73).

_____, Rosa Fátima. Fotografias escolares: a leitura de imagens na história da escola primária. **Revista Educar**, Curitiba, n. 18, p. 75-101, 2001.

_____, Rosa Fátima de. **Templos de Civilização: A Implantação da Escola Primária Graduada no Estado de São Paulo.** São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

STEPHANOU, M., Bastos, Maria Helena Câmara (orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil.** Vol. III. Século XX – Editora Vozes, 2005 Petrópolis – RJ.

TAGG, John. **The burden of representation.** Essays on photography and histories. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993.

TOURAINÉ, Alain . O Método da Sociologia da Ação: A Intervenção Sociológica. **Novos Estudos.** Cebrap. 1 (3), p. 36-45. Julho, 1982. (Tradução de Danielle Ardaillon; originalmente publicado na Revue de Sociologie Schewiz-Ges. F. Soziologie / Soc. Suisse de Sociologie).

VALIM, Alexandre Busko. **Imagens Vigeadas: uma História Social do Cinema no Ivorecer da Guerra Fria, 1945-1954.** Tese de Doutorado. Ano de obtenção 2006. Universidade Federal Fluminense, UFF. Brasil.

_____, Alexandre Busko. . Imagens vigeadas: uma História Social do Cinema no alvorecer da Guerra Fria, 1945-1954. **Diálogos.** Maringá, vol. 9, n. 4, 2006. p. 197-200.

VIDAL, Diana Gonçalves, HILSDORF Maria Lúcia Spedo (organizadoras). **Brasil 500 anos: Tópicos em História da Educação.** São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2001.

_____, Diana Gonçalves. Arquivos escolares: desafios à prática e à pesquisa em história da educação. **Revista Brasileira da História da Educação.** SBHE - Sociedade Brasileira de História da Educação. Julho/dezembro 2005 n° 10 ISSN 1519-5902.

_____, Diana Gonçalves. Cultura e prática escolares: uma reflexão sobre documentos e arquivos escolares. In: SOUZA, Rosa F. e VALDEMARIN, Vera T. (orgs.) **Acultura escolar em debate: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa.** Campinas, SP: autores Associados, 2005. Apoio: UNESP/FCLAR.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. Imagem e memória. In: SAMAIN, Etienne. **O fotográfico.** São Paulo: Hucitec, 1998. Páginas 21 a 34.